

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROJETO E CIDADE
MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ELANA DA SILVA ROMUALDO

**EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA NO SETOR CENTRAL DE GOIÂNIA (1953-1975):
ANÁLISE TIPO-MORFOLÓGICA**

GOIÂNIA

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

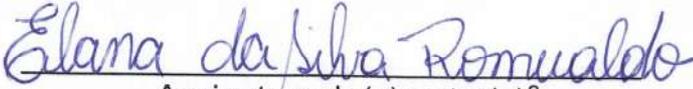
Nome completo do autor: Elana da Silva Romualdo

Título do trabalho: EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA NO SETOR CENTRAL DE GOIÂNIA (1953-1975): análise tipo-morfológica

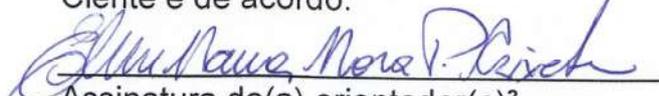
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 25 / 07 / 18

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

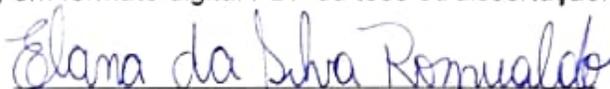
Nome completo do(a) autor(a): Elana da Silva Romualdo

Título do trabalho: EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA NO SETOR CENTRAL DE GOIÂNIA (1953-1975); análise tipo-morfológica

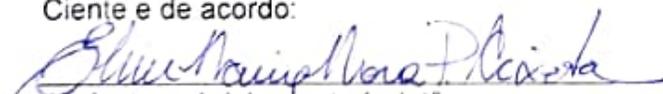
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 12/02/2021

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROJETO E CIDADE
MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ELANA DA SILVA ROMUALDO

EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA NO SETOR CENTRAL DE GOIÂNIA (1953-1975): ANÁLISE TIPO-MORFOLÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em *Projeto e Cidade*.

Linha de Pesquisa do Mestrado:

História e Teoria da Arquitetura e da Cidade.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Eline M. M. Pereira Caixeta

Goiânia

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

ROMUALDO, ELANA DA SILVA
EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA NO SETOR CENTRAL
DE GOIÂNIA (1953-1975): ANÁLISE TIPO-MORFOLÓGICA [manuscrito]
/ ELANA DA SILVA ROMUALDO. - 2018.
155 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. ELINE MARIA MORA PEREIRA CAIXETA.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura - Projeto e Cidade, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, mapas, fotografias, gráfico, lista de figuras, lista de tabelas.

1. História da arquitetura e da cidade. 2. Arquitetura moderna. 3. Cultura Arquitetônica. 4. Habitação coletiva em altura. 5. Projeto arquitetônico. I. CAIXETA, ELINE MARIA MORA PEREIRA, orient. II. Título.

CDU 72

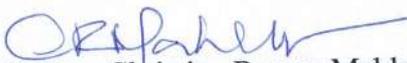
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE
Campus Samambaia, Av. Esperança, s/nº - Campus Universitário – CEP: 74.690-900, Goiânia/GO.
Fones: (62) 3521-1413 www.fav.ufg.br/projetoecidade

Ata nº 07/2018 da reunião da banca examinadora da defesa de dissertação de **ELANA DA SILVA ROMUALDO** - Aos vinte e nove dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito (29/06/2018), às 14h00min, na sala 13 da Faculdade de Artes Visuais da UFG, Campus Samambaia, foi realizada a sessão pública de avaliação da dissertação intitulada “Edifícios habitacionais em altura no setor central de Goiânia (1953-1975): análise tipo-morfológica”, em nível de Mestrado, área de concentração em Projeto, Teoria, História e Crítica, linha de pesquisa em História e Teoria da Arquitetura e da Cidade, de autoria de ELANA DA SILVA ROMUALDO, discente do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás. A banca examinadora foi composta pela Profa. Dra. Eline Maria Mora Pereira Caixeta (PPGPC/UFG), orientadora e presidente da sessão; pela Profa. Dra. Christine Ramos Mahler (PPGPC/UFG) e pelo Prof. Dr. Marcio Cotrim Cunha (UFPB). A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Eline Maria Mora Pereira Caixeta, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra a seguir, foi concedida à autora da dissertação que, em 20 minutos procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu a examinanda. Terminada a arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº. 1488/2017 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, a dissertação foi considerada APROVADA, com as seguintes observações da banca examinadora: É NECESSÁRIA UMA REVISÃO ORTOGRÁFICA E UMA REVISÃO DO CAPÍTULO UM, VISANDO A MELHOR ARTICULAÇÃO ENTRE OS DIFERENTES AUTORES E A SÍNTESE TEÓRICO-METODOLÓGICA QUE SERÁ UTILIZADA NO CAPÍTULO 3.

Cumpridas as formalidades de pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e, para constar, eu, Rafael Argôlo Coelho, secretário do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, lavrei a presente Ata que depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em quatro vias de igual teor.



Profa. Dra. Eline Maria Mora Pereira Caixeta
Presidente – PPGPC/UFG



Profa. Dra. Christine Ramos Mahler
PPGPC/UFG



Prof. Dr. Marcio Cotrim Cunha

**“Arquitetura é a arte científica de fazer as estruturas
expressarem ideais”.**

Frank Lloyd Wright

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, Elielina e Fernando, por apoiarem minhas decisões.

A Caio Cesar pela tolerância e auxílio incondicional.

As minhas irmãs Fernanda, Elisiane e Elielina pelo companheirismo.

Aos professores do programa de mestrado Projeto e Cidade da

Universidade Federal de Goiás pelos ensinamentos.

Em especial à orientadora, **Eline Maria Moura Pereira Caixeta**,

pela paciência e parceria dispensadas nesse trabalho.

Aos professores Christine Ramos Mahler e Marcio Cotrim Cunha

por participarem das bancas de qualificação e defesa.

Aos amigos, mestres e professores com quem convivi e compartilhei

os momentos de trabalho e que colaboraram de algum modo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG)

pelo auxílio e fomento à pesquisa.

RESUMO

ROMUALDO, Elana da Silva. Edifícios habitacionais em altura no Setor Central de Goiânia (1953-1975): análise tipo-morfológica. 2018. Dissertação (Mestrado Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás.

Os edifícios habitacionais em altura evidenciaram-se na paisagem horizontalizada de Goiânia a partir do início da década de 1950 e representam uma nova alternativa de habitar para a população de classe média e alta no Setor Central da cidade. Pouco antes, no âmbito nacional e internacional, a habitação coletiva manifesta-se como um tema importante discutido, analisado e desenvolvido pelos arquitetos modernos e é incorporada às novas tipologias arquitetônicas que irão desenhar as cidades. Os edifícios estudados nessa pesquisa fazem parte dessa produção, entretanto, compreende apenas as habitações coletivas verticalizadas que, representam para a cidade e o estado, um acervo importante e moderno que, ao mesmo tempo, transforma o cenário urbano. A pesquisa apresentada busca compreender a relação entre esses edifícios e a estrutura urbana planejada pelo arquiteto urbanista Atílio Corrêa Lima. Ela está

fundamentada no contexto da arquitetura moderna nacional e internacional, e propõe identificar nesses edifícios os elementos e as características definidoras dessa arquitetura. Esses exemplares foram construídos em dois períodos: o primeiro entre 1953 e 1964, que demarca a construção dos primeiros edifícios e do início da verticalização da cidade, e o segundo entre 1965 e 1975 com uma produção mais significativa, mudanças visíveis no panorama urbano, a atuação das incorporadoras e construtoras e a aceitação dos apartamentos como moradia moderna. Foi necessário estabelecer critérios para categorização, compreensão e identificação das tipologias-morfológicas apresentadas. O mapeamento e a análise das obras foram sintetizados buscando a reflexão integral do conjunto. Os estudos projetuais aprofundados possibilitaram o entendimento de alguns exemplares que, de certa forma, proporcionaram o conhecimento da totalidade. Assim, as habitações em altura, promoveram a expansão dessa tipologia arquitetônica na cidade, tornando-se um elemento definidor da paisagem urbana e uma tipologia indispensável na formação da cidade.

Palavras-chave: História da arquitetura e da cidade, Arquitetura moderna, Cultura Arquitetônica, Habitação coletiva em altura e Projeto arquitetônico.

ABSTRACT

ROMUALDO, Elana da Silva. Housing buildings in height in the Central Sector of Goiânia (1953-1975): morphological-type analysis. 2018. Dissertation (Master Project and City) - Faculty of Visual Arts, Federal University of Goiás.

The housing buildings in height were evident in the horizontalized landscape of Goiânia from the beginning of the 1950s and represent a new alternative to inhabit the middle and upper-class population in the Central Sector of the city. Shortly before, on a national and international level, collective housing manifests itself as an important theme discussed, analyzed and developed by modern architects and incorporated into the new architectural typologies that will design cities. The buildings studied in this research form part of this production. However, it comprises only the vertically integrated collective dwellings which, for the city and the state, represent an important modern collection that, at the same time, transforms the urban scene. The present research seeks to understand the relationship between these buildings and the urban structure planned by the urban architect Atílio Corrêa Lima. It is based on the context

of modern national and international architecture and proposes to identify in these buildings the defining elements and characteristics of this architecture. These were constructed in two periods: the first between 1953 and 1964, which marks the construction of the first buildings and the beginning of the verticalization of the city, and the second between 1965 and 1975 with a more significant production, visible changes in the urban panorama, the construction companies and the acceptance of the apartments as a modern dwelling. It was necessary to establish criteria for categorization, understanding and identification of the morphological typologies presented. The mapping and analysis of the works were synthesized seeking the integral reflection of the whole. The in-depth design studies allowed the understanding of some specimens that, in a way, provided the knowledge of the totality. Thus, the housing in height, promoted the expansion of this architectural typology in the city, becoming a defining element of the urban landscape and an indispensable typology in the formation of the city.

Keywords: History of architecture and city, Modern architecture, Architectural culture, Collective housing in height and Architectural design.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

- FIGURA 1 – Cidade tradicional – Guardia / Espanha.
- FIGURA 2 – Habitação coletiva do início do século XX - Espanha.
- FIGURA 3 – Edifício First Leiter - Chicago (1879).
- FIGURA 4 – Edifício Reliance - Chicago (1894).
- FIGURA 5 – Edifício Franklin - Paris (1903).
- FIGURA 6 – Cidade Jardim – Welwyn / Reino Unido (1919).
- FIGURA 7 – Cidade Contemporânea de Le Corbusier (1922).
- FIGURA 8 – Panorama da cidade Contemporânea de Le Corbusier.
- FIGURA 9 – Cidade compacta de Hilberseimer (1925).
- FIGURA 10 – Planta de distribuição eficaz de uma cozinha.
- FIGURA 11 – Método de comparação gráfica – Alexandre Klein.
- FIGURA 12 – Plantas apresentadas ao 2º CIAM / habitações mínimas.
- FIGURA 13 – Edifício Bergpolder - Rotterdam (1933-1934).
- FIGURA 14 – Implantação.
- FIGURA 15 – Conjunto Karl-Marx-Hof (1927).
- FIGURA 16 – High Point I - Londres, (1933-5).
- FIGURA 17 – Implantação do edifício.
- FIGURA 18 – Pavimento tipo.
- FIGURA 19 – Unité d’Habitation – Marselha (1947-52).
- FIGURA 20 – Corte transversal
- FIGURA 21 – Lake Shore Drive - Chicago (1948-51).
- FIGURA 22 – Implantação.
- FIGURA 23 – Pavimento bloco A.
- FIGURA 24 – Pavimento bloco B.
- FIGURA 25 – Edifícios Esther – São Paulo (1935).
- FIGURA 26 – Implantação.
- FIGURA 27 – Edifício Pedregulho – Rio de Janeiro (1947).
- FIGURA 28 – Fachada Bloco B.
- FIGURA 29 – Edifícios Parque Guinle – Rio de Janeiro (1948-54).
- FIGURA 30 – Implantação – Edifício Nova Cintra.
- FIGURA 31 – Edifício dos Bancários de Ponte Nova.
- FIGURA 32 – Plano Piloto de Goiânia (1935).
- FIGURA 33 – Plano definitivo (1938).
- FIGURA 34 – Planta do Setor Central pioneiro de Goiânia, elaborada por Coimbra Bueno & Cia. Ltda. Zoneamento e traçado viário
- FIGURA 35 – Mapa esquemático: tipologias das quadras.
- FIGURA 36 – Alameda Botafogo – aspecto residencial e muros com um metro de altura.

FIGURA 37 – Setor Central ao fundo e Setor Sul em primeiro plano. Verticalização da paisagem - 1964

FIGURA 38 – Setor Central em primeiro plano e Setor Sul ao fundo.

FIGURA 39 – Perspectiva do Edifício da Soc. de Pecuária (SGPA).

FIGURA 40 – Edifício Sandoval de Azevedo –1954.

FIGURA 41 – Edifício Banco Lar Brasileiro – (1958-61).

FIGURA 42 – Edifício do antigo BEG – Avenida Goiás (1964).

FIGURA 43– Paisagem com predominância de edificações de até dois pavimentos.

FIGURA 44 - Hotel Presidente no primeiro plano e o Edifício Concórdia e Pioneiro ao fundo. Avenida Anhanguera com Avenida Tocantins (Déc.50).

FIGURA 45 – Edifício Itumbiara à direita e estação ferroviária ao fundo. Avenida Goiás com rua 4.

FIGURA 46 – Edifício 28 de Agosto.

FIGURA 47 – Anúncios do jornal O Popular – Edifício Goiandira.

FIGURA 48 – Planta baixa pavimento tipo Edifício Goiandira.

FIGURA 49 – Anúncios do jornal O Popular – Edifício São José.

FIGURA 50 – Planta Baixa apartamento Edifício Esplanada

FIGURA 51 – Edifício Kennedy no primeiro plano e Edifícios Bemosa ao fundo. Rua 8 com Rua 5 (1963).

FIGURA 52 – Edifício Dona Chavia no primeiro plano, Edifício Goiandira no segundo e o Edifício Lilia ao fundo.

FIGURA 53 – Edifícios da Família real (1966-69) e Edifício Wilson Féres (1970).

FIGURA 54 – No primeiro plano os edifícios habitacionais em altura implantados na avenida Goiás e Rua 9 e no segundo plano, ao fundo, a Estação Ferroviária.

FIGURA 55 – Edifícios Concórdia e Pioneiro (1953)

FIGURA 56 – Edifício Itumbiara (1954).

FIGURA 57 – Edifício 28 de Agosto (1957-58).

FIGURA 58 – Edifício Drogasil (C.1957-61).

FIGURA 59 – Dona Chavia (1960-64).

FIGURA 60 – Edifício Fidelis (C. 1961-68)

FIGURA 61 - Edifício Myrthes (C. 1961-68).

FIGURA 62 – Edifício Queen Elizabeth (C. 1961-68).

FIGURA 63 – Edifício Wilson Féres (C. 1961-68).

FIGURA 64 – Edifício Clara de Lourdes (1962).

FIGURA 65 – Edifício Esplanada (1962).

FIGURA 66 – Edifício Goiandira (1962).

FIGURA 67 – Edifício Kennedy (1962-63)

FIGURA 68 – Edifício Dom Pedro I (1964-66).

FIGURA 69 – Edifício Uirapuru (1964).

FIGURA 70 – Edifício Bemosa (1965).
FIGURA 71 – Edifício Lilia (1965).
FIGURA 72 – Edifício Tocantins (1965).
FIGURA 73 – Edifício Acaiaca (1966-71).
FIGURA 74 – Edifício Cascatinha (1966).
FIGURA 75 – Edifício Dom João VI (1966).
FIGURA 76 - Edifício Dom Pedro II (1966).
FIGURA 77 – Edifício Fenelon (1966).
FIGURA 78 – Edifício Gesse (1966).
FIGURA 79 – Edifício Alencastro Veiga (C.1968-75).
FIGURA 80 – Edifício Andrelli (C.1968-75).
FIGURA 81 – Edifício Araguaia (C.1968-75).
FIGURA 82 – Edifício Induáia (C. 1968-75).
FIGURA 83 – Edifício Javina (1968).
FIGURA 84 – Edifício Marquês de Olinda (1968-71).
FIGURA 85 – Edifício Rural (C. 1968-1975).
FIGURA 86 – Edifício Dom Abel (1969).
FIGURA 87 – Edifício Princesa Isabel (1969).
FIGURA 88 – Edifício Edith (1973-74).
FIGURA 89 – Edifício Liliane (1975).
FIGURA 90 – Jogo de volumes – Edifício Myrthes.

FIGURA 91 – Janela de correr com Veneziana com abertura total do vão - Edifício Gesse.
FIGURA 92 – Janela veneziana maxiar com Veneziana.
FIGURA 93 – Janelas em fita – Edifício Alencastro Veiga.
FIGURA 94 – Janelas em fita intercaladas aos pilares.
FIGURA 95 – Janelas em fita que envolvem os cantos do edifício.
FIGURA 96 – Janela com peitoril baixo – foto interna do apartamento Bemosa.
FIGURA 97 – Revestimentos. Edifício Kennedy, Wilson Féres e Dom João VI.
FIGURA 98 – Cobogós – banheiro (Edifício Fenelon) área de serviço (Edifício Bemosa).
FIGURA 99 – Detalhe cobogós – planos verticais nas fachadas. Edifícios Javina e Liliane.
FIGURA 100 – *Brisés Soleil* edifícios Kennedy e Alencastro Veiga.
FIGURA 101 – Detalhe sacada. Edifícios Concórdia e Pioneiro.
FIGURA 102 – Detalhes falsos pilotis. Edifício Dom Abel.
FIGURA 103 – Detalhes pilares circulares. Edifício Fenelon.
FIGURA 104 – Entorno: Edifício 28 de Agosto à esquerda, Edifícios Concórdia e Pioneiro ao centro e Teatro Goiânia à direita.
FIGURA 105 - Corte – Edifícios Concórdia e Pioneiro.

FIGURA 106 – Planta Baixa pavimento térreo – Edifício Concórdia e Pioneiro.

FIGURA 107 – Planta baixa pavimento tipo – Edifício Concórdia/Pioneiro.

FIGURA 108 - Volumetria – Edifícios Concórdia e Pioneiro.

FIGURA 109 – Detalhes edifícios Pioneiro e Concórdia.

FIGURA 110 – Entorno: Edifícios Concórdia e Pioneiro á esquerda e Edifício 28 de Agosto ao Centro.

FIGURA 111 – Corte A.

FIGURA 112 – Planta baixa pavimento térreo.

FIGURA 113 – Planta baixa mezanino.

FIGURA 114 – Planta baixa pavimento tipo.

FIGURA 115 – Volumetria do edifício.

FIGURA 116 – Edifício 28 de Agosto.

FIGURA 117 – Entorno: Edifício Kennedy à esquerda, Edifício Wilson Féres ao centro e os edifícios da família real á esquerda.

FIGURA 118 – Corte AA.

FIGURA 119 – Planta Baixa pavimento térreo.

FIGURA 120 – Planta baixa pavimento tipo.

FIGURA 121 – Volumetria do edifício.

FIGURA 122 – Edifício Wilson Féres.

FIGURA 123 – Entorno: Edifício Wilson Féres à esquerda, Edifício Kennedy ao centro e Edifício Bemosa à direita.

FIGURA 124 – Corte Transversal AA.

FIGURA 125 – Planta baixa pavimento térreo.

FIGURA 126 – Planta Baixa pavimento tipo.

FIGURA 127 – Volumetria do edifício.

FIGURA 128 – Edifício Kennedy.

FIGURA 129 – Entorno: Edifício Kennedy à esquerda ao fundo, Edifício Wilson Féres à esquerda, Família real (Edifício Princesa Isabel, Dom Pedro I, Dom João VI e Dom Pedro II - esquerda para direita) e Marquês de Olinda à direita.

FIGURA 130 – Corte transversal AA.

FIGURA 131 – Planta baixa pavimento térreo.

FIGURA 132 – Planta baixa pavimento tipo.

FIGURA 133 – Volumetria do edifício.

FIGURA 134 – Edifício Dom Pedro I.

FIGURA 135 – Entorno: Edifício Dom Abel à esquerda e Edifício Acaiaca à direita.

FIGURA 136 – Corte longitudinal AA.

FIGURA 137 – Planta baixa pavimento térreo.

FIGURA 138 – Planta baixa pavimento tipo.

FIGURA 139 – Volumetria do edifício. Fachada frontal à esquerda e fachada lateral direita ao centro e fachada posterior à direita.

FIGURA 140 – Edifício Acaiaca.

FIGURA 141 – Entorno: Edifício Fenelon no primeiro plano e Edifício Cascatinha ao fundo.

FIGURA 142 – Corte transversal.

FIGURA 143 – Planta baixa pavimento térreo.

FIGURA 144 – Planta baixa pavimentos tipo – pavimento tipo A à esquerda e pavimento tipo B à direita.

FIGURA 145 – Volumetria do edifício. Fachada esquina à esquerda, fachada Avenida Goiás e fachada posterior à direita.

FIGURA 146 – Edifício Fenelon.

FIGURA 147 – Entorno: Edifício Acaiaca à esquerda e Edifício Dom Abel ao centro.

FIGURA 148 – Corte transversal – AA.

FIGURA 149 – Planta baixa pavimento térreo.

FIGURA 150 – Planta baixa pavimento tipo.

FIGURA 151 – Volumetria do edifício. Fachada Sudeste e Nordeste abaixo.

FIGURA 152 – Edifício Dom Abel.

FIGURA 153 – Entorno: Vila Cultura Cora Coralina e Teatro Goiânia ao centro e Edifício Edith ao fundo.

FIGURA 154 – Corte transversal AA.

FIGURA 155 – Planta baixa pavimento térreo.

FIGURA 156 – Planta baixa edifício Edith.

FIGURA 157 – Volumetria do edifício. Fachada posterior à esquerda e fachada frontal à direita.

FIGURA 158 – Edifício Edith.

FIGURA 159 - Armário do quarto/Edifício Concórdia (imagem à esquerda) e armário na sala de estar do Edifício Edith (imagem à direita).

FIGURA 160 – Funcionograma dos apartamentos – esquema geral.

GRÁFICO 1 – Uso do pavimento térreo.

GRÁFICO 2 – Gabarito dos edifícios (térreo e pavimentos tipo).

GRÁFICO 3 – Tipologias do volume principal.

GRÁFICO 4 – Relação entre a área construída total do apartamento e a área total dos setores.

MAPA 1 – Recorte espacial – Setor Central de Goiânia.

MAPA 2 – Edifícios habitacionais em altura do Setor Central de Goiânia construídos entre 1953 e 1975.

MAPA 3 – Uso do pavimento térreo.

MAPA 4 – Gabarito dos edifícios.

MAPA 5 – Síntese tipos de quadra/terreno e volume principal.

TABELA 1 – Diagrama esquemático - Tipologias de implantação.

TABELA 2 - Diagrama esquemático - Tipologias volumétricas dos volumes principais e suas variações.

TABELA 3 – Diagrama esquemático – Tipologias de fachadas.

TABELA 4 – Diagrama esquemático – Aberturas.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BEG – Banco do Estado de Goiás.

BNH – Banco Nacional de Habitação.

CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna.

IAP - Instituto de Aposentadoria e Pensões.

IAPB – Instituto de Aposentadoria e Pensão dos bancários.

IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensão dos comerciários.

PDIG – Plano de Desenvolvimento integrado de Goiânia.

SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo.

SGPA – Sociedade de Pecuária e Agricultura de Goiânia.

UCG – Universidade Católica de Goiás.

UFG - Universidade Federal de Goiás.

SUMÁRIO
AGRADECIMENTOS
RESUMO
ABSTRACT
LISTA DE FIGURASE TABELAS
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS
INTRODUÇÃO - 18
CAPÍTULO I – EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA NO CONTEXTO DA ARQUITETURA MODERNA - 27
1.1 Um novo conceito de cidade - 30
1.2 A racionalização da construção habitacional - 34
1.3 Novos tipos ideais modernos - 39
1.3.1 Habitações em altura no Brasil - 45

CAPÍTULO II – ENSAIOS GOIANIENSES: VERTICALIZAÇÃO, ARQUITETURA MODERNA E A INTRODUÇÃO DO TIPO - 51
2.1 Estrutura Urbana Planejada - 53
2.2 Processo de verticalização - 57
2.3 Edifícios em altura - 61
2.3.1 Edifícios comerciais e institucionais - 61
2.3.2 Edifícios habitacionais - 64
CAPÍTULO III – ANÁLISE TIPO-MORFOLÓGICA DOS EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA - 78
3.1 Tipologias formais e de implantação - 79
3.2 Estudos aprofundados - 107
3.2.1 Edifícios Concórdia e Pioneiro (1953) - 108
3.2.2 Edifício 28 de Agosto (1957-8) - 112
3.2.3 Edifício Wilson Féres (C.1961-1968) - 116
3.2.4 Edifício Kennedy (1962-3) - 120
3.2.5 Edifício Dom Pedro I (1964-6) - 124
3.2.6 Edifício Acaiaca (1966-71) - 127

- 3.2.7 Edifício Fenelon (1966) - 131
- 3.2.8 Edifício Dom Abel (1969) - 135
- 3.2.9 Edifício Edith (1973-4) - 139

CONSIDERAÇÕES FINAIS - 146

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - 150

ANEXO

INTRODUÇÃO

O crescimento das cidades europeias, norte e sul-americanas, no início do século XX, provocado pela crescente industrialização, migração e urbanização, motivou a intensificação da produção habitacional, fundamentada em um contexto de mudanças políticas e culturais da sociedade.

Essas construções apresentaram novas soluções arquitetônicas e urbanísticas, diferente de tudo o que havia sido produzido até esse momento. Exibiu-se nas habitações coletivas grandes reformulações: espaciais, formais, estruturais, assim como, dos materiais e dos elementos decorativos utilizados; da relação intrínseca entre a cidade e o edifício, da conexão entre o público e o privado, do individual e do coletivo. Essa associação fundamentou-se e estabeleceu-se nos preceitos da arquitetura moderna.

Muito desenvolveu-se com os estudos e a construção em série dessas habitações e, apesar de vários estudos realizados no século XIX, será apenas no início do século XX que as primeiras experiências das vanguardas modernas irão transcender o problema da habitação (MONTANER, 2015).

Os edifícios habitacionais em altura, como nova tipologia edificatória, desenvolveram-se e adaptaram-se às particularidades do novo modo de morar moderno, integrando-se às tipologias arquitetônicas das habitações coletivas e, aos poucos, conquistaram o interesse dos arquitetos do período, submetendo-se assim, em um processo de contínua investigação arquitetônica e urbanística.

Eles resultaram das novas tecnologias construtivas, da racionalização, da seriação, da edificação e reconstrução das áreas urbanas associadas aos ideais das cidades compactas modernas. Essa concepção urbanística está fundamentada na alta densidade, ou seja, a verticalização dos edifícios é adotada como solução projetual para melhor aproveitamento do solo urbano.

No Brasil, as torres de apartamentos, popularizaram inicialmente nas principais capitais do país – Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador – entre os anos 1930 e 1940, instalando-se posteriormente em outras capitais (SEGAWA, 2012). No Estado de Goiás, elas apresentaram-se no início de 1950 em sua nova capital: Goiânia, idealizada na década de 1930 como “cidade moderna”. No primeiro momento, elas foram implantadas no Setor Central da cidade e sucessivamente no Setor Oeste e Setor Sul, expandindo-se nas próximas décadas (1960 - 1970) para os setores Marista e Bueno (VAZ, 2002).

O Setor Central coincide com o centro tradicional da cidade e consolidou-se desde a fundação de Goiânia, tornando-se um núcleo a partir do qual ela se desenvolveu e se expandiu. Esse crescimento é justificado pelo aumento populacional acelerado que, segundo o IBGE, em 1950 a população urbana era de 53.389 habitantes, na década seguinte, 151.013 e em 1970 a população havia triplicado novamente com 380.773 moradores.

Na década de 1950, os poucos edifícios em altura da cidade já estampavam a imagem urbana hegemônica com construções de até quatro pavimentos. Na década seguinte são mais notáveis e já apresentavam exemplares de uso habitacional, comercial e institucional, modificando consideravelmente o panorama urbano. Ao mesmo tempo, a arquitetura moderna já havia conquistado seu espaço e estava sendo expressa através de várias obras significativas.

As torres de apartamento do Setor Central, construídas entre 1953 e 1975, fundamentam-se na arquitetura moderna internacional e nacional apresentando elementos significativos de composição como a utilização de platibandas, pilotis, terraços, *brises-soleils*, colunas circulares, a estrutura aparente na fachada, as janelas horizontais que percorrem as elevações principais, assim como, uma diversidade tipológica exponencial.

As notáveis semelhanças arquitetônicas e urbanísticas nos vários edifícios nacionais modernos da mesma tipologia, construídos nesse período, a exemplo dos apresentados nos estudos de Bonduki e Koury (2014), possibilitam, já no primeiro contato, diferenciá-los dos contemporâneos através de suas particularidades externas.

Essa produção distinta, com soluções típicas e exemplares significativos, evidencia concepções projetuais singulares e confere interesse à paisagem do bairro. Ela acompanha o processo de verticalização do setor e, em alguns casos, apresenta maior gabarito do que os edifícios comerciais e institucionais.

Inseridos em uma estrutura planejada e consolidada, apoiados à noção de cidade moderna concentrada, distinguem-se das diretrizes propostas no plano urbanístico original em que a unidade mínima de habitação é a casa.

Ao mesmo tempo, auxiliam na evolução da indústria civil ao utilizar materiais tecnológicos e de alto custo – vidro, ferro, alumínio, revestimentos cerâmicos, mármore e madeira –; ao racionalizar o processo construtivo, as estruturas e a espacialidade das unidades habitacionais; ao empregar o concreto armado como solução estrutural e ao aplicar o elevador como alternativa para as circulações verticais. Esses dois últimos foram empregados mesmo, nos edifícios

construídos na década de 1950; o que demonstra o acompanhamento local ao desenvolvimento do país.

Os apartamentos eram destinados, em sua maioria, a moradores de médio e alto poder aquisitivo, sendo que, já em meados da década de 1960, o setor Central já se encontrava estagnado como alternativa de moradia para a população que idealizava morar no alto e no moderno. Analogamente, no contexto nacional, essa tipologia também apresentava maior aceitação como alternativa de morar na cidade.

Dessa forma, os edifícios habitacionais em altura do Setor Central de Goiânia como resultado da arquitetura moderna nacional, fundamentam este trabalho no **questionamento** de quais são as soluções tipo-morfológicas apresentadas por eles.

Construídos a partir de 1953 e associados às transformações visuais do setor, eles desenvolveram-se em dois momentos distintos¹: o primeiro, do período entre 1953 e 1964, demarcou o início da formação da paisagem verticalizada, da propagação do novo tipo de morar coletivo e da difusão da nova tipologia arquitetônica como

alternativa construtiva e o segundo, nos anos de 1965 à 1975, foi estabelecido da transformação da imagem urbana do bairro em função do processo de verticalização intensificado, da alteração no parcelamento fundiário, da produtividade abundante da atuação das construtoras e incorporadoras e da maior aceitação por parte da população de classe média e alta em morar nesses edifícios.

A diversidade tipológica apresentada por esses exemplares goianos conduz à **hipótese** de que estão fundamentados nos preceitos modernos de inovação, experimentação e na busca em explorar as potencialidades do tecido urbano planejado, contudo, no sentido dessa investigação estão condicionados aos materiais, à mão de obra e às tecnologias construtivas da região.

Os seus idealizadores, que contribuíram intensamente na formação desse acervo significativo, dividem-se em dois grupos: o primeiro era formado por profissionais de outras localidades que atuaram em Goiânia através dos Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAPs) e de

¹ Periodização fundamentada na apresentada por Maria Diva A. Coelho Vaz (2002) adequada à produção dos edifícios habitacionais em altura e ao recorte temporal desta dissertação. Entretanto, a autora ainda apresenta mais dois momentos distintos no processo de formação da paisagem verticalizada do Setor Central de Goiânia: o primeiro, entre 1975 a 1992, também caracterizado como período de transformação

e que, o perfil de verticalização é praticamente igual ao atual e o segundo, entre 1992 e 2002, caracterizado como período de decadência do bairro através do desenvolvimento de novas centralidades e expansão horizontalizada da cidade, mudança dos prestadores de serviço e da priorização habitacional verticalizada em outros setores (VAZ, 2002).

grandes construtoras e o segundo era composto por arquitetos locais com formação em diferentes cidades do país.

Portanto, a pesquisa tem como **objeto de estudo** os edifícios habitacionais em altura² do Setor Central de Goiânia produzidos entre 1953 e 1975 e os tipos-morfológicos neles presentes, visando entender como o projeto moderno foi expresso nessa produção.

Para realizar a análise tipo-morfológica, ampara-se nas reflexões de Argan que buscam definir os fundamentos conceituais da teoria do tipo no campo da arquitetura e nos desdobramentos produzidos por Leupen e Panerai, acerca dos conceitos de ‘tipo’ e de ‘tipologia’ e dos processos de análise tipológica, bem como nas reflexões de Montaner sobre o conceito de tipologia e sua abordagem no processo de projeto.

Argan (1962) define o tipo como o resultado de várias obras, ou seja, a fusão de todas elas em uma forma básica comum. Segundo o autor, as tipologias arquitetônicas são resultantes de um processo histórico da arquitetura e podem ser categorizadas de três formas: pela integralização da construção (planta baixa), pelos elementos

estruturais básicos (sistemas construtivos) e pelos elementos decorativos (decoração final).

Ao mesmo tempo, o conceito de tipologia, segundo Montaner (2001), está baseado nos desfechos arquitetônicos morfológicos universais, negando-se aos princípios funcionalistas e beneficiando a estrutura, o tipo e a forma. O autor ressalta, por sua vez, sua importância para o processo criativo e projetual, além do papel de simples instrumento de análise.

O estudo tipológico, segundo Panerai (2006), diz respeito à junção e à identificação dos tipos existentes, assim como, de suas relações globais. As análises das tipologias, para ele, podem ser feitas através da identificação das propriedades comuns em cada família existente, definindo assim, o “tipo arquitetônico”.

O estudo tipológico, portanto, está relacionado à análise, à compreensão e ao entendimento arquitetônico e urbanístico. Ele estimula a análise do projeto e proporciona ao investigador os meios para designar os diversos elementos da arquitetura e da cidade, assim como, descobrir como os elementos estão contextualizados na

² A partir da bibliografia analisada e das características arquitetônicas e urbanísticas considera-se edifícios habitacionais em altura os que apresentam cinco ou mais pavimentos (térreo e quatro pavimentos tipo).

composição. A tipologia é utilizada no projeto arquitetônico como ferramenta de análise e discussão das obras existente e como fundamento para o ato de projetar (LEUPEN, 1999).

Aplicado ao tecido urbano, conforme citado por Panerai (2006), o estudo tipológico foi iniciado por Muratori na década de 1950, na busca de compreender a relação da arquitetura com a cidade através do estudo tipológico nas cidades antigas, inseridos no tecido urbano existente, buscando entender as relações entre os tipos edificados e a forma urbana.

É dentro desse enfoque que realizaremos **o estudo tipo-morfológico** dos edifícios de habitação coletiva em altura do Setor Central, relacionando a forma do edifício (tipologia formal) ao tecido urbano em que os edifícios estão inseridos, sem desvincular os dois condicionantes projetuais, ambos relevantes para o entendimento da formação de suas volumetrias.

Utilizaremos o estudo apresentado por Panerai (2006) como base para a análise, considerando, nesse momento, a implantação e os aspectos formais. Para esse estudo o autor estabelece quatro etapas: definição do objeto, classificação prévia, elaboração dos tipos e comparação dos tipos, no entanto, analisaremos três delas.

- 1) A definição do objeto: escolha e classificação dos níveis de leitura do tecido urbano e determinação da área de estudo – recorte espacial (Capítulo II).
- 2) A classificação prévia: análise dos objetos definindo as propriedades que os diferenciam, classificando-os e agrupando-os aos que apresentam as mesmas particularidades - estudo do objeto feito a partir do levantamento de dados que auxiliou na definição do recorte temporal (Capítulo II).
- 3) A elaboração dos tipos: estudo sobre as características de cada exemplar e síntese de grupos que possuem elementos em comum para definir o tipo, ou seja, atributos notórios e comuns entre os edifícios (Capítulo III).

Por conseguinte, essa dissertação tem como **objetivo geral** compreender como se expressaram os paradigmas e princípios do projeto moderno, dentro do contexto urbanístico e arquitetônico nacional e internacional e estudar as suas soluções tipo-morfológicas.

habitacional com mais de cinco pavimentos; percorre a década de 1960 com intensificação construtiva e encerra o período em 1975, caracterizado pela desaceleração do processo de verticalização mais intenso do bairro e das transformações mais significativas no cenário urbano.

É importante ressaltar que o objeto aqui estudado não possui investigações precedentes. Para a sua compreensão no contexto da história da cidade e da formação do bairro, bem como da arquitetura moderna, baseia-se em pesquisas desenvolvidas anteriormente sobre o Setor Central e suas transformações ao longo do primeiro período de verticalização e dos preceitos do projeto moderno aplicados.

Podemos citar Maria Diva A. Coelho Vaz, no estudo das transformações na paisagem do bairro, no qual fundamentamos nossa periodização, como também de Tânia Daher e Alexandre R. Gonçalves, sobre os planos urbanísticos da região central da cidade e dos resultados na forma urbana, e de Marcia M. de Mello e Eline Maria M. P. Caixeta sobre a introdução da arquitetura moderna em Goiânia e seus desdobramentos no processo de projeto e na cultura arquitetônica local.

Para análise morfológica do bairro, nos baseamos no livro de Geraldo T. Alvarez, escrito em 1942, documento rico em descrições sobre o processo construtivo da cidade e da concepção do plano de Atílio.

O conhecimento foi estruturado nas pesquisas bibliográficas, documentais e levantamento em campo, objetivando encontrar os elementos definidores da arquitetura e do urbanismo aplicados ao objeto de estudo em questão.

A **pesquisa bibliográfica** foi fundamentada nas habitações coletivas em altura, desde o final do século XIX até a década de 1970, inseridas no contexto da arquitetura moderna internacional e nacional, assim como, nas soluções tipo-morfológicas apresentadas por obras icônicas. Dos autores podemos citar Carlos Martí Arís, Hugo Segawa, Josep Maria Montaner, Kenneth Frampton, Leonardo Benevolo, Nabil Bonduki, Paulo Bruna, William Curtis e Yves Bruand.

No segundo momento, se baseou nas particularidades da estrutura urbana planejada e no processo de verticalização do Setor Central de Goiânia, assim como, das legislações pertinentes. Dentre os autores ainda não citados é importante apontar Celina F. A. Manso, Juliana C. Mota, Maria Eliana. Jubé Ribeiro dos quais, os estudos desenvolvidos contribuíram para o progresso deste trabalho.

A **pesquisa documental e de campo** concentrou-se nos edifícios habitacionais em altura do Setor Central de Goiânia (1953 a 1975), a qual viabilizou a identificação dos mesmos, assim como, a identificação de características singulares em relação às obras de outros períodos.

Na pesquisa documental do acervo do Arquivo Histórico Estadual de Goiás consultou-se jornais do período (regionais e locais) que permitiram a identificação de alguns exemplares através de anúncios com o lançamento dos edifícios que, por sua vez, nortearam o início da pesquisa de campo.

No acervo da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo de Goiânia (SEPLAM) foram coletadas imagens aéreas e edificatórias, que permitiram definir outros não apontados pelo levantamento de campo inicial, mapas e peças gráficas (projetos arquitetônicos). É importante ressaltar que os projetos aqui analisados foram coletados na SEPLAM e, em alguns casos, foram cedidos por moradores.

Na pesquisa de campo dividiu-se em dois períodos, no primeiro foram feitas caminhadas em toda a área estudada buscando identificar os edifícios através das peculiaridades arquitetônicas e das informações de moradores (data da construção, autoria, localização e a

construtora/financiadora), no segundo buscou-se legitimar as informações indicadas pela pesquisa bibliográfica e documental.

Simultaneamente realizou-se o levantamento fotográfico, de gabarito e de uso do pavimento térreo. No primeiro fotografou-se as fachadas, os elementos externos e as volumetrias, buscando uma primeira análise dos tipo-morfológicos apresentados. Depois desse trabalho foi desenvolvido um mapeamento dos edifícios encontrados através de planilhas e mapas para obter-se um panorama geral dessa produção e sintetizar a pesquisa desenvolvida.

Por fim, os edifícios eleitos para o estudo de caso foram selecionados seguindo os seguintes parâmetros: as tipologias-morfológicas, a ordenação e composição dos espaços e dos elementos arquitetônicos e a disponibilidade de material encontrado. Vale ressaltar que se desconsiderou os projetos semelhantes, sendo que, não se pretende integralizar um inventário de todos os edifícios existentes e sim analisar alguns exemplares na tentativa de entender seu conjunto.

Para a compreensão deles, foi realizado o redesenho bidimensional das peças gráficas encontradas, tais como implantação, planta-baixa do pavimento tipo e cortes. Os desenhos tridimensionais subsidiaram as análises tipo-morfológicas e os estudos aprofundados.

Nos estudos aprofundados foram analisados quatro elementos: no primeiro analisou-se a relação do edifício com o entorno e os seus gabaritos; no segundo refere-se à situação e as características gerais de ocupação, uso do pavimento térreo, principais acessos, identificação das áreas de uso coletivo e setorização dos pavimentos; no terceiro investiga-se as características espaciais e funcionais dos pavimentos tipo e das circulações de uso coletivo, assim como, as particularidades dos apartamentos; no quarto elemento examina-se a volumetria dos edifícios e as características das fachadas – aberturas, revestimentos, elementos de fachada e de controle de iluminação e ventilação.

A dissertação foi dividida em três capítulos:

CAPÍTULO I: Edifícios habitacionais em altura no contexto da arquitetura moderna - apresenta-se o referencial teórico que contextualiza o objeto de estudo com a arquitetura moderna e sua relação com as habitações coletiva verticalizadas no âmbito internacional e nacional como resultado dos ideais da cidade compacta, das novas técnicas e materiais construtivos, dos estudos da racionalização da unidade habitacional e os novos tipos arquitetônicos. Além disso, a análise de obras icônicas como ferramenta para o entendimento da produção como um todo.

CAPÍTULO II: Ensaios Goianienses: verticalização, arquitetura moderna e a introdução do tipo - apresenta-se a contextualização histórica do período fundamentado no processo de verticalização da cidade, das legislações que moldaram a paisagem do setor e das edificações que o conformam, assim como, das especificidades das torres de apartamentos. Analisa-se também as características da estrutura urbana planejada em que estão inseridos e como os preceitos do projeto moderno foram traduzidos na arquitetura local.

CAPÍTULO III: Análise tipo-morfológica dos edifícios habitacionais em altura – estuda-se as tipologias formais e de implantação de todos os edifícios levantados buscando identificar os tipos-morfológicos, levando em consideração a volumetria dos edifícios e a morfologia urbana. Apresenta-se as análises complementares dos exemplares escolhidos, que permitem o entendimento da composição funcional, espacial e estrutural do edifício através da apresentação de peças gráficas, volumetria e levantamento fotográfico.

CAPÍTULO I

EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA NO CONTEXTO DA ARQUITETURA MODERNA

A arquitetura moderna atingiu sua plenitude, já nas primeiras décadas do século XX, fundamentada nos ideais progressistas do final do século XVIII e das tecnologias resultantes da Revolução Industrial do século XIX. Estabelece-se em um mundo modificado pela máquina em tempos de significativas transformações culturais, territoriais e tecnológicas.

As mudanças ocorridas nas técnicas construtivas a partir da Revolução Industrial desenvolveram-se com a facilidade de utilização dos materiais tradicionais como a pedra e o tijolo e dos novos materiais como o ferro, o vidro e mais tarde o concreto; do aumento quantitativo de construções como estradas mais amplas e canais mais largos e profundos; da intensa migração populacional que exigira o aumento das construções habitacionais; do estímulo da economia capitalista em construir os edifícios e os implementos considerando-os como investimento; e da independência do terreno como elemento negociável (BENEVOLO, 2016).

As cidades industriais, do final do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX, agregada a todas essas transformações apresentavam características urbanas e arquitetônicas bastante singulares. Dentre elas podemos citar: a exploração e crescimento dos centros e a expansão dos subúrbios urbanos, a massificação das habitações coletivas e a verticalização das edificações.

As áreas de expansão urbana ocorridas nesse período, estavam apoiadas em um processo especulativo e em sua maioria não eram planejadas, resultando assim, na exploração intensa do solo urbano e ao mesmo tempo no distanciamento gradativo dos espaços livres. Por conseguinte, as habitações coletivas implantadas nessas extensões desenvolviam péssimas condições de vida aos moradores.

A exploração das áreas centrais das grandes cidades norte e sul americanas e europeias sofreram adaptações à industrialização aplicada aos meios de produção e a adequação do traçado urbano aos meios de transporte. Essas áreas transformaram drasticamente a morfologia preexistente em uma cidade desordenada, sem planejamento e contraditória às instituições e a infraestrutura de circulações necessárias para o desenvolvimento do capitalismo.

Essas cidades adaptaram-se à nova setorização fundamentada na divisão entre as áreas residenciais e de serviço (ocupadas por

fábricas). Nas áreas residenciais, as habitações coletivas densificadas tornaram elemento imprescindível para a produção em massa de moradias.

Essa nova configuração setorial provocou a dissolução da cidade tradicional³ precedente (Figura 1), formada basicamente pelas casas unifamiliares implantadas em pequenos lotes muito próximos que, por sua vez, definiram o traçado urbano.

Figura 1 – Cidade tradicional – Guardia / Espanha.



Fonte: Arís (2000, p.18).

As propostas de “cidade industrial” desse período, presentes nos subúrbios residenciais, caracterizava-se pelo traçado viário autônomo que se instala previamente aos edifícios e incorpora os sistemas de transporte (ARÍS, 2000).

As habitações coletivas estabelecem-se como parte preeminente para formação do tecido urbano. Entretanto, essas moradias foram

³ Nas civilizações clássicas mediterrâneas (casas pátio e as casas geminadas que formavam grandes blocos compactos) e nas cidades medievais europeias (casa

construídas em grandes quantidades (Figura 2) e caracterizaram-se pela superpopulação, insalubridade - decorrentes da ausência de insolação e ventilação - e das condições desastrosas das instalações sanitárias. Esses fatores proporcionaram altas incidências epidemiológicas que respaldam as reformas sanitaristas do final do século XIX.

Figura 2 – Habitação coletiva do início do século XX - Espanha.



Fonte: Arís (2000, p. 19).

Concomitantemente, a verticalização dos edifícios incorporada ao crescimento dos grandes centros urbanos, foram possíveis através de dois desdobramentos essenciais, primeiro a invenção do elevador de

gótica-mercantil) a casa unifamiliar era a célula fundamental do tecido urbano (ARÍS, 2000).

passageiros (1853) e segundo o aperfeiçoamento das estruturas de ferro (1890). Possibilitando que, antes da terceira década do século XX, os arranha-céus comerciais americanos atingiram alturas nunca alcançadas (FRAMPTON, 2008).

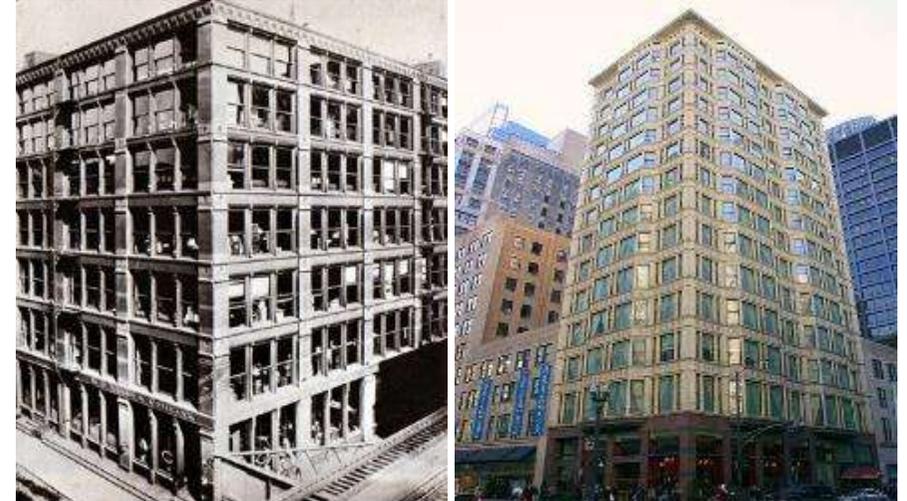
Na cidade de Chicago, pioneira no processo de verticalização, os edifícios em altura apresentaram-se como uma nova alternativa edilícia para a reconstrução do centro da cidade (área devastada pelo incêndio de 1871). Na expansão de Barcelona não é diferente (1858), a utilização desses edifícios possibilitou maior obtenção de lucros sobre os terrenos, permitiu maior aproveitamento do solo urbano e concentração populacional (CURTIS, 2008).

A nova linguagem arquitetônica idealizada por Sullivan – utilização de pilares articulados – permitiu que esses edifícios tornassem cada vez mais altos e que os ambientes fossem mais flexíveis. Os primeiros edifícios verticalizados eram construídos com até dezesseis pavimentos e as estruturas baseadas na alvenaria estrutural limitavam a altura dos mesmos e inviabilizavam os ambientes dos primeiros pavimentos (FRAMPTON, 2008).

No final do século XIX outros estudos foram desenvolvidos, como por exemplo a integração das alvenarias escultóricas tradicionais e a utilização da trama estrutural como um esqueleto - Edifício *First*

Leiter de William Le Barron Jenney (Figura 3) - ou o abandono total da alvenaria estrutural - Edifício Reliance (Figura 4) -. Neste último, a estrutura em aço permitiu maior flexibilidade na fachada e utilização de planos de transparência maiores (CURTIS, 2008).

Figura 3 – Edif. First Leiter-Chicago (1879). Figura 4 - Edifício Reliance - Chicago (1894).



Fonte: Colin (2010).

Poucos anos depois (1903), a utilização do concreto armado também é aprimorada e aplicada nos edifícios habitacionais em altura. O edifício da Rua Franklin (Figura 5), projetado por Auguste Perret, foi o primeiro dessa tipologia construído totalmente em concreto armado (CURTIS, 2008).

Figura 5- Edifício Franklin - Paris (1903).



Fonte: parisinvisible.blogspot.com (2011)

Os edifícios em altura, no início do século XX, desenvolveram-se simultaneamente à cidade moderna em dois contextos: o primeiro em função da reconstrução das cidades (período pós-guerras na Europa) e o segundo ligado ao aumento populacional nas áreas urbanas que resultaram no crescimento dos centros urbanos e na construção de novas cidades.

Ambas circunstâncias ampliaram o déficit habitacional desse período e resultaram em uma produção vasta e significativa de unidades habitacionais. Simultaneamente, o cenário caótico da cidade industrial foi confrontado pelas novas propostas modernas que ansiavam organizar e direcionar a edificação das cidades (ARÍS, 2000).

1.1 Um novo conceito de cidade

A cidade moderna resultou de uma série de ideologias, utopias e projetos construídos que, a partir do final do século XIX, buscavam recompor novas condições de vida urbana para os grandes centros, degradados pelo crescimento desordenado e pela densidade excessiva.

Esse processo desenvolveu-se com mais intensidade na segunda década do século XX, mediante a manifestação dos arquitetos modernos que buscavam no desenvolvimento urbano o equilíbrio entre as edificações e os espaços abertos, através da racionalização e da redefinição do território em nova realidade social.

Várias propostas urbanísticas do final do século XIX e início do século XX, como a expansão de Barcelona e a reconstrução de Chicago, já aplicavam os novos conceitos de cidade moderna que se apresentaram em duas vertentes: as “cidades jardim”, de baixa densidade, e a “cidade compacta”, de alta densidade. (FRAMPTON, 2008).

A cidade jardim, teorizada por Ebenezer Howard em 1890, estava respaldada na integração das áreas residenciais e áreas verdes. Com baixa densidade, essas cidades teriam uso exclusivamente

habitacional e dependeriam de um centro metropolitano, entretanto, seriam implantados em áreas distantes a eles.

Nesse contexto, podemos citar a cidade de Welwyn (Figura 6), localizada próxima a Londres, que se manifesta com êxito em função do rápido crescimento, atingindo os trinta e cinco mil habitantes estipulados por Howard, antes da Segunda Guerra Mundial. Esse experimento, segundo Benevolo (2016), deixou evidente a necessidade das cidades jardins estarem ligadas à um centro metropolitano, deixando de lado a idealização de comunidades autossuficientes.

Figura 6 – Cidade Jardim – Welwyn / Reino Unido (1919).



Fonte: Arís (2000, p.21).

Essas cidades, segundo Frampton (2008), apresentaram-se espacialmente de duas formas: a primeira com estruturas axiais presentes nas cidades-jardins lineares espanholas e a segunda concêntrica existentes nas cidades-jardins inglesas, circundadas por vias férreas. Em ambos os casos o meio de transporte seria um fator determinante.

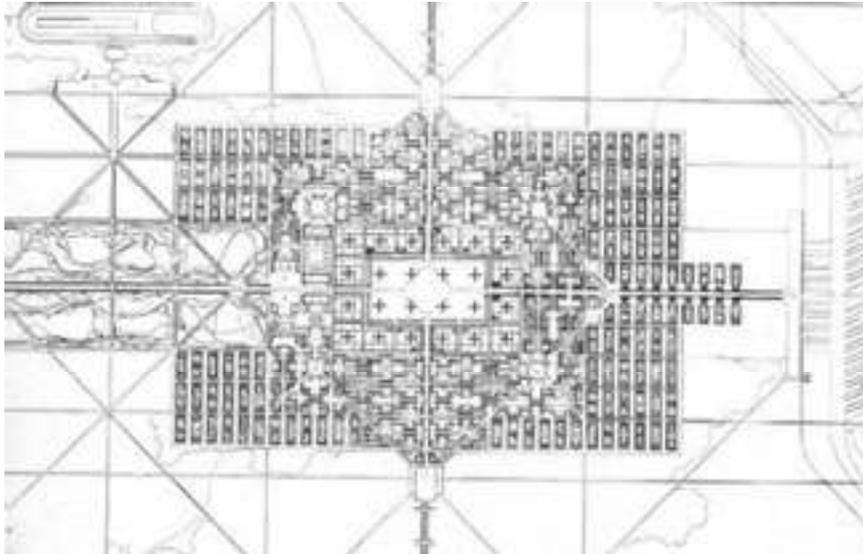
Em contraposição, às propostas de cidade compacta estavam ligadas as altas densidades e, de um modo geral, incorpora a estrutura urbana preexistente complementando e diversificando-a. Esse novo modelo de cidade desenvolveu-se a partir de alguns ideais modernos como a Cidade Contemporânea de Le Corbusier (1922) e a Cidade vertical elaborada por Ludwig Hilberseimer (1924 - 25) (ARÍS, 2000). Esses projetos não foram executados, no entanto, direcionaram os projetos vindouros, que promoveram novas ideias e propagaram a construção dos edifícios habitacionais em altura.

Na Cidade Contemporânea, Le Corbusier (Figura 7) buscou analisar os tipos edificadores emergentes que seriam inseridos nas metrópoles industriais e adotou o edifício em altura como principal alternativa para compô-la.

A cidade, em formato retangular, estava centralizada a um grande sistema de infraestruturas. As áreas residenciais circundam o centro

comercial que era formado por edifícios em altura. Os subúrbios, destinados aos trabalhadores, eram formados por grandes edifícios coletivos que contornam a quadra seguindo o alinhamento das vias (ARÍS, 2000).

Figura 7 – Cidade Contemporânea de Le Corbusier (1922).



Fonte: Arís (2000, p.25).

Os espaços abertos deveriam ser enfatizados (Figura 8) para permitir o aproveitamento máximo da ventilação e ao mesmo tempo deveriam estar interligados às áreas residenciais. As circulações de pedestres e veículos eram independentes, sendo que, o uso dos pilotis (elevação do primeiro pavimento dos edifícios) permitiria o curso dos moradores através dos edifícios residenciais (CURTIS, 2008).

Figura 8 – Panorama da cidade Contemporânea de Le Corbusier.



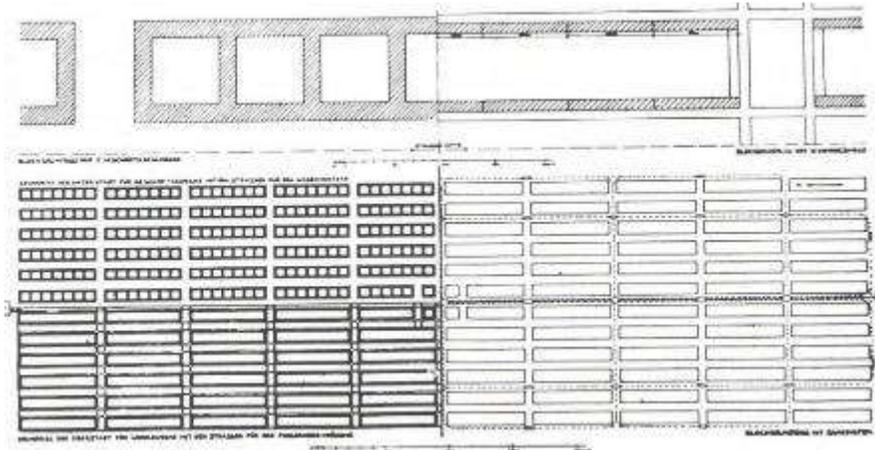
Fonte: Curtis (2008, p.247).

Segundo Curtis (2008), o projeto deixa claro a distinção entre os setores ligados ao capitalismo como as áreas administrativas, comerciais e residenciais direcionadas à população de maior poder aquisitivo e as áreas fabris marginalizadas, distantes da área central que indispensavelmente acomodaria os trabalhadores.

A cidade vertical de Hilberseimer foi embasada nos preceitos da Cidade Contemporânea, entretanto, era antagônica em alguns pontos como a hierarquização funcional e geométrica do esquema Le Corbusiano. Por outro lado, apresenta uma trama homogênea com potencialidades de crescimento linear, em contrapartida, a densidade seria definida a partir das potencialidades das áreas industriais e comerciais. As edificações seriam implantadas no eixo Norte-Sul e formadas com blocos residenciais de 15 pavimentos dispostas no

entorno das quadras (Figura 9) seccionadas a cada 70 metros com uso comercial nos primeiros pavimentos (ARÍS, 2000).

Figura 9 – Cidade compacta de Hilberseimer (1925).



Fonte: Arís (2000, p.26).

Ambos – Corbusier e Hilberseimer - definiram a forma linear como tipologia edificatória predominante. A linearidade aplicada na produção habitacional propicia a repetição e a seriação das moradias (ARÍS, 2000).

Analogamente, a relação entre espaço público-privado e figura-fundo⁴ são modificados na cidade moderna, em contraposição a cidade

tradicional. Sendo que, nesta última os espaços públicos são configurados pelas ruas corredor e praças; e a massa edificada, com maior proporção, define a forma da cidade e conforma os espaços privados predominantes. Ou seja, os edifícios, segundo Rowe e Koetter (1978) configuram o “fundo” da imagem e os espaços públicos formam a “figura”.

A cidade moderna, por outro lado, configura-se de modo oposto, o edifício está solto na quadra, evidenciando as megaestruturas e desfigurando as áreas edificadas. O espaço público torna-se mais relevante e compreende as áreas verdes, as calçadas e as vias e apresentam maiores proporções em relação as áreas privadas (ROWE, KOETTER, 1978). Consequentemente, os edifícios formam a ‘figura’ cercada pelo ‘fundo’ que são os espaços públicos, ou seja, a parte de maior proporção.

Essas modificações da relação entre as proporções públicas e privadas demonstram claramente as propriedades da nova cidade moderna que é idealizada e constituída e estão diretamente relacionadas aos novos tipos ideais da habitação coletiva.

⁴ Ferramenta de análise desenvolvida por um grupo de aluno e professores da Universidade de Cornell (Roma) no estudo da proporção dos espaços públicos e privados como determinantes do caráter da cidade (ROWE, KOETTER, 1978).

1.2 A racionalização da construção habitacional

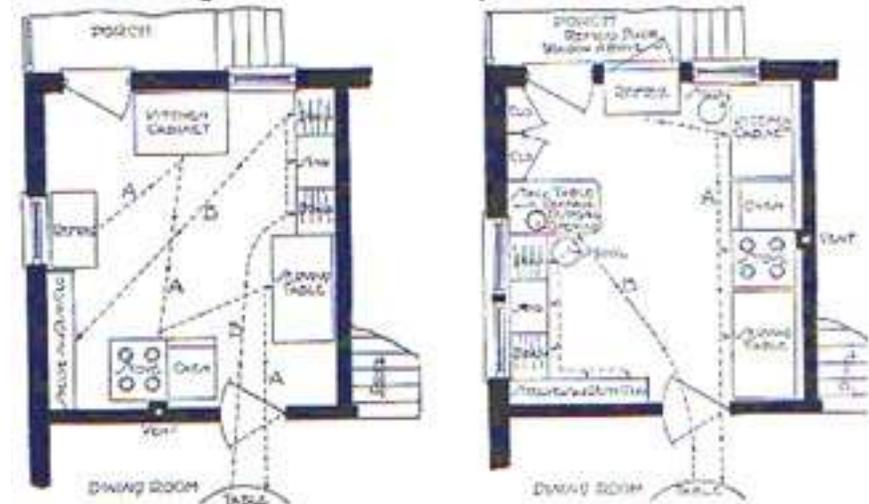
A racionalização moderna não se limitou apenas à construção de suas cidades, mas estabeleceu-se também nos edifícios que as integrariam. Nos edifícios habitacionais em altura, ela está relacionada aos estudos e reflexões sobre as formas do habitar coletivo, que resultaram em várias mudanças espaciais e ideológicas (habitações mínimas), bem como na alta densidade populacional que eles abrigariam, em consequência de sua verticalização.

As habitações mínimas eram definidas como unidades modulares básicas que possibilitam a realização seriada. Eram projetadas e produzidas em função da racionalização, da sistematização e da homogeneização, ou seja, o “mínimo necessário” (HERNÂNDES, 2014).

A verticalização foi possível a partir da industrialização e modernização das estruturas em concreto armado e aço, assim como, do vidro laminado de grandes dimensões do final do século XIX. As modificações na sustentação dos edifícios permitem maior flexibilidade na área útil e na aplicação das aberturas, mudanças nos elementos de fechamento, maior racionalidade e economia na construção (TRAMONTANO, 1993).

Os primeiros estudos sistematizados sobre a racionalização das unidades habitacionais foram desenvolvidos nos Estados Unidos e na Alemanha. No primeiro, aparecem em vários artigos publicados por Christine Frederick (1912) que, apresenta estudos para a unidade habitacional e para a cozinha (Figura 10) definindo-a como lugar de trabalho e instalação dos principais eletrodomésticos. (MONTANER, 2015).

Figura 10 – Planta de distribuição eficaz de uma cozinha.

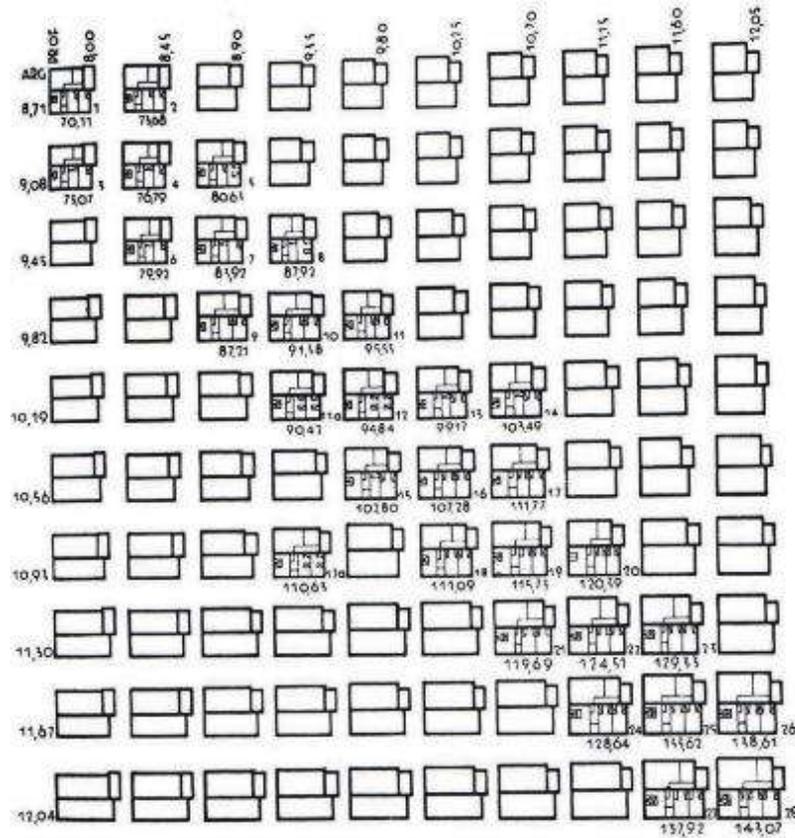


Fonte: Montaner (2015, p.22).

No segundo, Alexander Klein (1920) aprofundou-se nos estudos da habitação racionalizada e da ‘habitação mínima’ através da comparação gráfica (Figura 11) identificando as plantas mais

eficientes e definindo um conjunto de alternativas de unidades habitacionais que variam de 45,6m² até 73,5m² (BRUNA, 2015).

Figura 11 – Método de comparação gráfica – Alexandre Klein.



Fonte: Bruna (2015, p.46)

Os estudos desenvolvidos por Klein abordaram novos modelos de plantas eficazes que orientaram as tipologias arquitetônicas apresentadas no 2º CIAMs. Os Congressos Internacionais da

Arquitetura Moderna (CIAMs), discutiram as habitações mínimas na segunda e na terceira edição, sendo que, nas demais priorizou o estudo das cidades (MONTANER, 2015).

No segundo CIAM – realizado em Frankfurt (1929) - o congresso defende a redução das áreas construídas das unidades habitacionais (Figura 12), fundamentadas nas considerações dos higienistas. Entretanto, deixa evidente a necessidade de ampliação das aberturas (aumento da iluminação), da ventilação e da insolação nas áreas internas (BENEVOLO, 2016).

Figura 12 – Plantas apresentadas ao 2º CIAM – habitações mínimas.



Fonte: Bruna (2015, p.50).

Os CIAMs tiveram participação significativa no desenvolvimento das habitações mínimas e na propagação da verticalização dos edifícios de habitação coletiva. Le Corbusier e Walter Gropius, participantes assíduos dos CIAMs executam vários projetos, publicam artigos, e

participam de conferências, visando criar modelos e impulsionar a essa tipologia arquitetônica. Em uma destas publicações, Gropius (1923) apresenta o artigo “Ideia e a Construção”, no qual propõe novas propostas às posturas da Bauhaus, a busca pela padronização e valorização da mecanização relacionados aos problemas da habitação (CURTIS, 2008).

A Bauhaus aplicou a racionalização nos componentes construtivos e no mobiliário adaptados à essas habitações mínimas. A adaptação a esses ambientes com áreas reduzidas necessitou de estudos aprofundados, visando mais de um uso, além da limitação dos espaços (BRUNA, 2015).

As contribuições de Le Corbusier, como disseminador da arquitetura moderna, também foram fundamentais para a formação de novos parâmetros para a “célula de morar” (1907-27). O arquiteto defendia a redução máxima dos ambientes, não deixando de lado a aplicação dos estudos de iluminação/ventilação e da circulação. Dispõe também sobre o mobiliário, os objetos e as vestimentas; o primeiro devendo atender e estar próximo ao usuário, assim como, os demais dispostos de forma sistematizada e acessíveis (LE CORBUSIER, 2004).

A partir desses estudos, as áreas das unidades habitacionais coletivas diminuíram consideravelmente e o mobiliário se torna mais flexível,

se possível, embutidos para maior aproveitamento do espaço. Ou seja, os parâmetros dimensionais projetuais deveriam ser readaptados, os apartamentos tipificados e a construção mais industrializada (TRAMONTANO, 1993).

De forma geral, essas moradias racionalistas modernas apresentam mudanças de uso, integração e diminuição dos ambientes, redução e alteração nas disposições e utilização dos mobiliários, assim como, na adequação às novas tecnologias eletrônicas (HERNÁNDEZ, 2014).

No âmbito urbano os debates dos arquitetos modernos acerca dos edifícios habitacionais em altura era criar um elemento cujas peças fossem formadoras da cidade moderna. Discutiram-se a densidade populacional (média ou alta), ou seja, qual seria a quantidade de pavimentos tipo e qual a sua projeção ideal no terreno, para maior aproveitamento do espaço urbano e das estruturas. Por outro lado, debatiam como essa tipologia possibilitaria o maior aproveitamento do lote para implantação das atividades que seriam desenvolvidas coletivamente, ao mesmo tempo, favoreceriam as tendências sociais modernas ligadas ao espírito de comunidade (BENEVOLO, 2016).

As áreas de uso coletivo reforçaram a racionalidade nas unidades habitacionais em função da diminuição das atividades desenvolvidas nas moradias, já que, parte das funções que eram integradas aos

ambientes internos foi transferida para essas áreas. Caracterizadas pelo desafio de compartilhamento das áreas sociais, de lazer e em alguns casos, das áreas de serviço (TRAMONTANO, 1993).

Le Corbusier (2004), defende a verticalização das moradias, assim como, a utilização do ferro e do concreto armado para as construções e a valorização das áreas de uso coletivo. O térreo, segundo ele, deveria ser livre e estruturado através de pilotis; os jardins implantados no alto e as sacadas localizadas nas áreas frontais das edificações, proporcionando a integração com a rua e com os vizinhos.

Walter Gropius e Le Corbusier deixam claro que o maior aproveitamento dos edifícios em altura se dá através do aumento do número de pavimentos, ressaltando que estes aumentam em igualdade as condições higiênicas e de densidades. Além disso, diminuem alguns custos como a incidência de serviços coletivos, instituições e arruamento. No entanto, aumentam os custos de construção propriamente dito, através das estruturas portantes e dos elevadores.

No terceiro CIAM – realizado em Bruxelas (1933) – discutem-se as unidades habitacionais inseridas no bairro, colocando em pauta qual seria a densidade ideal a ser aplicada – baixa, média ou alta –. Concluindo-se que os edifícios altos não deveriam ser a única opção

de habitação coletiva moderna, no entanto, poderiam resolver os problemas da produção seriada, da habitação mínima e da racionalização das unidades habitacionais (BRUNA, 2015).

Essas mudanças permitiram que a unidade habitacional racionalizada tornasse peça chave na formação dos edifícios habitacionais em altura, assim como, a habitação coletiva transformou-se no elemento fundamental na formação da cidade. A verticalização associada à unidade habitacional racionalizada, segundo Curtis (2008), permitiu o desenvolvimento e o aperfeiçoamento que, por sua vez, colaborou intensamente para demanda construtiva habitacional da primeira metade do século XX.

Nesse contexto, o edifício habitacional Bergpolder (1933-1934), foi o primeiro de caráter racionalista e que trouxe em pauta essas duas vertentes. Construído na Europa e idealizado por Johannes Brinkman, Leendert van der Vlugt e Willem van Tijen, membros do CIAM, agrega a simplicidade das unidades mínimas habitacionais à verticalização (Figura 13) no intuito de promover maior densidade habitacional e encorajar a construções dos edifícios habitacionais em altura isolados no lote (MONTANER, 2015; FRAMPTON, 2008).

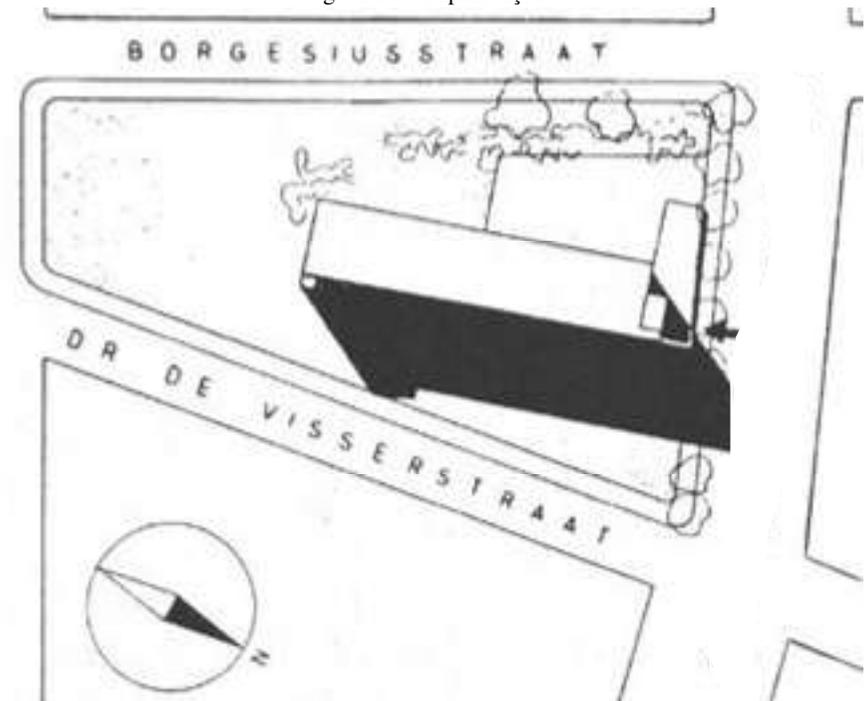
Figura 13 – Edifício Bergpolder - Rotterdam(1933-1934).



Fonte: French (2009)

Segundo Benevolo (2016), o edifício foi o primeiro em altura a ser implantado isoladamente em uma área verde que envolve toda a quadra. Evidenciado em um entorno estabelecido por quadras tradicionais. A volumetria linear (Figura 14) do edifício possui base retangular prismática. As circulações horizontais e as sacadas compõem as fachadas longitudinais (ARÍS, 2000).

Figura 14 – Implantação.



Fonte: Arís (2000, p.156).

Adepto aos ideais da arquitetura moderna, o edifício representa os exemplares de corpo principal linear desprendido do solo em que está apoiado, racionalização na estrutura, acessos por corredores laterais, aplicação das unidades habitacionais mínimas, alta densidade populacional e a liberação do espaço urbano para as atividades coletivas.

1.3 Novos tipos ideais modernos

O conceito de tipo, segundo Quatremère de Quincy (1832), refere-se a uma forma básica e comum que permite sofrer variações. Esse conceito, segundo Argan (1962), é definido a partir do seu processo criativo, ou seja, objetos que, ao serem concebidos por qualquer pessoa, não apresentam semelhanças entre si; ou seja, o tipo configura-se como uma forma básica e comum, que não deve ser repetida como o modelo.

Na década de 1960, a discussão sobre o “tipo” retorna com Giulio Carlo Argan e Aldo Rossi. Passando a ser um tema importante, desenvolvido, referenciado e aplicado na pós-modernidade, até o final dos anos 1990.

Para Argan (1962, p.66) ele está “condicionado ao fato de já existir uma série de edifícios que têm entre si uma evidente analogia formal e funcional”. Aldo Rossi (2001), por sua vez, vincula o conceito de “tipo” aos elementos urbanos e arquitetônicos ressaltando o fato dele ser construído das necessidades de cada sociedade e estar ligado à forma e ao modo de vida:

Penso, pois, no conceito de tipo como algo permanente e complexo, um enunciado lógico que

está antes da forma a que a constitui. [...] O tipo é, pois, constante e se apresenta com características de necessidades; mas, mesmo determinadas, elas reagem com a técnica, com as funções, com o estilo, com o caráter coletivo e o momento individual do fato arquitetônico. [...] (ROSSI, 2001, p.25-27).

Para Leupen (1999, p.132) o tipo “se comporta como portador de experiências de projetos de uso similar, ou se preferir, como uma solução padrão”. Por outro lado, Panerai (2006), destaca que no “tipo” agrupam-se as propriedades de um grupo de objetos reais, identificadas através de análises que, por sua vez, permitem a aplicação em outros objetos.

No início do século XX, os estudos do tipo aplicados à habitação desenvolvem-se de forma assídua, buscando uma determinada qualificação aplicada aos tipos ideais. A habitação ganha ênfase com os estudos e obras das vanguardas modernas europeias fundamentadas nos protótipos históricos (elementos investigativos) desenvolvidos nesse período.

Dentre outras experiências com esses protótipos, igualmente importantes como as da Rússia e da Holanda, podemos citar o edifício Karl-Marx-Hof implantado em Viena como destaque na produção da

habitação coletiva fundamentada nas políticas socialistas e destinada aos trabalhadores.

A produção em massa de apartamentos na capital da Áustria se contrapôs a setenta e cinco por cento das habitações que se encontravam anti-higiênicas e superlotadas. Em meio a várias propostas, a tipologia monumental (Figura 15), idealizada por Karl Ehn, enfatiza a alta densidade através de bloco linear articulado que se estende por mais de um quilômetro, contém 1.382 apartamentos e vários equipamentos de uso coletivos como: bibliotecas, lavadeiras, entre outros (CURTIS, 2008).

Figura 15 - Conjunto Karl-Marx-Hof(1927)



Fonte: Curtis (2008, p.254).

Por outro lado, a produção dos arquitetos modernos é intitulada por Leupen (1999) como funcionalistas em consequência da forma de como utilizavam o tipo: primeiro ligado a classificação funcional dos edifícios e segundo da sua capacidade de adaptação como modelo.

A exposição do *estilo internacional*, de 1932 dirigida por Henry-Russel Hitchcock e Philip Johnson, como parte das interpretações da arquitetura moderna, buscava apresentar novos tipos arquitetônicos e cada exemplo era relacionado a um tipo ideal medido e comparado aos princípios formais pré-estabelecidos (MONTANER, 2001).

Dos exemplos paradigmáticos do Estilo Internacional, o edifício Highpoint I (1938), foi idealizado por um dos arquitetos mais influentes na Inglaterra: o russo Lubetkin. Localizado em Londres o edifício é o primeiro habitacional em altura significativo (Figura 16) da arquitetura moderna na cidade e o segundo na Europa depois do Bergpolder (CURTIS, 2008).

Com limite de altura condicionado pelas normas locais, o edifício apresenta gabaritos distintos nas duas torres em função do desnível do terreno, seis e sete pavimentos. Os dois blocos em cruz (Figura 17), simétricos formam um volume único que se instala em uma grande área verde que se adapta a ela evidenciando-a através dos pilotis no pavimento térreo (ARÍS, 2000).

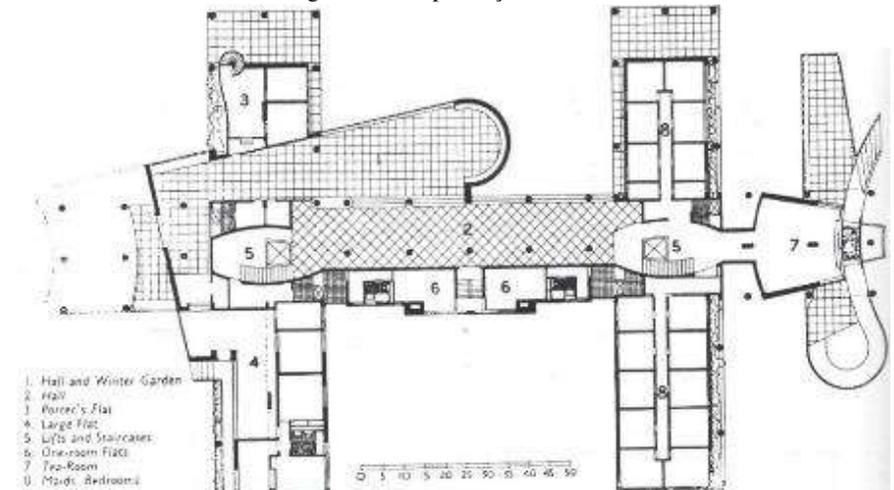
Figura 16 – High Point I - Londres (1933 - 5).



Fonte: French (2009).

Implantado longitudinalmente ao terreno buscou-se a máxima utilização da insolação leste e oeste e a planta baixa em cruz permite maior aproveitamento das vistas e da ventilação cruzada. O edifício é suspenso por pilotis e na cobertura está o terraço, reforçado ainda mais o vocabulário de Le Corbusier e as tipologias idealizadas pela arquitetura moderna (CURTIS, 2008).

O Figura 17 – Implantação do edifício.



Fonte: Arís (2000, p.168).

Figura 18 – Pavimento tipo.



Fonte: French (2009).

O pavimento tipo (Figura 18) apresenta ângulo de visão de 90° entre os apartamentos e formaliza-se em dois blocos. Com duas tipologias de apartamentos: tipo A (82,0 m²) com três quartos e os tipo B (50,0m²) com dois. Ambos apresentam um indício de flexibilização do espaço, com a sala de estar e jantar integradas. A racionalização dos espaços de circulação se dá por meio da separação e condensação das circulações verticais e horizontais na intersecção entre os blocos (FRENCH, 2009).

Nas próximas duas décadas, podemos citar outros dois importantes tipos modernos representantes dos edifícios habitacionais em altura: A unidade de Habitação de Le Corbusier e o Edifício Lake Shore Drive de Mies Vander Rohe.

A *Unité d' Habitation* (1947- 52), apresenta-se como uma síntese dos estudos feitos pelo arquiteto até o momento de sua construção. Na constante busca pela monumentalização e pela criação de objetos tipos como elementos da cidade moderna, o edifício torna-se um protótipo, influenciando as próximas construções⁵.

⁵ A Unidade de Habitação de Marselha foi premiada na primeira Bienal do Brasil em 1951 e influenciou consideravelmente a produção habitacional coletiva do país. O grande Prêmio Internacional de Arquitetura foi criado a partir do sucesso da

O edifício construído em Marselha, é composto por um bloco vertical linear - edifício laminar - de alta densidade (Figura 19, que se eleva do solo por pilotis colossais que, por sua vez, criam uma galeria sob o mesmo (CURTIS, 2008).

Figura 19 – Unité d' Habitation – Marselha (1947-52).



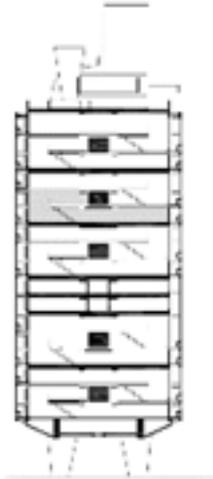
Fonte: French (2009).

Nos pavimentos intermediários (Figura 20) as circulações horizontais, ampliadas formam uma rua interna integrada com usos variados, o que juntamente com o terraço jardim localizado na cobertura, reforça a importância do uso coletivo nos edifícios habitacionais. Ao mesmo

arquitetura brasileira e ampliou ainda mais a repercussão internacional, abrindo possibilidades aos arquitetos nacionais (CAIXETA, 1999).

tempo, o arquiteto lança mão dos apartamentos ‘duplex’, como solução tipológica para ser explorada nos edifícios habitacionais.

Figura 20 – Corte transversal.



Fonte: French (2009).

Os Edifícios Lake Shore Drive (Figura 21), em Chicago, possuem volumetrias em prisma retangular sobre pilotis com duas torres articuladas perpendicularmente e 26 pavimentos cada. Destaca-se a tipologia com estrutura aparente em aço como molduras e os grandes vãos são preenchidos em vidro (CURTIS, 2008).

Em um terreno triangular com vista para um lago, os volumes unem-se através da cobertura do térreo (Figura 22) e os pilotis permitem a integração com o entorno. Evidenciam as áreas verdes e de uso coletivos. Os dois grandes edifícios em altura criam um grande espaço

livre entre os blocos e ao mesmo tempo possibilitam maior aproveitamento das vistas (FRENCH, 2009).

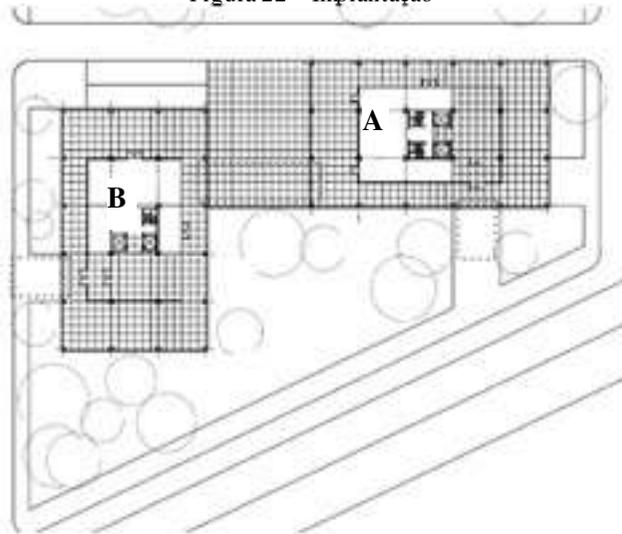
Figura 21 - Lake Shore Drive - Chicago (1948-51)



Fonte: French (2009).

A solução impar dos pavimentos, apresenta um único núcleo de circulação horizontal e vertical ao qual se acoplam as instalações prediais. Esse núcleo, centralizado em relação às áreas periféricas ocupadas pelos apartamentos, proporciona a flexibilidade na organização dos pavimentos e a experimentação de diferentes tipos de espacialização dos apartamentos (Figuras 23 - 24).

Figura 22 – Implantação



Fonte: French (2009).

Figura 23 – Pavimento bloco A.

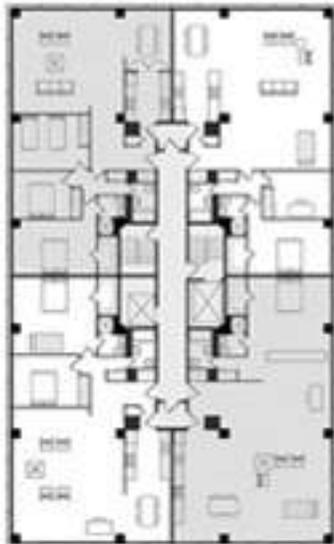


Figura 24 - Pavimento bloco B.



Fonte: <https://www.disenoyarquitectura.net/2008/11/apartamentos-lake-shore-drive-1948>

Mies Van der Rohe retoma as experiências de Sullivan, no entanto, com uma nova percepção, as estruturas e a vedação seriam expostas assim como sua forma original, diferente do seu antecessor que cobriu toda a estrutura com revestimentos e ornamentos. As obras de Mies eram conformadas da relação com o espaço urbano e, ao mesmo tempo inseridas no âmbito da quadra, buscavam uma nova relação com a cidade.

Muito desenvolveu-se na Europa e nos Estados Unidos, no século XX, na construção dessa tipologia arquitetônica. Os edifícios habitacionais em altura integram-se aos centros urbanos em um processo contínuo de verticalização e de crescimento, simbolizando a riqueza da sociedade capitalista (BENEVOLO, 2016; CURTIS, 2008).

Conseqüentemente, os tipos modernos segundo Hernández (2014), influenciaram as habitações coletivas de forma eficaz. Os aspectos higiênicos foram aprimorados, houve a utilização da racionalização e da industrialização dos componentes de forma consistente, a flexibilidade na planta é ressaltada, as tipologias arquitetônicas são cada vez mais diversificadas, a transparência e a integração entre interior e exterior sobressaem-se como nunca.

1.3.1 Habitações em altura no Brasil

Com forte influência da arquitetura moderna internacional, os edifícios habitacionais em altura começam a ser construídos nas primeiras décadas do século XX e são instaladas nos grandes centros comerciais: São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro (SEGAWA, 2012).

A construção desses edifícios é impulsionada através dos novos materiais na indústria civil brasileira e da busca pela obtenção de lucros dos investidores. Não diferente dos países europeus e norte-americanos, esses edifícios instalam-se inicialmente nas áreas centrais das cidades e com a expansão horizontal das mesmas, migram para as áreas periféricas em busca de terrenos mais econômicos (TRAMONTANO, VILLA, 2000; BONDUKI, 2014).

Essa produção divide-se em duas etapas: a “pioneira que vai aproximadamente de 1925 até a segunda Guerra Mundial, a segunda situada entre o armistício de 1945 até mais ou menos meados da década dos anos 70” (LEMOS, 1989, p.77).

Na primeira etapa institui-se um dilema por parte da classe alta em aceitar essa nova tipologia arquitetônica – o habitar coletivo – em função dos problemas sanitários das habitações coletivas construídas

nas grandes cidades, desde o império. Dessa forma, a aceitação ocorre através da adoção de acabamentos de alto custo, utilizados nas áreas internas de circulação e nos revestimentos externos de fachada (MARINS, 1998).

Em São Paulo, na década de 1930, os bairros Santa Efigênia, Vila Buarque e Santa Cecília foram os precursores dos primeiros modelos de edifícios em altura com sete ou oito andares da cidade. No Rio de Janeiro, a construção inicia-se no fim da década de 1910, inicialmente em volta da praça Floriano Peixoto e se intensifica na década de 1920, em outros bairros (MARINS, 1998).

Nesse período, as torres de apartamentos implantados nas áreas centrais das cidades foram produzidas para pessoas com um mínimo de poder aquisitivo, pois eram construídos por capitalistas que pretendiam lucros. Expõem áreas comuns salões de festas, piscinas e solários como complemento aos apartamentos e acabamentos de alto luxo (BRUAND, 1997).

Nas décadas de 1940 e 1950, esses edifícios popularizam-se através das mudanças das Leis do inquilinato, assim como, pela facilidade de crédito, que resultaram na baixa rentabilidade do aluguel, iniciando assim, o processo de produção para venda. Com a mudança na forma

de construir e conseqüentemente em seus custos, essa tipologia começa a abrigar a classe média (VERISSIMO, BITTAR, 1999).

Parte do acervo brasileiro foi concebido por arquitetos atentos às novas investigações formais e construtivas ligadas às habitações coletivas como Oscar Niemeyer, Abelardo de Souza, M. M. Roberto e outros, que adotaram princípios modernos em suas produções visando a “economia, racionalidade, valorização dos espaços públicos, incorporação de equipamentos coletivos e a standardização” (BONDUKI, 2013, p.144).

Os debates sobre a racionalização das unidades habitacionais iniciaram-se na década de 1930 e intensificaram-se nas décadas seguintes através de projetos e obras dos arquitetos modernos. Essas discussões foram ampliadas com as publicações feitas pelos arquitetos em congressos e publicações em revistas especializadas (BRUNA, 2015).

Nos Instituto de Aposentadorias e Pensões⁶, os departamentos responsáveis pela construção dos conjuntos dedicaram-se aos estudos

ligados ao aumento da escala urbana e ao barateamento das unidades, dos parâmetros urbanísticos, da diminuição as áreas das unidades, simplificação das técnicas construtivas e a experimentação de novos materiais (BRUNA, 2015).

Nesse contexto, a racionalização da construção apresentou-se de forma mais acentuada nos edifícios de interesse social, no entanto, na maioria dos casos é a única alternativa mediante ao baixo investimento e a limitação de materiais construtivos e mão de obra especializada em algumas cidades do país (BONDUKI, 2014; SEGAWA, 2008).

A localização desses edifícios na cidade determinou os tipos arquitetônicos. Os situados nas áreas centrais apresentavam-se, em sua maioria, em forma de edifícios isolados no lote e eram ocupados por classes de maior poder aquisitivo. Os implantados nas áreas periféricas ou de expansão exibem-se em forma de conjuntos de edifícios, ou seja, apresentavam mais de um edifício e eram construídos para atender a classe trabalhadora (BRUAND, 1997).

⁶ Os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs), criados em 1937, representavam as primeiras instituições públicas de caráter nacional que produziram quantidades significativas de moradias. Entretanto, marcaram a estatização da previdência social no Brasil e estavam baseados na rentabilidade, ou seja, o recurso para a produções

das moradias eram dos fundos previdenciários dos trabalhadores. Na sua maioria esses institutos dispunham de quadro técnico para elaboração dos projetos, no entanto, alguns edifícios foram desenvolvidos por arquitetos modernos convidados (BONDUKI, 2014, SEGAWA, 2008).

Da tipologia implantada nas áreas centrais da cidade, o Edifício Esther (Figura 25) foi um dos precursores e, ao mesmo tempo, um marco importante da produção moderna brasileira apresentando-se como um manifesto. Construído em São Paulo foi o “primeiro grande edifício com estrutura independente de concreto, construído no Brasil, destinado ao uso de escritórios e habitações” (TRAMONTANO, 1993, p.13).

Figura 25 – Edifícios Esther – São Paulo (1935).



Fonte: <http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/edificio-esther-o-primeiro-multiuso-da-cidade/> (2013).

Com um subsolo e mais treze pavimentos, o edifício configura uma torre única linear isolada no lote. O térreo apresenta uma galeria

comercial com uma ‘rua interna’ e com pilotis, que permitem atravessá-lo de um lado para outro (Figura 26). Foi inaugurado em 1935 e idealizado pelos arquitetos Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho que priorizaram os cinco pontos da arquitetura moderna defendidas por Corbusier (SOMEKH, 1997; SEGAWA, 2008, 2012). (SEGAWA, 2012).

Figura 26 – Implantação.



Fonte: <http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/edificio-esther-o-primeiro-multiuso-da-cidade/> (2013).

A produção moderna brasileira desenvolveu-se na década de 1930, no entanto, intensificou-se consideravelmente na década de 1940 e 1950. Assim, Bruand (1997), cita a megaestrutura do Conjunto Pedregulho (1947), como representante dos edifícios habitacionais em altura aplicados às habitações de interesse social e o Parque Guinle (1948),

como obra singular dedicada a moradores de classe alta e promovido pela iniciativa privada.

No contexto da significativa produção dos Institutos de Aposentadoria e Pensão, analisaremos, o Edifício dos Bancários de Ponte Nova (1958), citado por Bonduki (2014), como exemplar construído pelos IAPs⁷ nas regiões centrais das cidades.

O Conjunto Pedregulho, projetado por Affonso Eduardo Reidy⁸, é símbolo internacional da arquitetura moderna e representa os edifícios verticais (Figura 27) como alternativa tipológica para abrigar as unidades habitacionais (CAIXETA, 1999).

Figura 27 - Edifício Pedregulho – Rio de Janeiro (1947) – Bloco A.



Fonte: www.archdaily.com/br/01-12832/classicos-da-arquitetura.

⁷ Dos Institutos de Aposentadoria e Pensão os institutos dos bancários (IAPB) e dos comerciários (IAPC) destacaram-se na construção dos edifícios habitacionais em altura implantados nas áreas centrais da cidade. No IAPC os edifícios de uso misto apresentavam unidades habitacionais com padrões mais sofisticados (áreas entre 80 a 120m²) destinados aos comerciários de renda média e alta. Da mesma forma, os

O conjunto está implantado em uma grande área e possui três blocos residências. O primeiro foi evidenciado pelo porte e por estar implantado na parte mais alta do terreno, sua tipologia curvilínea adapta-se perfeitamente a topografia. Os blocos B e C são idênticos e lineares (Figura 28).

Figura 28 – Fachada Bloco B.



Fonte: Bonduki e Koury (2014, p.381)

No bloco A o acesso principal pelo nível intermediário – terceiro pavimento - adicionado aos apartamentos duplex, permitem a

edifícios do IAPB apresentavam uso misto e eram destinados a classes médias e altas, em muitas cidades foram os primeiros edifícios verticais (BONDUKI, 2014, V.1).

⁸ O edifício foi premiado na Primeira Bienal do Brasil em 1951, como ‘organizador de grandes áreas’ (CAIXETA, 1999).

construção do edifício em altura sem a necessidade de utilização do elevador (BONDUKI, KOURY, 2014).

Alguns equipamentos de apoio aos moradores estão incorporados ao edifício e outros estão isolados no terreno. Esses equipamentos desenvolveram papel importante na racionalização das unidades habitacionais, visando que não seria necessário construir esses ambientes em cada moradia utilizando-os coletivamente (CAIXETA, 1999).

O projeto deixou claro a preocupação da integração do edifício com a cidade e a multifuncionalidade proporcionou a diminuição da necessidade do transporte aos moradores. Contemporâneo da Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier, o Pedregulho diferenciase. No primeiro a multifuncionalidade apresenta-se no mesmo edifício, já no segundo os edifícios de serviço estão implantados independentemente dos blocos habitacionais.

Antagonicamente, os edifícios do Parque Guinle⁹ (Figura 29), projetado por Lúcio Costa, são destinados à classe de alto poder aquisitivo e conseqüentemente são de alto luxo. Os três edifícios

independentes (Nova Cintra, Bristol e Caledônia) estão implantados em um grande parque localizado em uma área privilegiada da cidade do Rio de Janeiro (BRUAND, 1997).

Figura 29 – Edifícios Parque Guinle – Rio de Janeiro (1948-54).

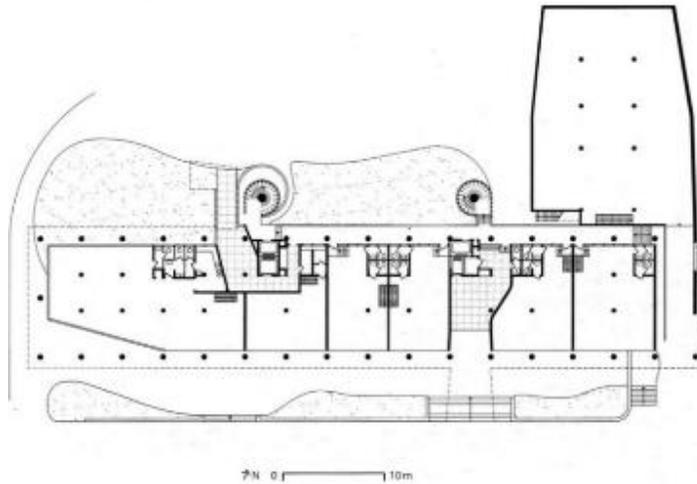


Fonte: Fracalossi (2011).

O Edifício Nova Cintra está implantado perpendicularmente aos outros dois blocos (Figura 30), no entanto, as plantas são idênticas. Com nove pavimentos, o edifício apresenta uso comercial no pavimento térreo.

⁹ “O parque em questão era originalmente propriedade particular e foi traçado em 1916 pelo paisagista francês Cochet para o magnata Eduardo Guinle” (BRUAND, 1997, p.135).

Figura 30 - Implantação – Edifício Nova Cintra.



Fonte: Fracalossi (2011).

O edifício linear possui eixo transversal ao centro e a simetria das unidades habitacionais apresenta-se através de um apartamento simples e um duplex. Os pavimentos tipo apresentam dois apartamentos de três quartos nas extremidades do bloco e dois duplex de dois quartos no centro, essa disposição resulta na alternância dos elementos da fachada (FRACALOSSO, 2011).

O Edifício dos Bancários de Ponte Nova, Minas Gerais, localiza-se na região central da cidade e foi projetado pelo arquiteto Abílio Marques Cardozo Filho. Implantado em um terreno de esquina, adapta-se a ele em um volume em L (Figura 31) e destaca-se por apresentar uso comercial no térreo e primeiro pavimento. O recuo frontal no térreo é integrado pela área verde que está interligada ao acesso vertical dos

pavimentos tipos e ao setor comercial (Figura 32) (BONDUKI; KOURY, 2014).

Figura 31 – Edifício dos Bancários de Ponte Nova.



Fonte: Bonduki e Koury (2014, p.200).

Essa produção brasileira vasta e muito significativa destaca-se internacionalmente em função da regionalidade, da adequação aos materiais e tecnologias construtivas existentes no país, assim como da preocupação com as particularidades dos terrenos e da priorização dos estudos de insolação e ventilação. Muito além dos aspectos arquitetônicos e construtivos inovadores, demonstram-se como novo modo de habitar coletivamente.

CAPÍTULO II

ENSAIOS GOIANIENSES: VERTICALIZAÇÃO, A ARQUITETURA MODERNA E A INTRODUÇÃO DO TIPO

Os idealizadores de Goiânia, desde os primeiros discursos de sua criação, buscavam o ‘novo’ e o moderno. As limitações financeiras e territoriais trouxeram a racionalização e a economia como fatores determinantes na sua construção. O plano inicial foi fundamentado nos preceitos da cidade moderna racionalista e apresentava forte integração com o ambiente natural e valorização das áreas verdes preexistentes.

O primeiro relatório técnico, elaborado por Armando de Godoy em 1933, procurava analisar a viabilidade econômica de transferir a capital. O urbanista apresentou as diretrizes que deveriam nortear o plano urbanístico e ao mesmo tempo evidenciava a importância de adotar os preceitos de cidade moderna no projeto da nova capital goiana. “É das cidades modernas que partem os vigorosos impulsos coletivos e é nelas que se faz a coordenação dos movimentos e das atividades de uma nação” (GODOY, 1933, p.49). O autor ainda esclarece:

A cidade moderna, quando se lhe proporcionam todos os elementos de vida e o seu estabelecimento e a sua expansão se prende um plano racional, isto é, que obedece às determinações do urbanismo, é um centro de cultura, de ordem, de trabalho e de atividades bem coordenadas civilizadora (GODOY, 1933, p. 49).

No mesmo relatório o engenheiro urbanista deixa claro que a economia deve ser elemento preponderante para concepção do plano urbanístico, ou seja, na construção de todos os elementos que o compõem, como o dimensionamento dos logradouros públicos, o zoneamento, a infraestrutura básica, a divisão dos lotes, a arborização, entre outros (GODOY, 1933).

Nesse contexto, Goiânia foi inaugurada em 1933 como símbolo do projeto moderno e do progresso para o Centro Oeste do país. O plano original foi idealizado pelo arquiteto urbanista Atílio Corrêa Lima (Figura 32), fundamentado nos princípios clássicos do urbanismo científico e embasado nas mudanças das cidades europeias e norte-americanas (MANSO, 2001).

No ano seguinte, a firma Coimbra Bueno, assume a responsabilidade pela administração da obra e em 1935 Atílio abandona o projeto, retornando ao Rio de Janeiro impelido pelas divergências com os

construtores, falta de pagamento, atraso nas obras, entre outras questões que o levaram a anular o contrato (GONÇALVES, 2003).

Figura 32 – Plano Piloto de Goiânia (1935).



Fonte: Mello (2006, p.38).

Figura 33 – Plano definitivo (1938).



Fonte: Alvarez (1942, p.153).

Em 1936 o plano inicial de Goiânia começa a ser analisado e estudado por Armando A. de Godoy que, como consultor técnico da firma Coimbra Bueno, fez modificações e adaptações no anteprojeto do Plano de Urbanização de Goiânia (Figura 33). A revisão feita por Godoy apresentou pequenas modificações nos setores Central e Norte. No entanto, o Setor Sul recebe uma nova proposta que, por sua vez, seria fundamentada nas cidades-jardins norte-americanas (MANSO, 2001; DAHER, 2003).

No Setor Central as modificações foram feitas no desenho das quadras - eliminação em algumas quadras das áreas interna de comércio-, no estreitamento de várias ruas e passeios, no zoneamento de usos intra-urbanos e na redefinição dos bosques e parques (VAZ, 2002; UNES, 2001).

No Plano definitivo o Setor Norte teria uso industrial e seria dividido em duas subzonas: uma de indústrias pesadas e a outra de indústrias leves. O Setor Sul teria uso predominantemente residencial e o Setor Central ficaria com as zonas comerciais e de diversão (ALVAREZ, 1942). Inicialmente seriam ocupados os setores Central e Norte, na busca de incentivar o adensamento da área inicial e do aproveitamento da infraestrutura. O Setor Sul só seria urbanizado posteriormente após a ocupação dos dois primeiros bairros (GONÇALVES, 2003).

2.1 Estrutura Urbana Planejada

O Setor Central de Goiânia possui suas diretrizes fundamentadas no Plano de Atílio Corrêa Lima, relatadas ao Estado, em 1935. O urbanista deixa claro no relatório que, o seu zoneamento, deveria ser bem definido para permitir a organização dos serviços públicos e facilitar a resolução de alguns problemas técnicos econômicos e sanitários (LIMA, 1935).

A princípio o zoneamento de Atílio estabeleceu três áreas predominantes no Setor Central: administrativa, comercial e residencial. As zonas de diversões foram acrescentadas e determinadas por Godoy. Esta última, definida como áreas de lazer reservou-se a localização para o teatro municipal (ALVAREZ, 1942).

Por conseguinte, nas áreas administrativas foram implantados edifícios públicos estabelecidos como centro administrativo e político: a Praça Cívica. As zonas comerciais localizadas no centro geométrico do setor, distribuem-se ao longo das avenidas Goiás e Anhanguera e a zona residencial circundava essa área centralizada, caracterizando-se em áreas mais tranquilas e próximas as áreas verdes (LIMA, 1935).

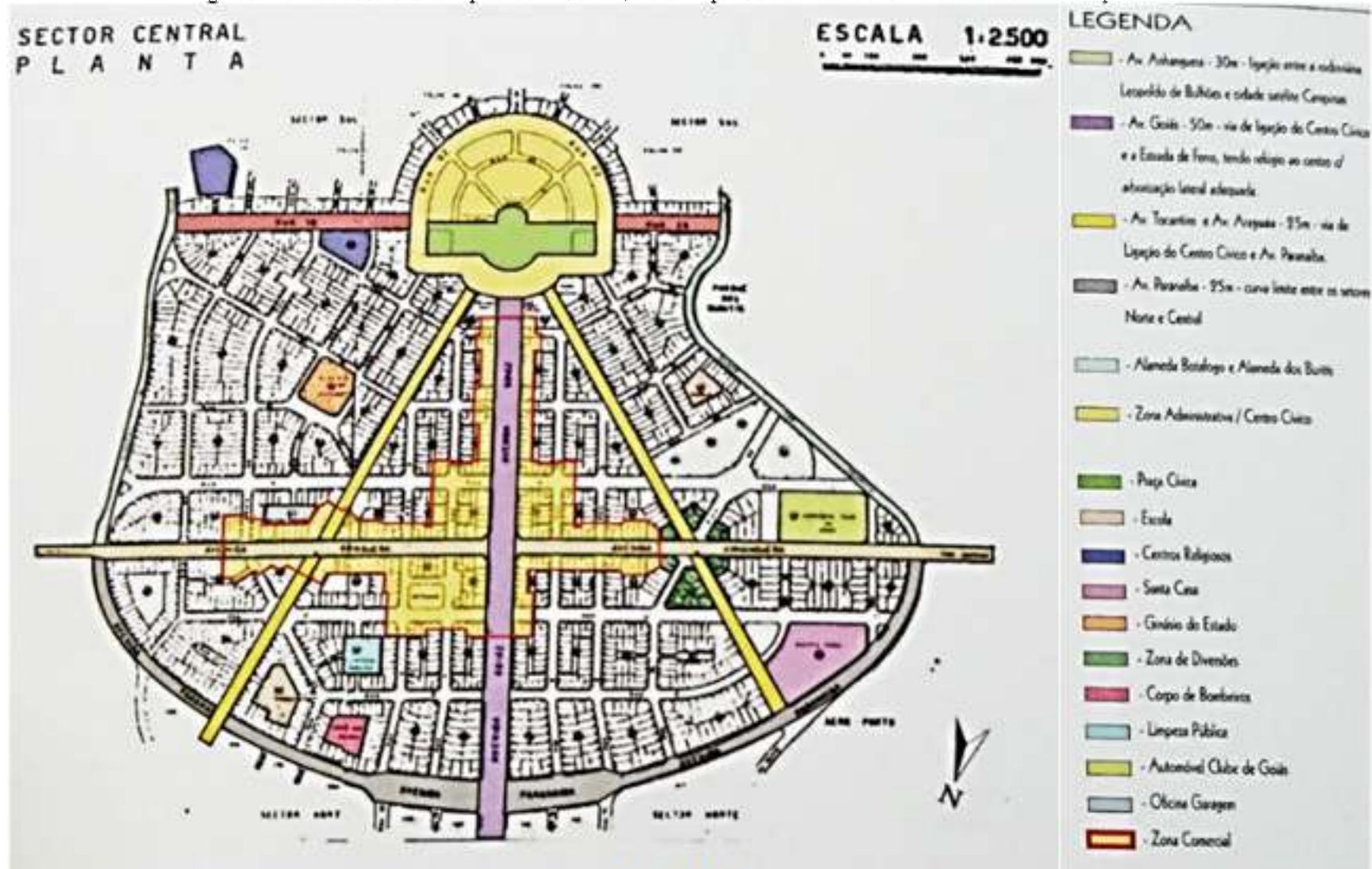
O bairro possui um traçado radiocêntrico justaposto em uma malha ortogonal que se adapta ao traçado base, à topografia e aos incidentes naturais (cursos d'água e a vegetação). É notável a preocupação dos seus idealizadores com a racionalidade, com as características do sítio, a monumentalidade do traçado, assim como, com a preservação e requalificação das áreas verdes.

O centro administrativo foi enfatizado a partir da topografia do terreno e da locação das vias principais.

A praça do centro administrativo recebe especial preocupação em seu conjunto arquitetônico e urbanístico. [...]. Ao centro político-administrativo é dirigida toda atenção – é a ele atribuído papel de destaque. É ele o principal elemento da composição, é nele que se busca o valor da monumentalidade como meio de expressão do poder político e administrativo de afirmação em Goiás (VAZ, 2002, p.68-69).

O sistema viário, com estruturas monumentais que moldam o plano da cidade, apresenta três vias principais que se iniciam no centro administrativo e político - avenidas Goiás, Tocantins e Araguaia - e são interligadas a mais três vias perpendiculares – Rua 10/Dona G. B. Teixeira, avenidas Anhanguera e Paranaíba - que conectam o bairro com o restante da cidade (Figura 34).

Figura 34 – Planta do Setor Central pioneiro de Goiânia, elaborada por Coimbra Bueno & Cia. Ltda. Zoneamento e traçado viário.



Fonte: GOI, 2010.

Além dos eixos principais, é importante citar as ruas paralelas à Avenida Anhanguera que são indispensáveis para a circulação do bairro, são elas as ruas 2, 3, 4 e 5. Com vias amplas e calçadas que ultrapassam quatro metros.

Nas principais vias os passeios públicos ultrapassam cinco metros e na Avenida Goiás podem chegar a oito metros. As vias locais, em sua maioria, com variação na medida das calçadas e raramente mais estreitos do que dois metros. É importante ressaltar que a arborização das ruas, apresenta-se de forma significativa em todo o bairro.

As quadras possuem três tipologias determinadas em função das quadras retangulares, triangulares e trapezoidais (Figura 35). A primeira (Quadra tipo 1) apresenta-se em todo o bairro e configuram-se quadras fechadas, com linhas retas contínuas na divisão dos lotes que se adequam ao traçado como um todo.

A segunda tipologia (Quadra tipo 2) expõe ruas internas determinadas como áreas públicas, pelo plano inicial e, são interligadas ao sistema viário formando uma circulação interna nas mesmas. Essas áreas possuem passeios públicos estreitos e as vias apresentam dois sentidos internamente, no entanto, nos acessos apenas um.

A terceira tipologia (Quadra tipo 3) possui rua interna e espaços destinados a serviço e estão inseridas na área comercial, como define Lima (1935, p.144) nas diretrizes do plano original: “Todas as quadras dessa zona dispõem de áreas públicas internamente para uso do comércio, que poderá fazer descarga de mercadorias, sem interrupção e sem longos estacionamentos na via pública”. As tipologias 2 e 3 estão presentes principalmente nas quadras comerciais e consequentemente são mais densificadas.

Figura 35 – Mapa esquemático: tipologias das quadras.



Fonte: Base cartográfica - SEPLAM (2016). Edição: autora.

A relação entre as vias, os lotes e as construções tornam-se muito significativas em função do traçado. “Em regra geral foi adotado o critério de dar como área mínima 360 metros quadrados e uma testada nunca inferior a 12 metros” (LIMA, 1935, p.55).

Por certo seguiram essa diretriz, entretanto, alguns lotes apresentam áreas inferiores. As medidas dos lotes variam em função da localização do terreno na quadra e de seu desenho. Configuram-se terrenos retangulares estreitos e profundos, limitando o aproveitamento da fachada principal e condicionando a implantação dos edifícios.

As obras na capital iniciaram-se em 1933 e a venda dos lotes no ano seguinte. Entretanto, a primeira regulamentação urbanística elaborada pela Superintendência Geral de obras de Goiânia, foi sancionada apenas em 1937, sendo considerado o primeiro código de obras da cidade (MOTA, 2014).

Essa norma de regulamentação ditava que os prédios comerciais deveriam ser construídos no alinhamento das ruas. Nas zonas residenciais o recuo mínimo seria de 2,50 metros sobre o alinhamento da rua. Estipula-se ainda que os edifícios comerciais teriam largura mínima de seis metros e nas zonas comerciais deveriam ser isolados. O recuo lateral de dois metros atenderia apenas edifícios com até 7,5

metros de altura, sendo que, nos mais altos acrescentaria quinze centímetros a cada metro construído (ALVAREZ, 1942).

Outro ponto importante que deve ser pontuado e que influenciou principalmente na percepção do passeio público, foi a obrigatoriedade da utilização de platibanda e marquises dos prédios comerciais, com um metro para ruas com largura inferior a vinte e quatro metros e um metro e meio para as ruas com largura superior e altura de 2,80 metros do nível da soleira da entrada (ALVAREZ, 1942).

Nas zonas residenciais os muros (Figura 36) não deveriam apresentar altura superior a um metro. Estipulava-se ainda que, nas edificações em geral, o pé direito, as áreas mínimas e as dimensões mínimas para os ambientes. A preocupação com a insolação e ventilação é notável nesse caso, definindo a obrigatoriedade de todos os ambientes possuírem aberturas para o exterior (ALVAREZ, 1942).

Essas primeiras diretrizes urbanas fundamentadas no planejamento de Atílio, traçaram a paisagem do Setor Central nas duas primeiras décadas de sua existência. Período em que, segundo Gonçalves (2003), o Estado ainda mantinha o controle sobre a ocupação e crescimento da zona urbana. No entanto, nas décadas seguintes (1950 a 1970) ela modificou-se gradativamente.

Figura 36 – Alameda Botafogo – aspecto residencial e muros com um metro de altura.



Fonte: Diário do Oeste (1960).

Para o entendimento dessas mudanças consideremos a periodização apresentada por Maria Diva A. Coelho Vaz (2002) que, em sua dissertação de mestrado, estuda o processo de formação da paisagem do bairro:

O centro e o seu processo de constituição e consolidação (1933/38 – 1964); o centro em transformação (1964 – 1992), período em que recebe três subdivisões temporais (1964-1975, 1975-1981 e 1981-1992); e, a “decadência” do centro, que é o atributo espacial do atual discurso sobre o centro (1992 aos dias de hoje) (VAZ, 2002, p.9).

2.2 Processo de verticalização

Na constituição e consolidação da cidade, no Setor Central predomina uma paisagem horizontalizada. O final da década de 1950 e o início da década de 1960 são marcadas pelo começo da verticalização, embora ainda muito modesta, apresenta os primeiros exemplares dos edifícios habitacionais, institucionais e comerciais altos (Figura 37).

Figura 37 – Setor Central ao fundo e Setor Sul em primeiro plano. Verticalização da paisagem- 1964.



Fonte: Biblioteca SEPLAM. Foto: Hélio de Oliveira.

Precedentemente, no final da década de 1940, o Estado começa a perder o domínio sobre a ocupação urbana. O Decreto-Lei nº574, de 1947, permitiu a modificação total da área de expansão urbana da

cidade e a inclusão da iniciativa privada como participante do processo de parcelamento do solo urbano. Ao mesmo tempo, no Setor Central, ainda como a principal centralidade da cidade, os lotes já estavam ocupados ou nas mãos de particulares (GONÇALVES, 2003; ARAÚJO, 2009).

No ano de 1950, o cenário desordenado de expansão urbana intensifica-se horizontalmente e, ao mesmo tempo, descontinuamente em consequência da quantidade elevada de loteamentos aprovados. Incorpora-se à malha urbana da cidade 1.300 lotes e 183 novos bairros e permite-se que o empreendedor apenas fique responsável pela locação e arruamento do loteamento, agravando a situação determinada pela Decreto – Lei nº 574 (1947) que exigia a implantação de toda a infraestrutura (VAZ, 2002).

No início dos anos 50, a cidade encontrava-se estabelecida e solidificada como capital. Além disso, recebia uma grande renovação de influências que deram um novo impulso ao seu desenvolvimento econômico e cultural. Esse

impulso estendeu-se até o início dos anos 1960 (MELLO, 1996, p. 155).

No início da década de 1960, nas avenidas Goiás e Anhanguera já era perceptível a presença significativa de edificações de uso comercial e de serviço, neste momento expunham uma quantidade expressiva de edifícios institucionais como a nova sede do Jôquei Clube de Goiás¹⁰ e o Teatro Goiânia¹¹ (VAZ, 2002, OLIVEIRA et. al, 2015). Esses edifícios atenderam a população da região que, em sua maioria, eram formadas pela classe média e alta como comerciantes, donos de terras e profissionais liberais.

Nesse período, destaca-se a produção residencial dos IAPs - Institutos de Aposentadoria e Pensão que, estabelecida no contexto nacional, constrói 197 unidades habitacionais em Goiânia. Composta em sua maioria por casas unifamiliares e geminadas, apresentam apenas os Edifícios Concórdia, Pioneiro e 28 de agosto como representantes das torres de apartamentos, produzidos pelo IAPC e IAPB respectivamente (LUCAS, 2016).

¹⁰ O Jôquei Clube de Goiás (1962-75) foi concebido na mesma época que o Clube de Regatas Jaó (1962-69). Idealizados por Paulo Mendes da Rocha e Sérgio Bernardes respectivamente, esses arquitetos atuam em um contexto de profundas transformações. O Jôquei Clube de Goiás apresenta aspectos formais associados à Escola Paulista Brutalista (OLIVIERA, 2015).

¹¹ O Cine Teatro Goiânia foi projetado pelo Arquiteto Félix de Sousa, construído entre 1937/38 e inaugurado em 1942. O arquiteto estudou na Universidade do Rio de Janeiro, desenvolveu vários projetos em Goiânia e foi professor na Universidade Católica de Goiás no curso de Arquitetura na década de 1970 (PIRES, 2009).

Entre 1959 e 1962, o arquiteto Luís Saia, desenvolve um novo Plano diretor de Goiânia com ênfase na habitação e na verticalização de alguns bairros como o Setor Central. Mesmo que não implantado por completo, esse plano provoca algumas mudanças na paisagem (OLIVEIRA et. al., 2015).

Esse período encerra-se sinalizado pelo início da verticalização de Goiânia reforçando a importância socioeconômica do Setor Central no contexto geral da cidade.

Nos anos de 1965 a 1975, tempos de transformações fundamentais, a verticalização do Setor Central atinge o seu auge e ainda é o principal alvo dos moradores e dos investidores quando o foco é habitação em altura.

O período foi marcado pelo processo de verticalização progressivo com modificações no parcelamento das quadras através dos remembramento dos lotes e das demolições de casas e de sobrados para a construção dos novos edifícios. Entretanto, o traçado urbano não sofre modificações. Eles foram viabilizados a partir da consolidação, profissionalização e especialização das grandes construtoras associadas ao capital financeiro bancário. Dessas incorporadoras podemos citar a Encol e os Irmãos Valle (VAZ, 2002).

A partir do início da década de 1960, inicia-se um processo gradativo de verticalização da cidade, com grande força na região central entre os anos 1964-1975. [...] Até 1975 o centro da cidade era o local de maior modificação e reconstrução do seu espaço. (PAIXÃO et. al, 2014, p.4).

O Banco Nacional de Habitação (BNH) – criado em 1964 - via Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) foi importante financiador dos novos loteamentos, dos conjuntos habitacionais e das torres de apartamentos (LUCAS, 2013).

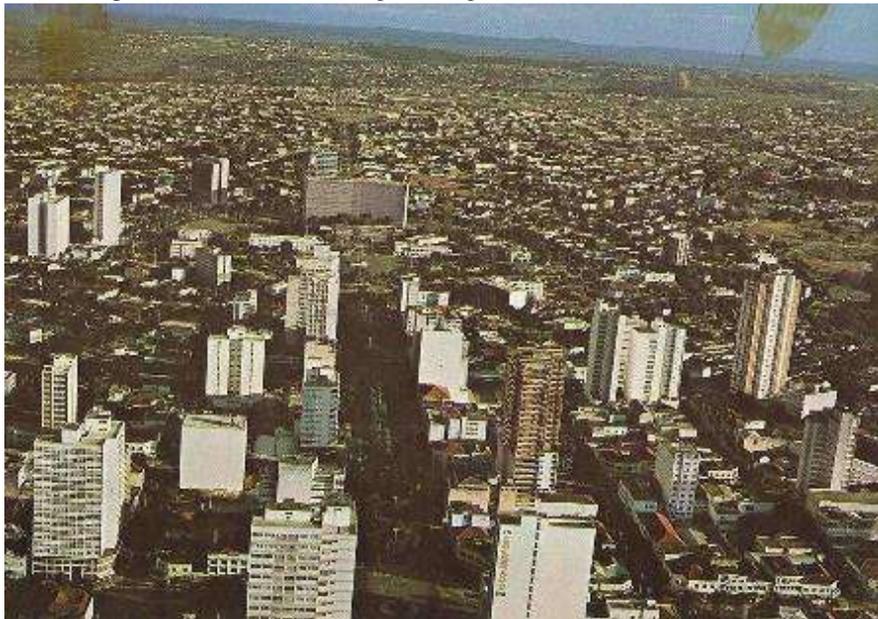
O Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia, de 1971, foi financiado pelo BNH e desenvolvido pelo urbanista Jorge Wilhelm (1967-9). Caracterizou-se como um novo planejamento para a cidade, o qual a moradia como um “dos maiores problemas da cidade estimulando assim a utilização de conjuntos habitacionais como alternativa para o adensamento e expansão urbana” (RIBEIRO, 2004, p.87).

O PDIG-71 - Lei nº 4.523 - buscava organizar novamente o crescimento da cidade e foi decisivo no processo de expansão do espaço urbano. Com o novo plano, o Centro torna-se zona de atividades centrais permitindo a construção de seis a oito vezes a área do terreno, surgindo assim edifícios com mais de vinte pavimentos (ARAÚJO, 2009).

A cidade fragmenta-se e cada vez expande-se mais, o processo de segregação intensifica-se e os bairros verticalizados são ocupados pela população de média e alta renda (VAZ, 2002).

Para Moraes (1991), citado por Vaz (2002), o ano de 1975 marcou o encerramento da verticalização mais marcante e de renovações muito intensas do Setor Central (Figura 38).

Figura 38 – Setor Central em primeiro plano e Setor Sul ao fundo - 1975.



Fonte: Biblioteca SEPLAN. Foto: Hélio Oliveira (1975).

A Lei nº 5.019/75, que implanta o Sistema integrado de transporte (investimentos no sistema viário e transporte coletivo) e a inauguração

do Flamboyant Shopping Center, em 1981, acentuam ainda mais esse processo. Inicia-se o abandono gradativo das camadas de alta renda e dos profissionais liberais do Setor Central, que migram para os setores do entorno e provocam a distribuição das atividades para outras localidades da cidade como o Setor Bela Vista e Bueno (VAZ, 2002). Posteriormente, o intenso processo de verticalização desloca-se para outros bairros próximos ao centro e a expansão horizontal passa a ser uma das principais características territoriais da cidade, em função do crescimento populacional e das legislações vigentes. Entretanto, a verticalização do Setor Central não elimina por completo as propriedades da paisagem horizontalizada e a busca pela monumentalidade prevista no plano original não é alcançada (FROTA et al., 2011).

A verticalização do bairro continua nas próximas décadas, em um processo contínuo de desaceleração. Em outros bairros esse processo é intensificado cada vez mais e os edifícios de apartamentos conquistam espaço. Segundo o PDIG – 2000, citado por Vaz (2002), foram construídos, entre 1975 e 1985, 4.304 edifícios de apartamento, sendo que, no Setor Central essa produção ultrapassa em poucas unidades a inicial de 1953 a 1975).

2.3 Edifícios em altura

Como produto da estrutura planejada, da verticalização e da arquitetura moderna, os edifícios habitacionais, institucionais e comerciais em altura representam a modernização e o progresso na arquitetura e na engenharia, assim como, o poder econômico da cidade.

Apresentavam influências da emergente arquitetura imobiliária brasileira produzida nos grandes centros como o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Na década de 1950 essa produção foi tímida, com poucos exemplares e gabaritos abaixo de dez pavimentos. No entanto, nas décadas de 1960 e 1970 ela se torna mais significativa em termos numéricos, participando da implementação da verticalização do Setor, com gabaritos que ultrapassam vinte pavimentos.

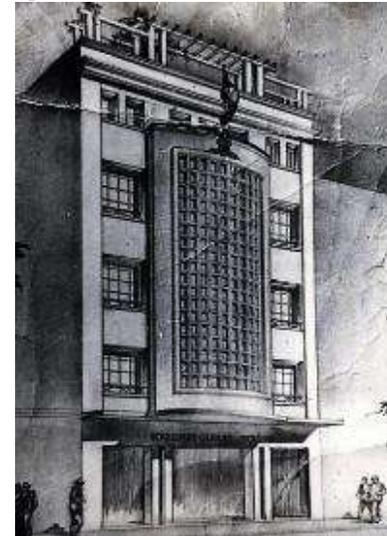
Como representantes da arquitetura moderna¹² na cidade, foram produzidos por arquitetos locais e nacionais que utilizavam de elementos dessa arquitetura para compor esses edifícios.

¹² Na década de 1950, edifica-se as primeiras obras modernas na cidade. Os arquitetos que atuaram na década de 1950 tiveram formação no Rio de Janeiro e na de 1960 e 1970 graduaram-se em São Paulo, Minas Gerais e em Brasília. O acervo arquitetônico desenvolve-se em duas vertentes: a primeira fundamentada na escola

2.3.1 Edifícios comerciais e institucionais

O primeiro edifício vertical de uso institucional foi construído em 1944 e apresentava cinco pavimentos. Era Sede da Sociedade de Pecuária (SGPA) e o maior edifício da cidade naquele período (Figura 39). Além do pavimento térreo e do subsolo, o edifício possuía quatro pavimentos tipo e a cobertura (UNES, 2001).

Figura 39 - Perspectiva do Edifício da Sociedade de Pecuária (SGPA).



Fonte: Biblioteca SEPLAN. Foto: Augusto de Curado (1944).

carioca (1950 e 1960) e a segunda respaldada na escola paulista (1960 e 1970). Vale ressaltar que no primeiro momento cria-se duas universidades goianas: Universidade Federal de Goiás e Universidade Católica de Goiás (FROTA, CAIXETA, 2013; CAIXETA et. al., 2016; OLIVEIRA et. al. 2015).

Podemos citar também o Edifício Sandoval de Azevedo (1954), o Edifício Banco Lar Brasileiro (1961) e o Edifício do antigo BEG, todos localizados na Avenida Goiás, apontados pelos jornais locais como significativas obras modernas e símbolos da verticalização na cidade.

O Edifício Sandoval de Azevedo (Figura 40), foi construído em 1954, pelo Banco Real de Crédito de Minas e seu nome homenageia o arquiteto mineiro responsável pela obra. O edifício de uso comercial era, segundo o jornal O Popular (1951), o mais alto da cidade e do Estado, com nove pavimentos (FILHO, 2010).

Figura 40 – Edifício Sandoval de Azevedo – Avenida Goiás – 1954



Fonte: 66A-Filho (2010, p.74) Foto: Mundim. 66B-acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

No final da década, o jornal O Popular (1958) novamente noticiava o início da construção do novo maior edifício do Estado de Goiás: o edifício sede do Banco Lar Brasileiro inaugurado em 1961. Esse, por sua vez, apresentava dez pavimentos e acabamentos externos de vidro e alumínio, acabamentos estes, inspirados nos edifícios públicos de Brasília (Figura 41).

Figura 41 – Edifício Banco Lar Brasileiro – Avenida Goiás (1958-61).

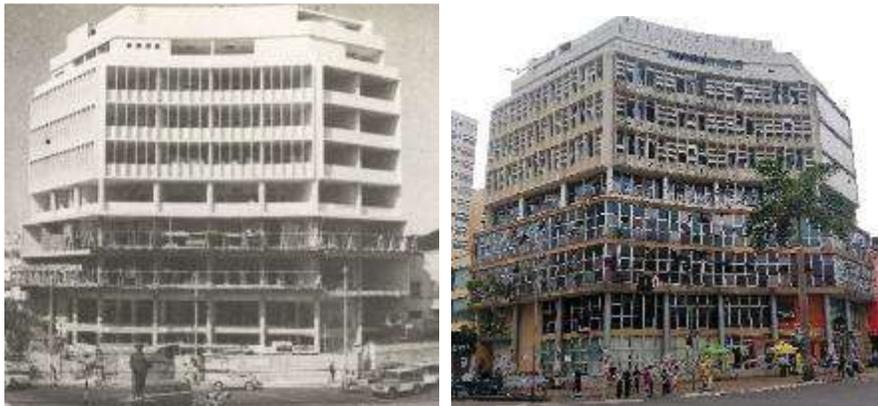


Fonte: 67A – Diário do Oeste (1961). 67 B – acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

Projetado pelo engenheiro José Ribamar Menezes, fundamentou-se nas premissas modernas e com alto padrão de acabamento. Sediaria o banco e o restante das salas comerciais seriam vendidas em política de condomínio (O POPULAR, 1958).

O edifício do antigo BEG (1964), também é um marco importante dessa tipologia. Representante da arquitetura moderna na cidade umas das mais importantes obras dos arquitetos Eurico Calixto de Godoi¹³ e Elder Rocha Lima¹⁴. O edifício apresenta fortes características da escola carioca e influências das vanguardas europeias (Figura 42).

Figura 42 – Edifício do antigo BEG – Avenida Goiás (1964).



Fonte: 68A - Biblioteca Seplan. Foto: Hélio de Oliveira (1964). 68B - acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

Localizado em um terreno privilegiado – esquina das avenidas Anhanguera e Goiás – o edifício está localizado em frente ao monumento do Bandeirante. Apresenta-se de forma imponente com uma curvatura na fachada que acompanha o formato do lote, a

¹³ Eurico Calixto de Godoi foi o primeiro arquiteto modernista da cidade, graduou-se pela Universidade do Brasil (1951) no Rio de Janeiro. Foi idealizador da primeira casa modernista da cidade e é um dos principais arquitetos responsáveis pela propagação dessa arquitetura na cidade (MELLO, 2006).

estrutura em concreto armado destaca-se e contrasta-se com os elementos de fechamento – vidro e alumínio - (MELLO, 1996).

A volumetria é descrita por Oliveira et. al (2015, p.112):

Os arquitetos adotam um partido compacto e vertical, onde o prisma resultante é tratado como um conjunto de partes distintas, em uma sequência de sólidos composta verticalmente. Essa solução formal dialoga com o princípio da fachada tripartida destacando a tríade clássica de ‘base, corpo e coroamento’, utilizando componentes da arquitetura moderna: seja no uso do falso pilotis, do pavimento térreo e de parte do corpo intermediário; seja na utilização de grandes panos de esquadrias de vidro; seja no uso de brise-soleil de alumínio vertical e horizontal e de grelhas de concreto e panos de pastilha cerâmica.

Os edifícios institucionais e comerciais verticalizados produzidos no Setor Central auxiliaram no processo de propagação dessa tipologia arquitetônica e da arquitetura moderna local em função da localização privilegiada, do valor social e econômico, assim como, das composições arquitetônicas apresentados.

¹⁴ Elder Rocha Lima nasceu na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás. Formou-se em Arquitetura no ano de 1956 na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (MELLO, 1996).

2.3.2 Edifícios habitacionais

As habitações em altura do Setor Central de Goiânia participam das tendências de verticalização existente nas grandes metrópoles brasileiras, mesmo sendo, uma cidade com poucas décadas de existência. Nas décadas de 1960 e 1970 esses edifícios são aceitos pela população como uma nova possibilidade de morar na cidade.

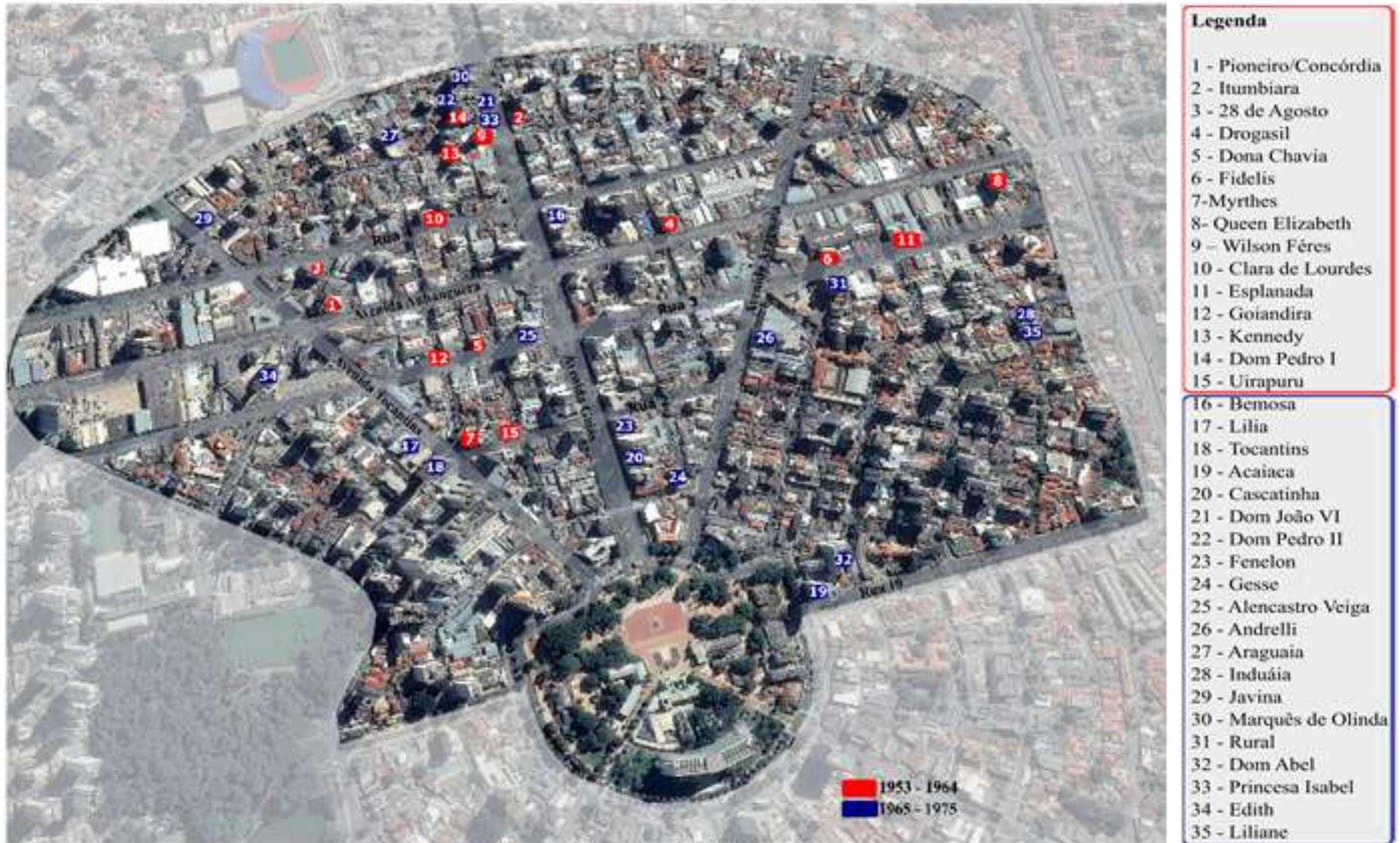
Os primeiros exemplares são construídos na década de 1950 e no início da década de 1960. Esse período, no qual a população está adaptando-se ao morar coletivo em altura, coincide com o processo de consolidação da cidade e com a introdução da arquitetura moderna. Nos anos seguintes (entre 1965 e 1975) apresentam-se como elementos importantes nas mudanças da paisagem do Setor Central e o apartamento passa a ser a alternativa conveniente para a classe média e alta como moradia moderna.

Dessa forma, a partir da periodização de Vaz (2000), que aborda o processo de transformação da paisagem do Setor Central, e das particularidades da produção das torres de apartamentos identificadas, adotaremos os seguintes momentos para uma melhor compreensão (Mapa 2):

1. **1953 a 1964:** anos de consolidação do setor como principal centralidade da cidade e do surgimento dos primeiros edifícios habitacionais verticalizados que, apresentam-se de forma tímida quantitativamente, no entanto, muito significativa e representativa para a arquitetura moderna local. Propagação da tipologia arquitetônica e destaque dos edifícios promovidos pelos Institutos de Aposentadoria e Pensão - IAPs.
2. **1965 a 1975:** tempo de transformação do panorama do bairro em função do aumento do gabarito e da quantidade construída de edifícios verticalizados. Atuação consistente das incorporadoras e construtoras; subsídio, em sua maioria, do Banco Nacional de Habitação – BNH e maior aceitação da população do apartamento como moradia para a classe média e alta.

Nesse contexto, os Edifícios Concórdia/Pioneiro (1953), Itumbiara (1954) e 28 de Agosto (1957-58) sinalizaram a primeira década de verticalização das torres de apartamentos. Como mostra a Figura 43, esses edifícios sobressaem-se em uma vista predominantemente horizontalizada com construções de dois e três pavimentos.

Mapa 2 - Edifícios habitacionais em altura do Setor Central de Goiânia construídos entre 1953 e 1975.



Fonte: arquivo da pesquisa. Imagem: Google Earth (2017). Edição: autora.

Figura 43 – Paisagem com predominância de edificações de até dois pavimentos. Da esquerda para direita – Edifício Itumbiara, Edifício 28 de Agosto e Concórdia/Pioneiro.



Fonte: Biblioteca SEPLAM (1957).

Os edifícios Concórdia e Pioneiro foram construídos pelo IAPC e o Edifício 28 de Agosto pelo IAPB. Todos eram destinados aos funcionários dos órgãos.

Os edifícios Concórdia e Pioneiro foram os primeiros edifícios habitacionais a serem construídos com seis pavimentos, dessa forma, caracterizava-se, os edifícios mais altos da cidade com esse uso, já no início da década de 1950 (Figura 44).

Figura 44 – Hotel Presidente no primeiro plano e o Edifício Concórdia e Pioneiro ao fundo. Avenida Anhanguera com Avenida Tocantins (Déc.50).



Fonte: Biblioteca SEPLAM. Foto: Berto.

Os dois blocos ligados ao centro à sede do sindicato do órgão, eles formam um volume único, no entanto, possuem acessos independentes feitos pela Rua 23 e Avenida Anhanguera respectivamente. Implantados em um terreno de esquina, apresentam uso comercial no térreo e nos demais pavimentos possuem uso residencial.

No ano seguinte, a construção do Edifício Itumbiara na avenida Goiás, que mais tarde será a principal avenida modificada pela verticalização, também se destaca na paisagem, como mostra a figura abaixo que nos permite compreender melhor o contexto urbano em

que esses edifícios estavam sendo inseridos. O edifício apresenta pavimento térreo de uso comercial que ocupa todo o terreno e mais quatro pavimentos residenciais, totalizando cinco pavimentos (Figura 45).

Figura 45 – Edifício Itumbiara à direita e estação ferroviária ao fundo. Avenida Goiás com rua 4.



Fonte: Biblioteca SELAM. Foto: Hélio de Oliveira (1960).

Já o edifício 28 de agosto foi projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes¹⁵ e faz parte do prestigiado trabalho do IAPB, idealizado por arquitetos modernos de reconhecimento nacional. Também com

¹⁵ O arquiteto Sérgio Bernardes graduou-se em 1948 pela Faculdade do Rio de Janeiro no período de reconhecimento internacional da arquitetura moderna

uso comercial no térreo e no primeiro pavimento, ele apresenta mais seis pavimentos residenciais, totalizando oito pavimentos (Figura 46).

Figura 46 – Edifício 28 de Agosto.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

Os edifícios Concórdia, Pioneiro e 28 de agosto estão implantados em terrenos de esquina, em áreas destinadas a zona de diversão previstas no plano dos Coimbra Bueno (1938). Nessas áreas destinadas à diversão e ócio efetivou-se apenas a construção do Teatro Goiânia e

brasileira. Idealizou algumas obras importantes modernas em Goiânia como o Jôquei Clube de Regatas Jaó construído em 1969 (MELLO, 2006).

da sede social do Jôquei Clube de Goiás, as demais áreas foram destinadas a outros usos.

O acervo inicial amparou a viabilidade das torres de apartamentos nas próximas décadas e no início da década de 1960, apresentou maior quantidade e gabarito que, em alguns casos será duplicado em relação aos pioneiros.

No início da década de 1960, os jornais já registravam o processo de verticalização do Setor Central através dos anúncios de construção, inauguração das torres de apartamentos e das mudanças nas legislações. Em 1961, o Diário do Oeste, apontava que os edifícios poderiam atingir até quinze pavimentos com as modificações feitas no Plano Diretor e que essas mudanças foram impostas pelo crescimento da cidade e pela busca de maior aproveitamento do terreno urbano.

Goiânia está sempre ganhando prédios novos e bonitos na sua zona central, onde aparecem majestosos os primeiros arranha-céus. Principal incentivo à construção de edifícios: o aluguel cada vez mais elevado e a procura cada vez maior de cômodos para escritórios, lojas e apartamentos residenciais (DIÁRIO DO OESTE, 1961, p.10).

Eles eram retratados nos anúncios dos jornais pelos incorporadores como sendo de alto padrão construtivo e produzidos com as mais sofisticadas tecnologias construtivas, além de configurarem um ótimo

investimento econômico. Eram anunciados como modelo moderno do morar coletivo.

No Jornal O popular de fevereiro de 1962, anuncia-se a venda dos apartamentos do Edifício Goiandira, como sendo um edifício “magnífico no centro de Goiânia” (O Popular, 25/02/1962). Com quinze andares, ele apresenta uso comercial no térreo e primeiro pavimento, além de treze pavimentos residenciais (Figura 47).

Figura 47– Anúncios do jornal O Popular – Edifício Goiandira (1962)

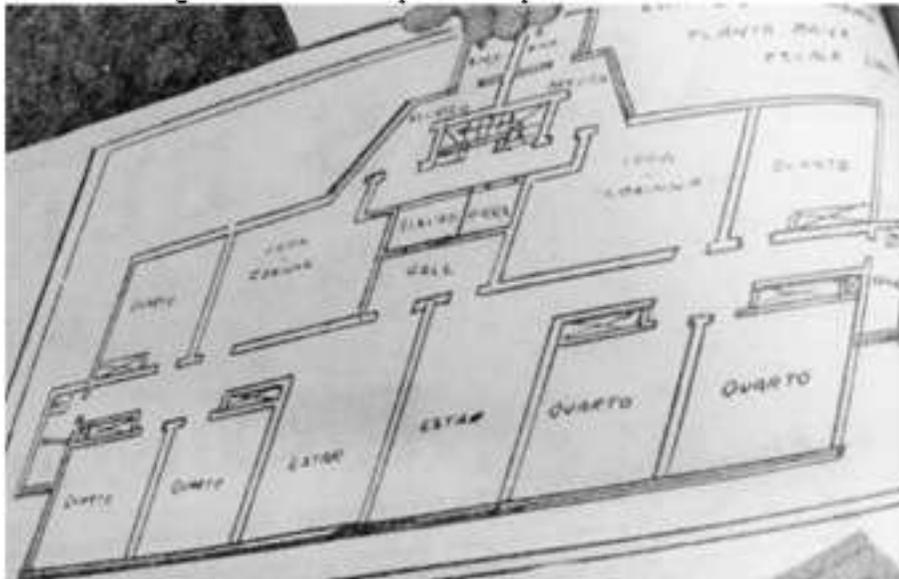


Fonte: O Popular (25/02/1962).

Os pavimentos residenciais (Figura 48), possuem dois apartamentos dispostos simetricamente e circulação vertical centralizada, com dois

elevadores escada e hall compartilhados. O apartamento apresenta três quartos, sala de estar, banheiro, sala de jantar integrada a cozinha e área de serviço.

Figura 48 – Planta baixa pavimento tipo Edifício Goiandira.



Fonte: O Popular (25/02/1962).

No mesmo ano, em dezembro, o jornal anuncia a o Edifício São José - hoje denominado Esplanada - seria a “solução feliz” de moradia para as famílias daquele período (O Popular, 20/12/1962).

Ele apresenta (Figura 49) uso comercial no térreo e no primeiro pavimento e sete pavimentos residenciais, totalizando nove

pavimentos. Segundo o jornal, o edifício foi planejado dentro das técnicas arquitetônicas modernas (O Popular, 20/12/1962).

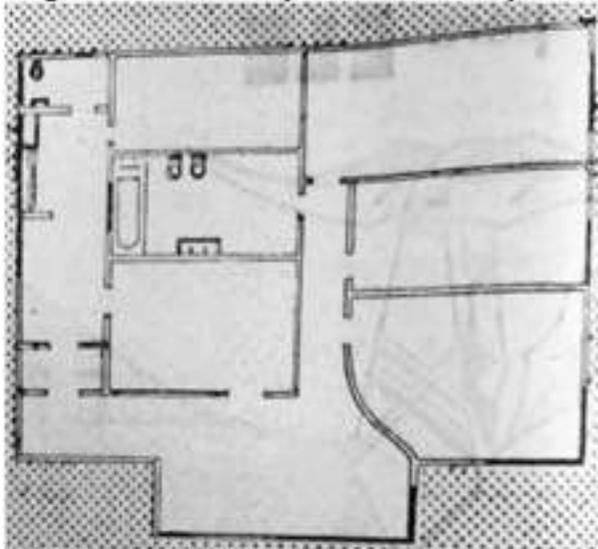
Figura 49 – Anúncios do jornal O Popular – Edifício São José (1962).



Fonte: O Popular (20/12/1962).

Com três apartamentos por andar, as unidades apresentam três quartos, um banheiro, sala de estar e jantar integrada, setor de serviço (bem definido e amplo), com cozinha, área de serviço, quarto e banheiro para empregados (Figura 50).

Figura 50 – Planta Baixa apartamento Edifício Esplanada



Fonte: O Popular (1962).

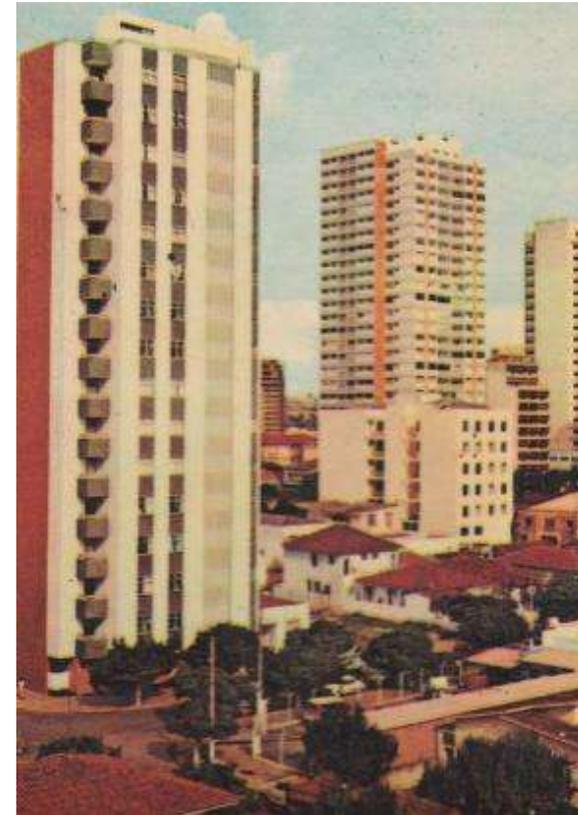
Nesse período, segundo Mello (2006), destaca-se a construção do Edifício Kennedy como importante exemplar da arquitetura moderna na cidade. Ele foi projetado por Silas Varizo¹⁶ e Armando José Norman, em 1962, e construído em 1963 (Figura 51).

Mello (1996, p. 173-174) descreve a volumetria do edifício:

O arquiteto mostrou sua habilidade compositiva. Tratou paredes de vedação e aberturas como faixas verticais. Ao mesmo tempo, impôs um

ritmo horizontal, marcado pela cor e pelo jogo volumétrico às esquadrias e varandas.

Figura 51 – Edifício Kennedy no primeiro plano e Edifícios Bemosa ao fundo. Rua 8 com Rua 5 (1963).



Fonte: Biblioteca SEPLAM (1974).

¹⁶ Silas Varizo formou-se pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1958. Foi estagiário dos arquitetos Sérgio Bernardes e irmãos Roberto e mudou-se para Goiânia em 1965. Responsável por obras importantes como o Autódromo

Internacional de Goiânia, atuou como professor na Universidade Católica de Goiás e na Universidade Federal de Goiás (MELLO, 2006; NETO, 2010, OLIVEIRA et al., 2015).

O edifício, implantado em uma rua local, no entanto, paralela à Avenida Anhanguera, diferencia-se dos seus precedentes por apresentar uso residencial no térreo. O gabarito de 16 pavimentos também é bastante expressivo.

Construídos ainda na consolidação da cidade (1953-1964), esses edifícios começam a modificar o cenário do Setor Central da cidade. Apesar de estarem situados em lotes individuais e por esse motivo, não modificaram a configuração das quadras onde se inserem; o número elevado de pavimentos contrastava com entorno ainda interiorano e com edificações de pequeno porte.

Na década seguinte (1965-1975) a aceitação e intensificação da população de classe média e alta em optar por habitar nos edifícios habitacionais em altura no Setor Central da cidade é amplificada. Consequentemente a produtividade aumenta significativamente e é impulsionada pelas novas políticas públicas:

Neste período prevalece a expressão intensiva, apoiada na grande parte na atuação do Banco Nacional de Habitação, criado em 1964, que libera financiamentos para os conjuntos habitacionais e também para os edifícios de apartamentos. No centro, estes últimos tem um impacto expressivo (VAZ, 2002, p.84).

Esses edifícios configuram uma nova expectativa de moradia e, nas décadas de 1970 e 1980, esse processo intensifica-se. Eram identificados como *status* social e justificados como solução dos problemas de violência urbana para os grupos de maior poder aquisitivo (VAZ, 2002).

Concomitantemente, transformam a paisagem do Setor Central e modificam os lotes através do remembramento. Em alguns casos eram os edifícios mais altos do entorno em outros, estavam entre edifícios de uso comercial e institucional e, por último, isolados por construções de com até quatro pavimentos (Figura 52).

Figura 52 – Edifício Dona Chavia no primeiro plano, Edifício Goiandira no segundo e o Edifício Lília ao fundo.



Fonte: IBGE (2017). Foto: Osvaldo Gilson Fonseca Domingues (1965).

Destaca-se quatro edifícios conhecidos como Família Real (Figura 53), construídos pela Construtora Irmãos Valle. Em lotes contíguos, eles foram inaugurados entre os anos de 1966 e 1969. Compõem esse conjunto os edifícios: Dom Pedro I (1966) – projetado em 1964 - Dom João VI (1966), Dom Pedro II (1966) e Princesa Isabel (1969).

Implantados na Avenida Goiás, de predominância comercial, possuem uso comercial no térreo e no primeiro pavimento. Os demais pavimentos de uso residencial, variam em quantidade.

Figura 53 – Edifícios da Família real (1966-69) e Edifício Wilson Féres (1970).



Fonte: Acervo Biblioteca SEPLAM – Foto: Hélio de Oliveira.

Os edifícios Dom Pedro I, Dom Pedro II e Princesa Isabel possuem 14 pavimentos e o Dom João VI com 10 pavimentos.

Estes edifícios foram, por um período de tempo, os melhores e mais caros prédios de apartamentos da cidade, morando ali apenas pessoas de alto poder aquisitivo. A sua desvalorização deveu-se a que não possuem garagens – na época de sua construção os carros eram deixados em estacionamentos e ao longo da Avenida Goiás, que havia espaço suficiente para todos, não sendo a garagem uma prioridade dos empreendimentos (FILHO, 2010, p.100).

Nesse período, de transformações do Setor Central, a construção de torres de apartamentos mais que duplicou em relação à produção anterior e a tipologia estabeleceu-se como modelo coletivo.

De modo geral, o acervo apresenta, em sua maioria, áreas totais construídas semelhantes às residências de alto padrão e, em alguns casos, apresentam apenas um apartamento por andar. Em outros, há também exemplares com várias unidades habitacionais por pavimentos tipo, onde a racionalização e a economia são elementos determinantes no partido arquitetônico.

Não foram edificadas nas áreas periféricas e próxima às áreas verdes do bairro como previa a setorização inicial de uso residencial. Estão distribuídos nas principais vias do setor, ou próximo a elas, e muitos

deles nas zonas comerciais determinadas no plano original. De forma geral, os passeios públicos são bem arborizados e amplos, entretanto, as medidas variam consideravelmente em função da largura das vias.

Estão localizados na avenida Goiás - de maior dimensão com mais de 50 metros de largura (Figura 54) - e na rua 10 (com mais de 30 metros), ambas com canteiros centrais e áreas verde. Também foram edificados nas avenidas Tocantins, Araguaia e Anhanguera, com mais de 20 metros; nas ruas 3 e 4 com mesma medida e as ruas 2, 8, 9, 13, 19 e 24, de médio porte com mais de dez metros.

A maioria deles estão situados em quadras fechadas (Tipo 1). Os localizados nas quadras com rua interna (Tipo 2) não possuem acesso a elas. Apenas o edifício Fidelis está estabelecido em uma quadra com espaço de uso comercial e de serviço direcionado a rua interna e o acesso principal acontece por ela.

No que diz respeito ao uso do solo, apresentam predominância de uso misto no pavimento térreo e, em alguns casos, no mezanino. Esses espaços são ocupados por salas comerciais ou institucionais e abrigam os acessos aos apartamentos (Mapa 3).

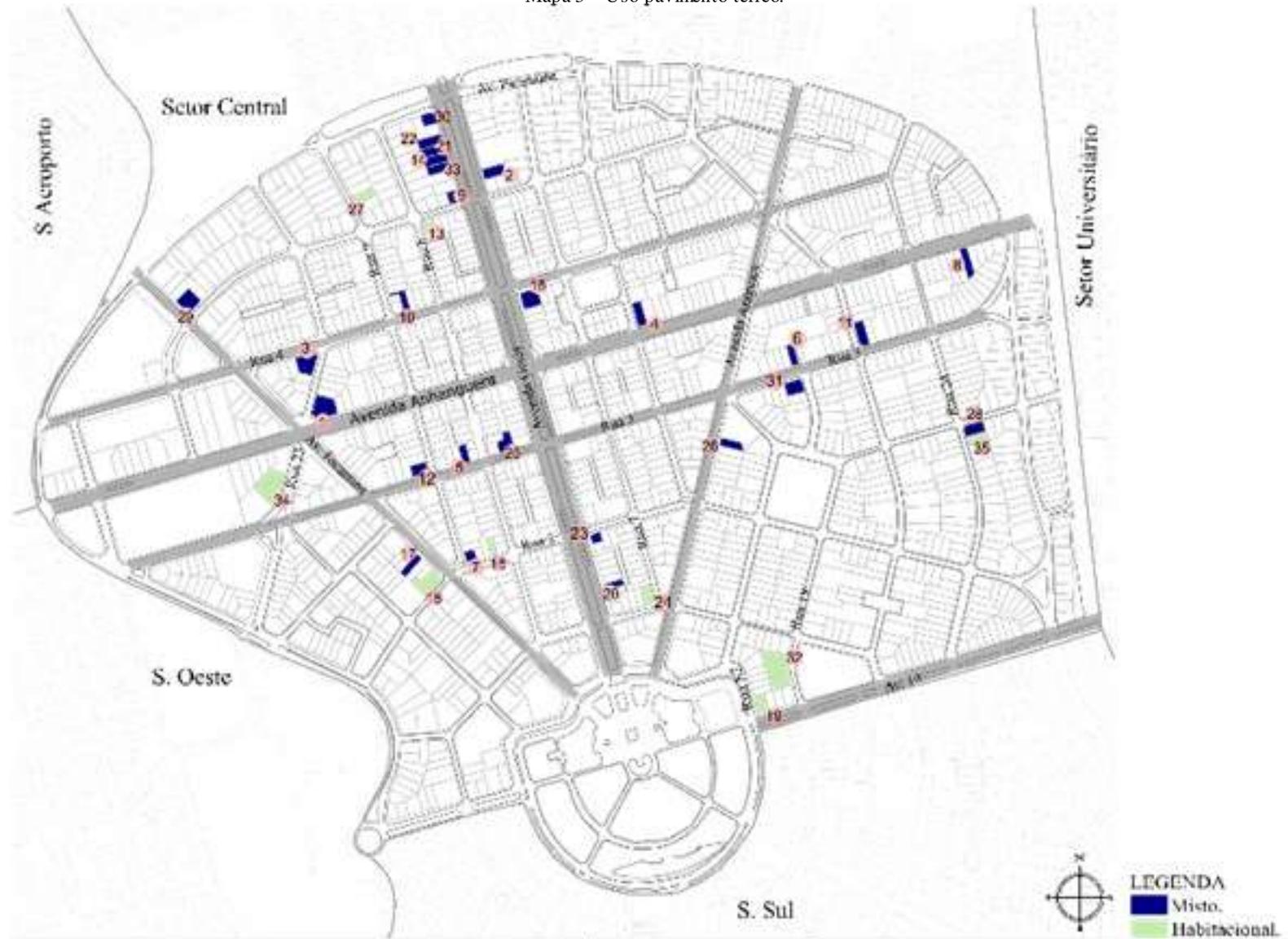
Figura 54 – No primeiro plano os edifícios habitacionais em altura implantados na avenida Goiás e Rua 9 e no segundo plano, ao fundo, a Estação Ferroviária.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

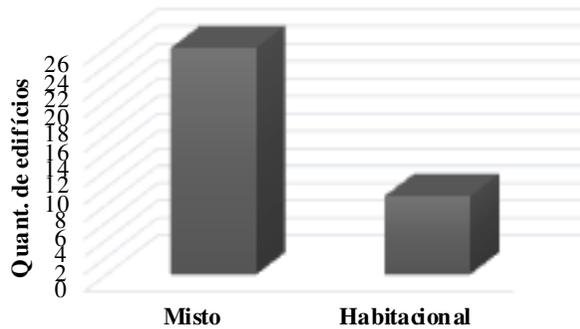
Apenas 26% (vinte e seis por cento) dos exemplares possuem uso habitacional nos primeiros pavimentos e estão ocupados por estacionamento (alguns casos, também ocupam o subsolo), salão de festa, portarias, área de lazer, salas administrativas e salas de máquinas (Gráfico 1).

Mapa 3 – Uso pavimento térreo.



Fonte: Base cartográfica - SEPLAM, 2016. Edição: autora.

Gráfico 1 – Uso do pavimento térreo.



Fonte: acervo da pesquisa.

Apoiam-se no fato de estarem implantados em áreas com uso predominantemente comercial. Excepcionalmente os edifícios Dom Abel, Gesse e Tocantins apresentam pilotis no pavimento térreo. Nos edifícios Dom Abel e Tocantins, são áreas de convivência que integram os edifícios com o entorno.

Na maioria das vezes, os edifícios foram estabelecidos na divisa frontal do lote e não possuem recuos laterais. Essas características justificam-se pelo uso misto e pela limitação de área dos terrenos (na maioria retangulares e isolados). Os únicos edifícios com recuo frontal, Dom Abel e Edith, foram construídos em terrenos maiores e com desenhos irregulares.

Há também o uso coletivo da cobertura que, em muitos casos são ocupadas por salões de festas e terraços. Esse último, de influências

modernas, integram-se as áreas coletivas ampliando-as e, ao mesmo tempo, apresentam-se como complemento das áreas reduzidas dos apartamentos. Alguns abrigam o apartamento do zelador e outros apenas a caixa d'água.

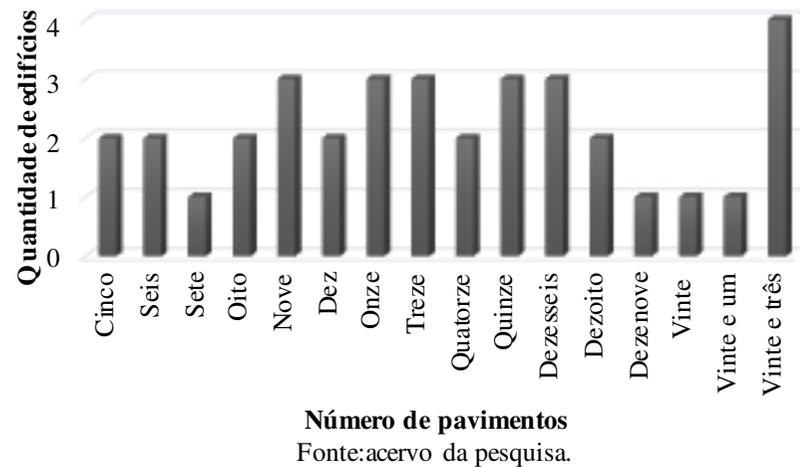
A utilização de platibanda e marquises, estabelecido no Código de obras de 1937, estendeu-se aos edifícios habitacionais. O uso da platibanda está presente em todos os edifícios e está relacionada a questões construtivas e estéticas. As marquises estão mais presentes nos primeiros exemplares e não deixam de apresentar-se em edifícios construídos posteriormente.

Na construção desses edifícios já se emprega, em sua totalidade, a estrutura de concreto armado e com fechamentos em alvenaria. Em alguns casos, destacam-se a utilização das grandes aberturas lineares (as famosas “janelas contínuas” de Le Corbusier), colocando em evidência os elementos estruturais localizados nas fachadas. Também exibem diferentes elementos de fechamento e de controle de iluminação como *cobogós* e *brises-soleils*.

O gabarito foi sendo ampliado chegando a vinte e três pavimentos nos edifícios mais altos, modificando a situação em relação ao período anterior, no qual a predominância era de edifícios mais baixos (Gráfico 2). No entanto, a maioria dos gabaritos apontam dois ou três

exemplares, resultando assim em um panorama de altura bastante diversificado (Mapa 4).

Gráfico 2 – Gabarito dos edifícios (térreo e pavimentos tipo).



O porte dos edifícios não está relacionado a estrutura das vias, ou seja, os edifícios mais altos não necessariamente estão implantados em ruas de maior porte, o mesmo não acontece com os de menor gabarito. Essa situação faz com que, em alguns casos, perca-se a relação entre edifício/via e permitindo a visualização da fachada do passeio público imediato.

¹⁷ O arquiteto Antônio Lúcio F. Pinheiro graduou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1963. Fez parte do núcleo docente pioneiro do curso de Arquitetura da Escola Goiana de Belas Artes, mais tarde, incorporada à Universidade Católica de Goiás (CAIXETA, 2015).

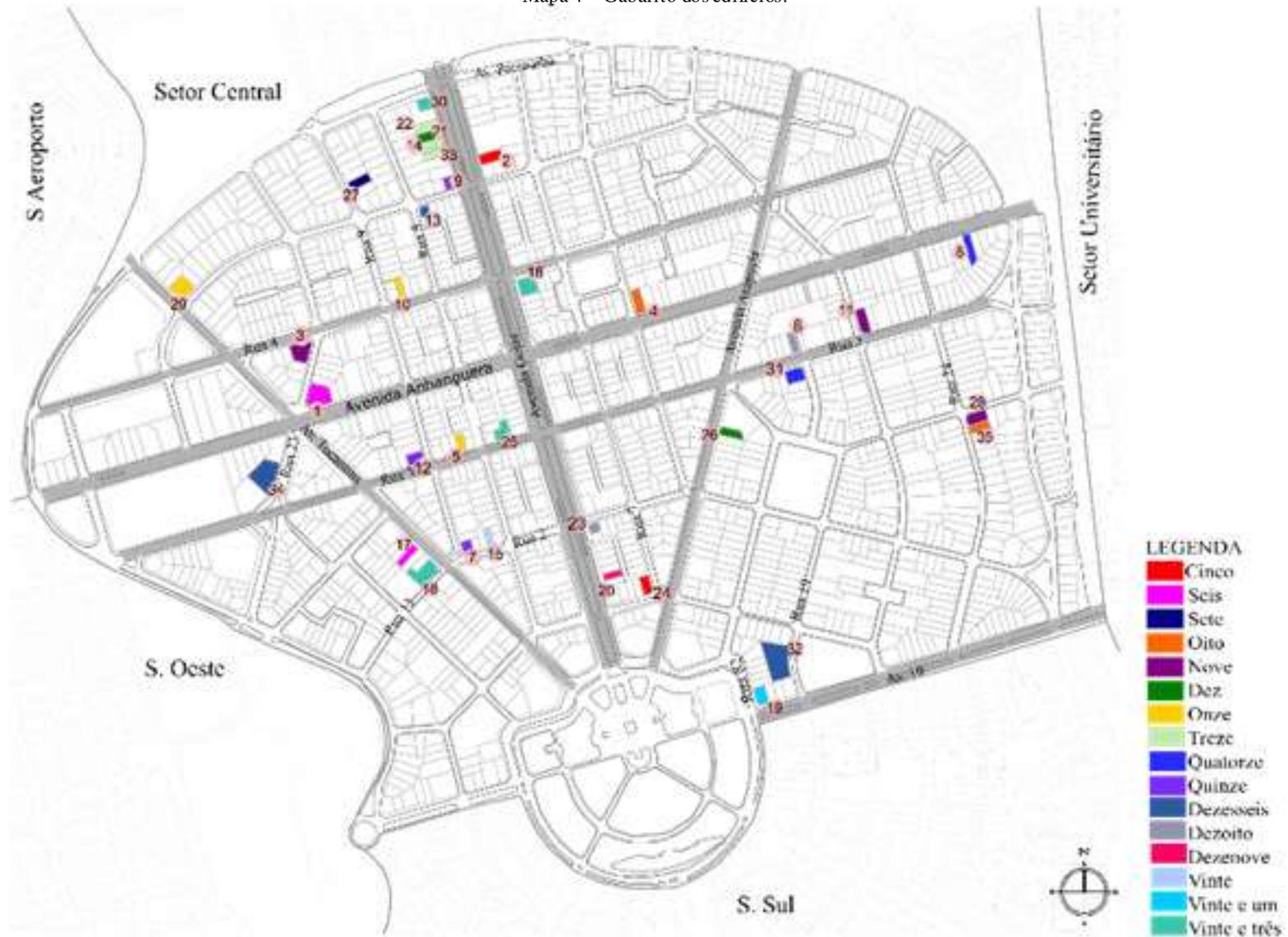
Além das edificações promovidas pelos IAPs, podemos destacar as construtoras e Incorporadoras Irmãos Valle, União, Encol, Dália e Civillenge. Em parte, foram construídas pela iniciativa privada, sendo que, alguns construtores eram profissionais da arquitetura e da engenharia.

Dentre esses profissionais que projetaram os edifícios levantados podemos destacar: Silas Varizo, Armando José Norman, Salvador C. Moraes, Flávio de Sá Bierrenbach, Elias Antônio Borges Cruvinel, Otto Nascimento, Newton de Castro, Antônio Lúcio F. Pinheiro¹⁷, Fernando Graça e Flávio Almada¹⁸.

Inseridos em um contexto de progresso e grandes transformações na paisagem urbana de Goiânia, estes edifícios retratam preceitos modernos ligados a verticalização das edificações, racionalização dos ambientes e da construção, padronização espacial dos apartamentos, dos materiais construtivos e, em alguns casos, da preocupação com o controle da insolação e da ventilação.

¹⁸ Fernando Graça e Flávio Almada são arquitetos mineiros, que atuaram conjuntamente em Belo Horizonte, por alguns anos. Formados pelas Faculdades de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, em 1959, e da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), em 1961, respectivamente (RIBEIRO, CRUZ, 2011).

Mapa 4 – Gabarito dos edifícios.



Fonte: Base cartográfica - SEPLAM, 2016. Edição: autora.

CAPÍTULO III

ANÁLISE TIPO-MORFOLÓGICA DOS EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA

O conjunto dos edifícios habitacionais em altura do Setor Central de Goiânia, construídos entre 1953 e 1975, apresenta diversidade tipológica em suas principais características arquitetônicas e urbanísticas. Além disso, cada edifício apresenta diretrizes específicas que adaptam-se ao traçado do bairro. A variedade de construtoras e profissionais contribuíram para essa pluralidade.

É notável a atenção aos princípios da arquitetura moderna como a racionalização ligados aos estudos espaciais dos ambientes e à construção civil que, nesse período, já imprimira soluções típicas industrializadas.

Dos novos materiais e soluções arquitetônicas, pertencentes a arquitetura moderna brasileira, podemos citar a utilização de pilotis, de aberturas industrializadas (esquadrias isoladas e 'janelas em fita'), da evidência da estrutura, da industrialização e variação dos elementos de revestimentos (cerâmicos - lajotas e azulejos), de

vedação (cobogós) e dos *brises soleis* como elemento de proteção solar.

Mesmo com a similaridade volumétrica, em alguns casos, os edifícios apresentam variedade nas configurações espaciais, nos gabaritos e nos elementos de fachada, dessa forma, não utilizou-se da padronização como elemento substancial para a concepção dos edifícios, resultando assim, em uma produção diversificada como pode ser observado a seguir, nos tipo-morfológicos apresentados.

1- Tipologias de implantação: semelhanças e hierarquias que estruturam os grupos a partir da massa edificada (MURATORI, apud LEUPEN, 1999) :

- a) Relação edifício/lote: recuo frontal, recuos laterais e posteriores do pavimento térreo e volume principal (pavimentos tipo).
- b) Relação com o espaço público: tipos de quadra e localização nas mesmas.

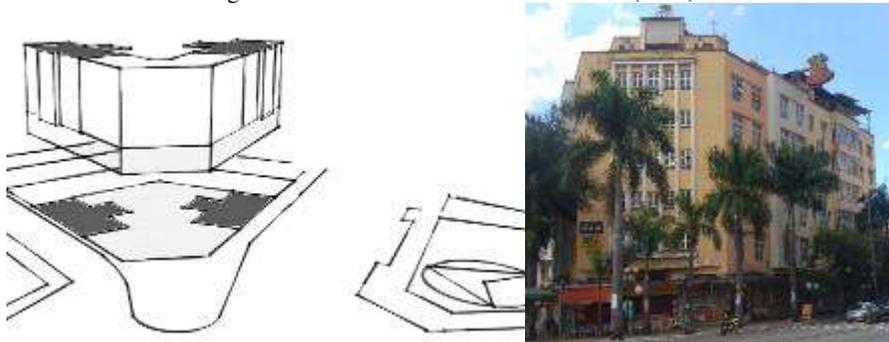
2- Tipologias formais dos edifícios e suas variações: configurações gerais dos edifícios e os elementos da fachada (ARGAN, 1962):

- a) Integração da construção: volume principal do edifício.
- b) Elementos decorativos da fachada principal: aberturas, detalhes estruturais e de fechamento.

3.1 Tipologias formais e de implantação

1. Edifícios Concórdia e Pioneiro: implantado em um lote de esquina, os dois edifícios são idênticos e estão implantados no mesmo terreno, em uma quadra fechada. O pavimento térreo ocupa todo o lote e o edifício acompanham os limites frontais. Os volumes em ‘T’ possuem recuo posterior, apresentam aberturas isoladas e linhas de sacadas nas fachadas frontais, inseridas por adição, que por sua, repetição, criam um ritmo próprio na configuração das mesmas (Figura 55).

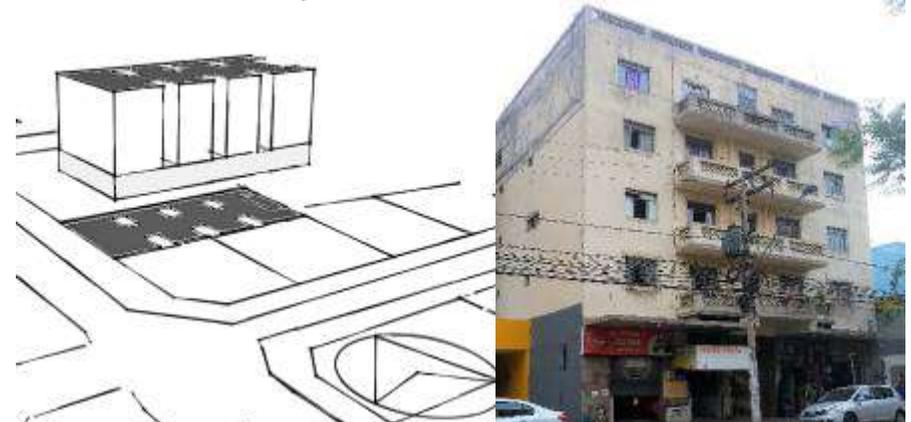
Figura 55 – Edifícios Concórdia e Pioneiro (1953).



Endereço: Avenida Anhanguera, Qd. 23, Lt. 29. Promovido pelo IAPC. Gabarito: térreo de uso comercial e cinco pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

2. Edifício Itumbiara: situado no meio de uma quadra fechada, com pavimento térreo que ocupa toda a superfície do lote e fachada principal voltada para a rua. Volume principal em ‘H’ duplicado, com janelas isoladas e fachada aumentada através das sacadas a ela adicionadas (Figura 56).

Figura 56 - Edifício Itumbiara (1954).



Endereço: Avenida Goiás, nº 954. Financiamento próprio. Gabarito: térreo de uso comercial e quatro pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

3. Edifício 28 de Agosto: localizado em um terreno de esquina de desenho trapezoidal, implantado em uma quadra fechada. O edifício possui pavimento térreo que ocupa todo o terreno e o volume principal curvilíneo apresenta recuo frontal. As janelas, em fita, estão presentes na fachada frontal e laterais e as saliências são horizontais e verticais (Figura 57).

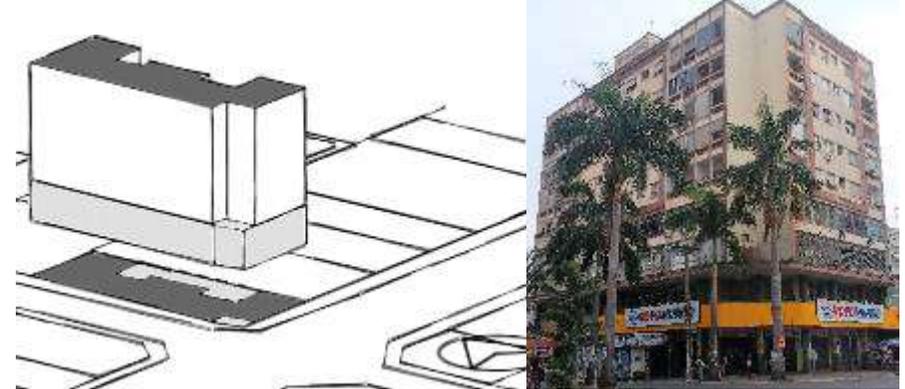
Figura 57 – Edifício 28 de Agosto (1957-58).



Endereço: Rua 4 esquina com a Rua 23, Qd. 69, Lt 30. Promovido pelo IAPB e projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes. Gabarito: térreo e primeiro pavimento de uso comercial e sete pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

4. Edifício Drogasil: situado em um terreno retangular, de esquina em uma quadra com ruas internas de serviço. O pavimento térreo ocupa todo o terreno e o volume principal, em ‘E’, ocupa quase todo o lote e possui um rasgo de ventilação no sentido longitudinal do volume, localizado na parte posterior e possui subtração na esquina. As janelas são isoladas, as sacadas encaixam-se no corpo do volume principal por perfuração, e a fachada é plana (Figura 58).

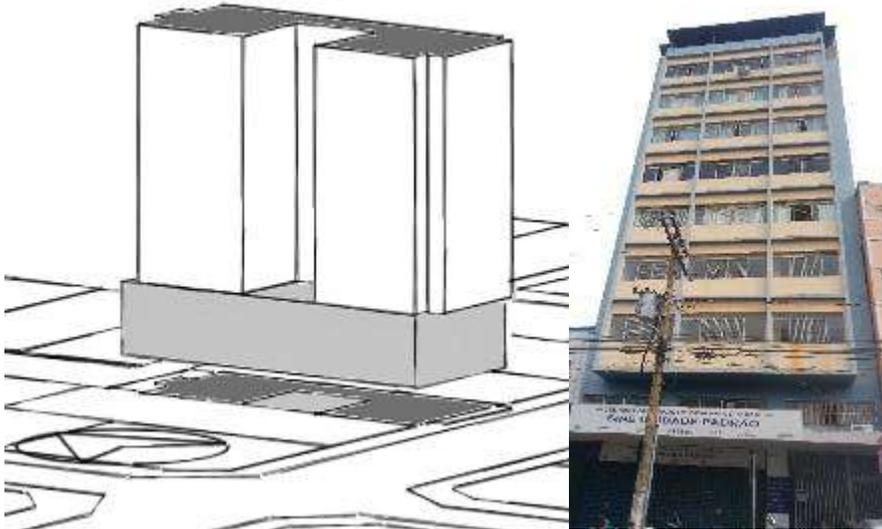
Figura 58 – Edifício Drogasil (C.1957-61).



Endereço: Avenida Anhanguera esquina com Rua 6, Qd 52, Lt.34. Gabarito: térreo e primeiro pavimento de uso comercial e seis pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

5. Edifício Dona Chavia: o terreno está situado no meio de uma quadra com rua interna de serviço. O pavimento térreo, com recuo posterior, é retangular e envolve toda a projeção do volume principal e o fosso de iluminação e ventilação. O volume principal, em ‘U’, projeta-se sobre o passeio público e possui janelas em fita, com saliências verticais e horizontais enfatizadas na fachada (Figura 59).

Figura 59 – Dona Chavia (1960-64).



Endereço: Rua 3, Qd.20, Lt.45. Construído por Morse e Bierrenbach e projetado por Flávio de Sá Bierrenbach. Gabarito: subsolo e térreo de uso comercial e dez pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

6. Edifício Fidelis: o terreno de esquina está situado em uma quadra com espaço interno de serviço e rua interna, o edifício possui pavimento térreo que ocupa todo o lote e o volume, em ‘E’, em função dos fossos de iluminação e ventilação. Apresenta ainda, aberturas isoladas e a utilização de cobogós como elementos de fechamento. As fachadas apresentam um sutil jogo de volumes proporcionado por saliências horizontais e verticais que se interceptam de forma variada, acentuado pelo jogo de cores adotado e a utilização dos cobogós (Figura 60).

Figura 60 – Edifício Fidelis (C. 1961-68)



Endereço: Rua 3, Qd. 51, Lt. 103. Gabarito: térreo comercial e dezessete pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

7. Edifício Myrthes: localizado em uma quadra fechada, o edifício está implantado em um terreno de esquina, o qual, o pavimento térreo ocupa completamente. O volume principal, em ‘Y’, desloca-se do pavimento térreo por meio dos *pilotis*, localizado no primeiro pavimento. A volumetria do corpo do edifício é resultante do deslocamento de parte da fachada em relação à esquina, produto da subtração de parte do volume. Esses recursos, em conjunto com os *pilotis* que separa a base do corpo do edifício, embora sejam sutis,

contribuem para um maior interesse formal. As aberturas, isoladas, são alinhadas por meio de saliências horizontais em duas das fachadas principais e “enfileiradas”, na vertical, numa das fachadas cegas. (Figura 61).

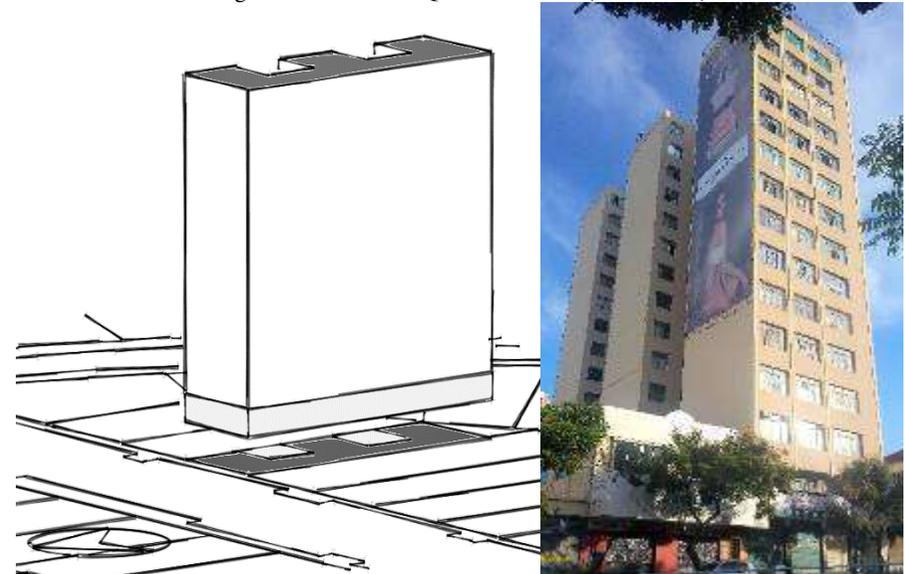
Figura 61 – Edifício Myrthes (C. 1961-68).



Endereço: Rua 2, Qd. 18, Lt.1/2. Gabarito: térreo de uso comercial e quatorze pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

8. Edifício Queen Elizabeth: situado em um terreno retangular no meio de uma quadra fechada, o edifício possui recuo posterior e o pavimento térreo envolve toda a projeção do terreno. O volume principal, com tipologia em ‘E’, está faceado à divisa frontal do lote, apresenta janelas isoladas e fachada plana (Figura 62).

Figura 62 – Edifício Queen Elizabeth (C. 1961-68).



Endereço: Avenida Anhanguera, Qd.62, Lt.154. Gabarito: térreo de uso comercial e treze pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

9. Edifício Wilson Féres: situado em um terreno de esquina de uma quadra fechada, o térreo ocupa todo o terreno com algumas subtrações para iluminação e ventilação das salas comerciais. O

volume principal em ‘L’ paralelo à rua possui recuo posterior e subtração entre os volumes na esquina. Esse recurso provoca um deslocamento das fachadas, que é acentuado por um dos planos, pintado de amarelo, e por uma linha vertical de janelas localizada na junção entre os planos. As aberturas são isoladas, com saliências entre elas nas fachadas principais. Essas, por sua vez, são reforçadas por meio de reentrâncias horizontais pintadas de cinza. Esse jogo de planos, cores e volumes, aparece também na base do edifício (Figura 63).

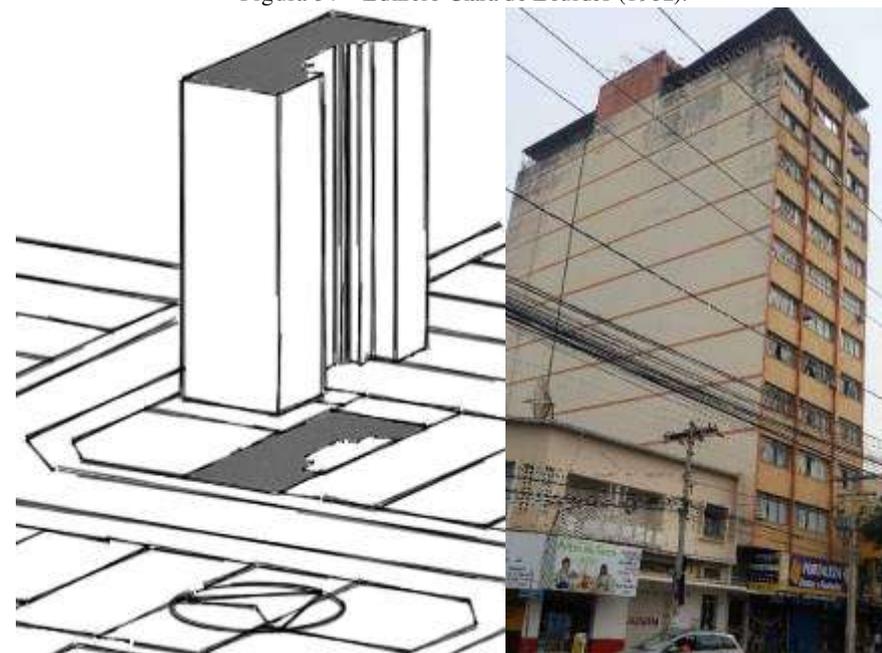
Figura 63 – Edifício Wilson Féres (C. 1961-68).



Endereço: Avenida Goiás esquina com Rua 5, Qd.13, Lt.55-97. Construído pela Incorporadora União LTDA. Gabarito: térreo de uso comercial e quatorze pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

10. Edifício Clara de Lourdes: em um terreno retangular, o edifício está implantado no meio de uma quadra fechada. Com um volume único em ‘I’ o edifício possui faces paralelas aos limites frontais e laterais do terreno com um rasgo de ventilação e iluminação no sentido longitudinal. As janelas são em fita e a fachada principal possui saliências verticais (Figura 64).

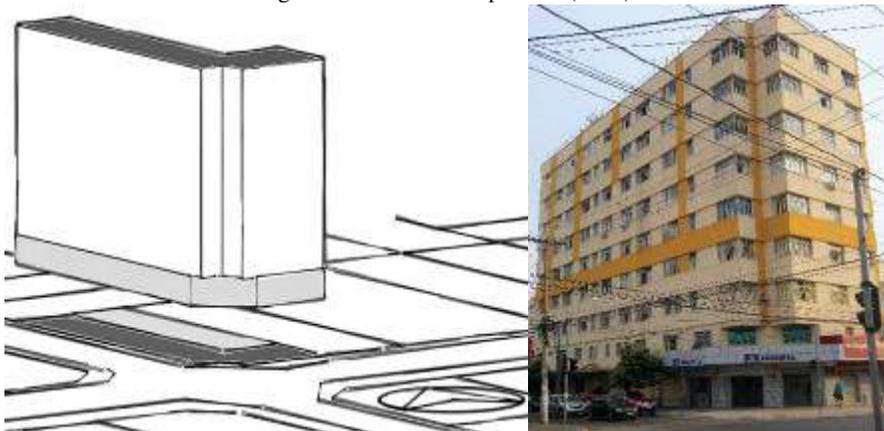
Figura 64 – Edifício Clara de Lourdes (1962).



Endereço: Rua 4, Qd.24, Lt.51. Construído pela Encol. Gabarito: térreo de uso comercial e dez pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

11. Edifício Esplanada: localizado em um terreno de esquina, em uma quadra fechada, com pavimento térreo que ocupa todo o terreno, o edifício apresenta volume principal em ‘L’, formado por dois volumes lineares que se interceptam, criando um pequeno rasgo na esquina, que se adapta ao desenho do lote. Na fachada, plana, as aberturas são isoladas com saliências horizontais (Figuras 65).

Figura 65 – Edifício Esplanada (1962).

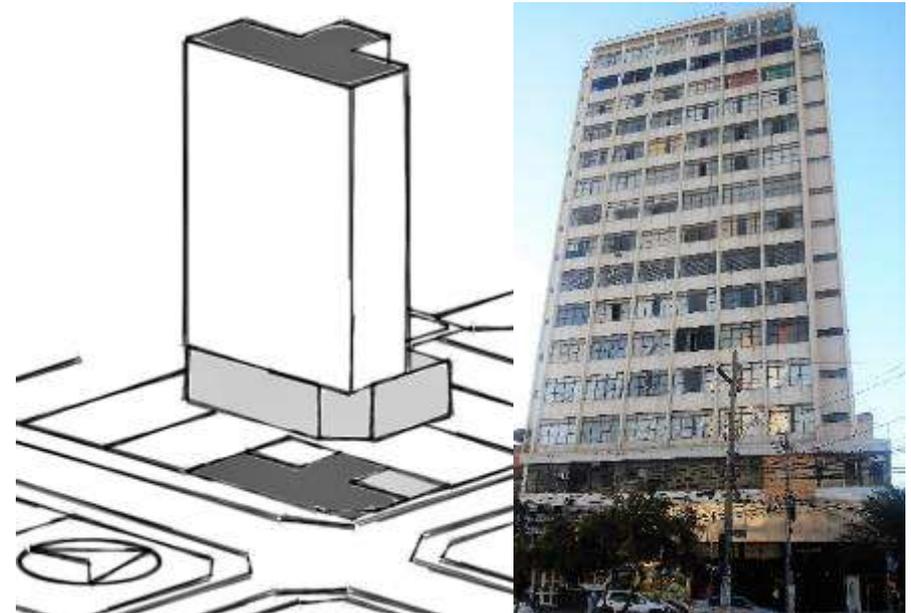


Endereço: Rua 3 esquina com Rua 20, Qd.61, Lt.80. Construído pela Construtora Civilenge Ltda. Gabarito: térreo de uso comercial e oito pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

12. Edifício Goiandira: em uma quadra com rua interna de serviço, o edifício está situado em um terreno de esquina, com pavimento térreo ocupando todo o terreno. O volume principal, em ‘T’, é paralelo às divisas frontal e lateral do terreno. As janelas, em fita, reforçam a

horizontalidade da fachada, que se contrapõem as saliências verticais dos pilares (Figura 66).

Figura 66 – Edifício Goiandira (1962).

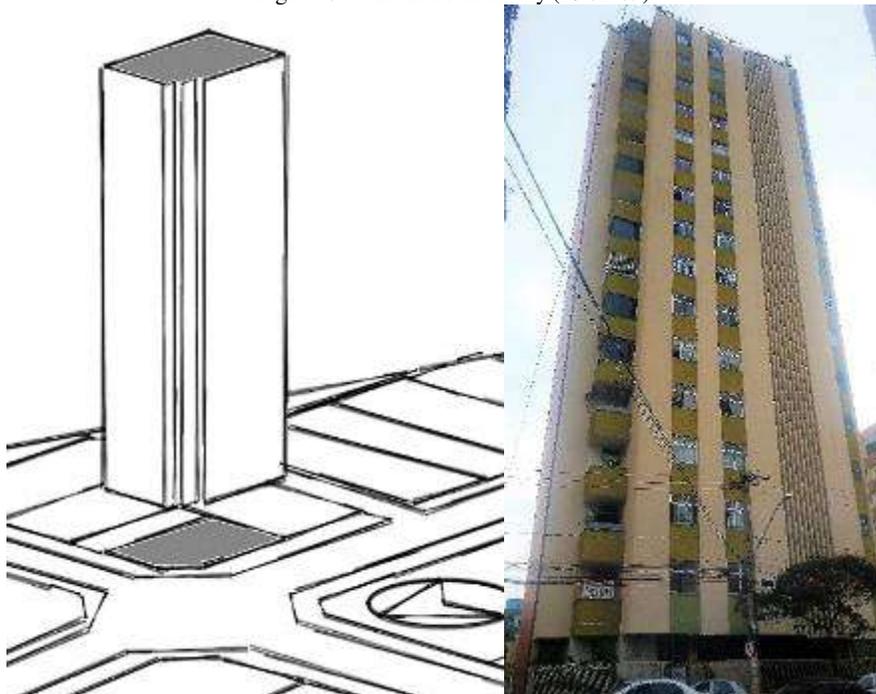


Endereço: Rua 3, Qd.21, Lt.19. Promovido por Dália S.A. Gabarito: térreo e primeiro pavimento de uso comercial e treze pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

13. Edifício Kennedy: situado em uma quadra com rua interna, o edifício está implantado em um terreno de esquina. O volume único, em ‘I’, possui recuo posterior, fachada frontal voltada para a via e laterais são paralelas aos limites do lote. As janelas são isoladas e as sacadas sobressaem-se à fachada, marcando a esquina. Brises

verticais compõe a fachada oeste com uma pequena inclinação. O edifício destaca-se em relação aos demais, construídos no início da década de 1960, por apresentar garagem no subsolo (Figura 67).

Figura 67 – Edifício Kennedy (1962-63)

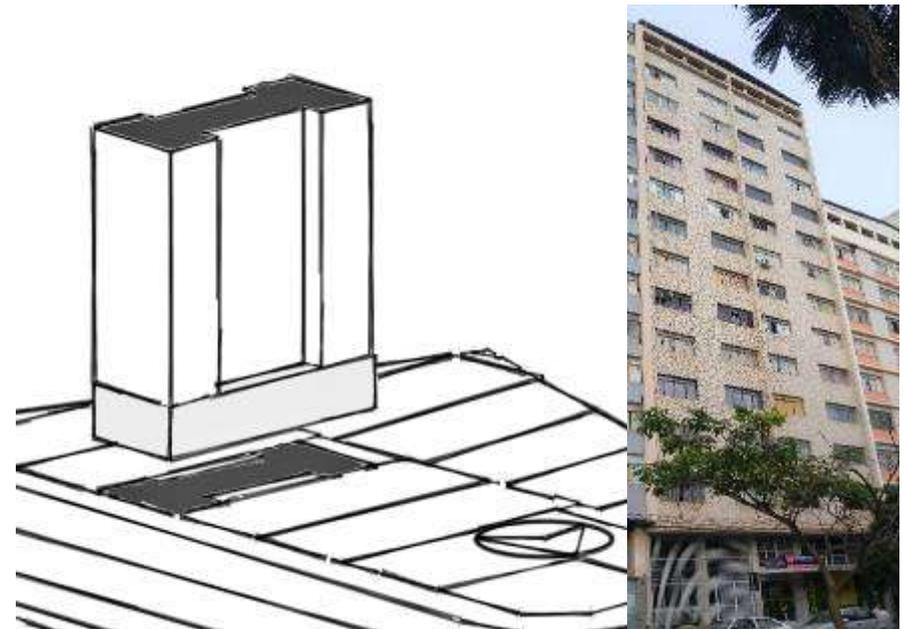


Endereço: Rua 8 esquina com a Rua 5, Qd.11, Lt.52. Financiamento próprio, projetado por Silas Varizo e Armando José Norman. Gabarito: subsolo, térreo e quinze pavimentos tipo habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

14. Edifício Dom Pedro I: situado em um terreno no meio de uma quadra fechada, o pavimento térreo ocupa parcialmente o lote com ausência de recuos laterais e frontal. O volume principal, bastante

compacto e em ‘H’, apresenta janelas isoladas. A fachada principal possui saliências verticais sem maior expressão na composição (Figura 68).

Figura 68 – Edifício Dom Pedro I (1964-66).

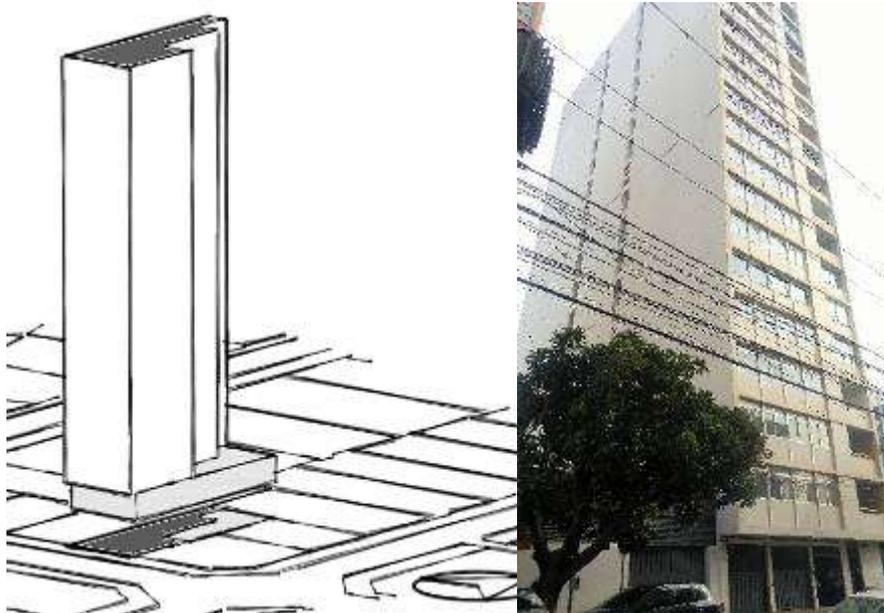


Endereço: Avenida Goiás, Qd.13, Lt.105. Construído pela Incorporadora Irmãos Valle. Gabarito: térreo e primeiro pavimento de uso comercial e onze pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

15. Edifício Uirapuru: situado no meio de uma quadra fechada, com terreno retangular, o edifício possui subsolo e pavimento térreo que ocupa todo o terreno. O volume principal em ‘L’ com adições avança sobre o passeio público. A fachada, plana, se organiza em tiras

compostas por aberturas lineares, uma sacada que perfura o volume e saliências verticais e horizontais que as emolduram (Figura 69).

Figura 69 – Edifício Uirapuru (1964).



Endereço: Rua 2, Qd.18, Lt.07. Construído pela Incorporadora Irmãos Valle e projetado por Salvador C. Moraes. Gabarito: subsolo e vinte pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

16. Edifício Bemosa: localizado em um terreno de esquina situado em uma quadra fechada, o edifício apresenta térreo que ocupa todo o terreno e volume principal em ‘L’, com subtrações na esquina. As aberturas em fita destacam-se na fachada plana (Figura 70).

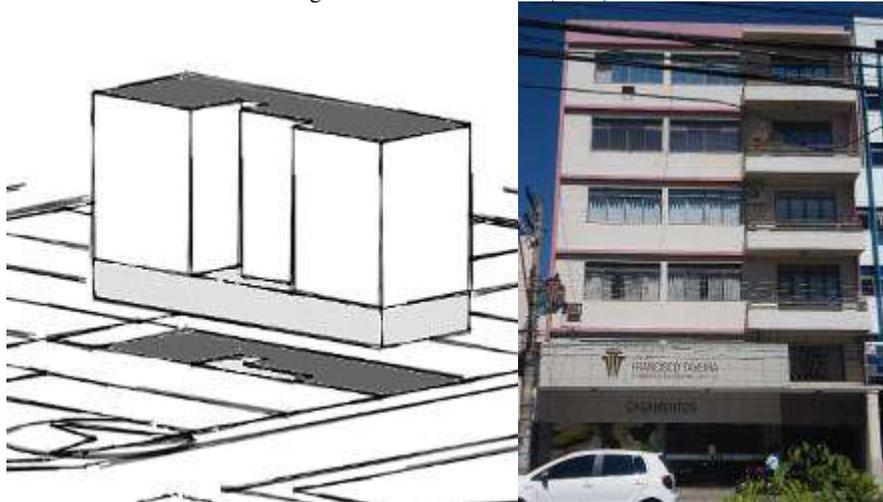
Figura 70 – Edifício Bemosa (1965).



Endereço: Avenida Goiás, Qd.10, Lt.66 e 68. Financiamento próprio. Gabarito: térreo de uso comercial e vinte e dois pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

17. Edifício Lilia: situado em um terreno no meio de uma quadra fechada, o edifício apresenta volume único com recuo posterior, sem recuos laterais e frontal. O volume principal, em ‘U’ com adição, apresenta janelas em fita e sacada que se integra ao mesmo produzindo uma pequena saliência na fachada (Figura 71).

Figura 71 – Edifício Lilia (1965).



Endereço: Avenida Tocantins, Qd.65, Lt.43. Financiamento próprio, projetado por Elias Antônio Cruvinel. Gabarito: térreo de uso comercial e cinco pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

18. Edifício Tocantins: implantado em um terreno de esquina e em uma quadra fechada, o edifício possui volume único em ‘I’ com adição, faceia às divisas frontal e lateral do lote, com recuo posterior. As janelas, em fita e interseccionadas por saliências verticais, percorrem toda a fachada frontal e lateral. A composição é predominantemente envidraçada, tendo como resultado a leveza do volume (Figura 72).

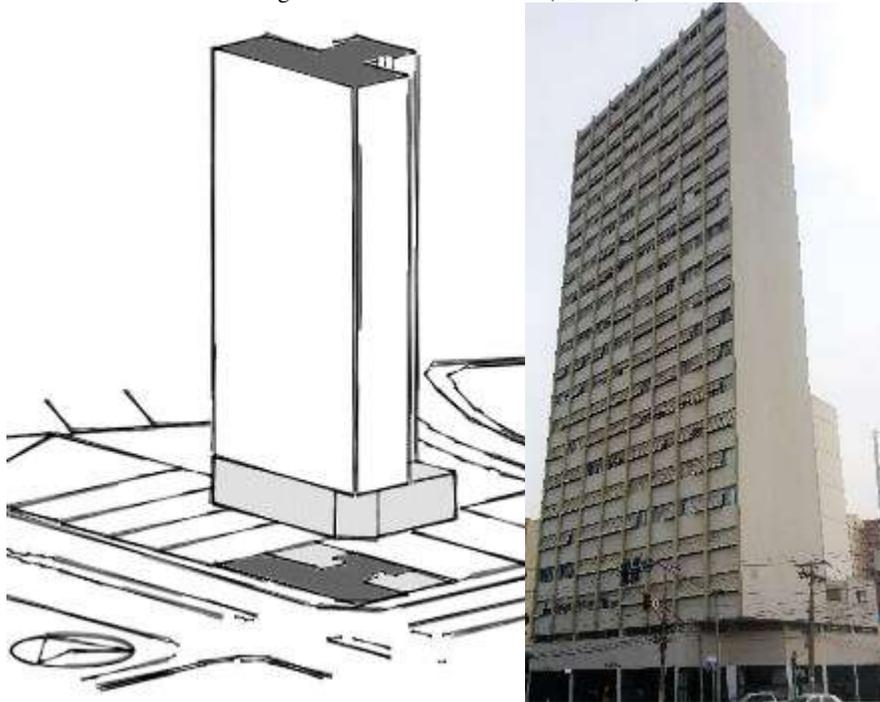
Figura 72 – Edifício Tocantins (1965).



Endereço: Rua 13 esquina com a Avenida Tocantins, Qd.65, Lt.6, 8 e 10. Promovido por Dália S.A e projetado por Otton Nascimento. Gabarito: vinte e três pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

19. Edifício Acaiaca: situado em uma quadra fechada, em um terreno de esquina, o edifício possui pavimento térreo e primeiro pavimento que acompanham o desenho do lote. O volume principal, em ‘T’, está localizado na divisa frontal do terreno e prolonga-se sobre o passeio público, apresenta janelas em fita e saliências verticais (Figura 73).

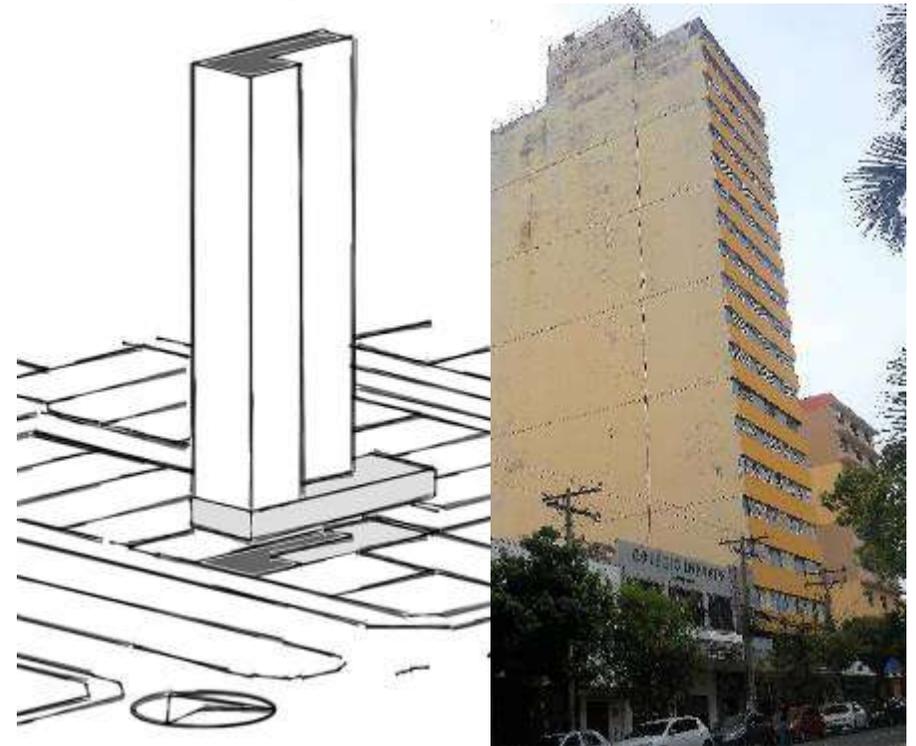
Figura 73 – Edifício Acaiaca (1966-71).



Endereço: Rua 82 esquina com a Rua 10, Qd.31, Lt.1 e 49. Gabarito: subsolo e vinte e um pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

20. Edifício Cascatinha: localizado em um terreno retangular, no meio de uma quadra com rua interna, o edifício apresenta térreo que envolve todo o lote e o volume, em ‘L’, exhibe aberturas isoladas na fachada plana. Saliências de igual altura às aberturas, fazendo com que a composição de cheios e vazios seja predominantemente cheia (Figura 74).

Figura 74 – Edifício Cascatinha (1966).

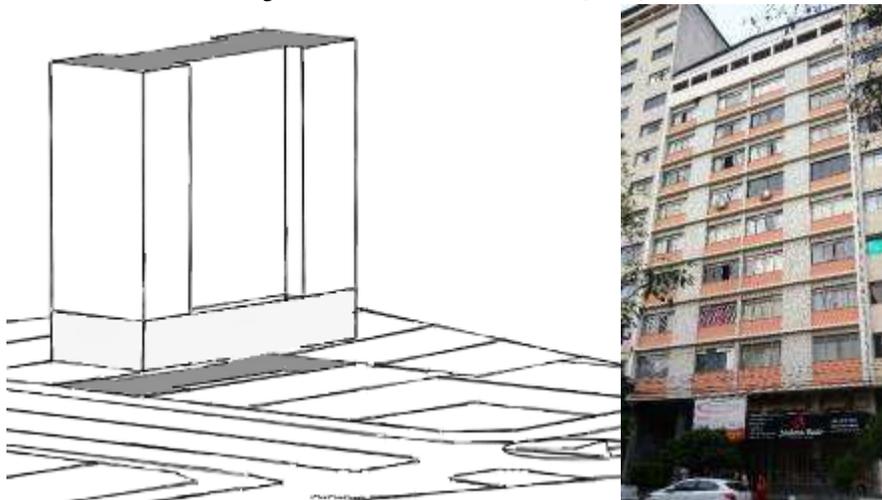


Endereço: Avenida Goiás, Qd.4, Lt.18. Gabarito: térreo de uso comercial e dezoito pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

21. Edifício Dom João VI: localizado no meio de uma quadra fechada, o térreo ocupa todo o lote em um volume único com faces paralelas aos seus limites. O volume único em ‘H’ possui janelas isoladas mais alongadas, mas que não chegam a configurar janelas

isoladas, e saliências verticais e horizontais na fachada frontal (Figura 75).

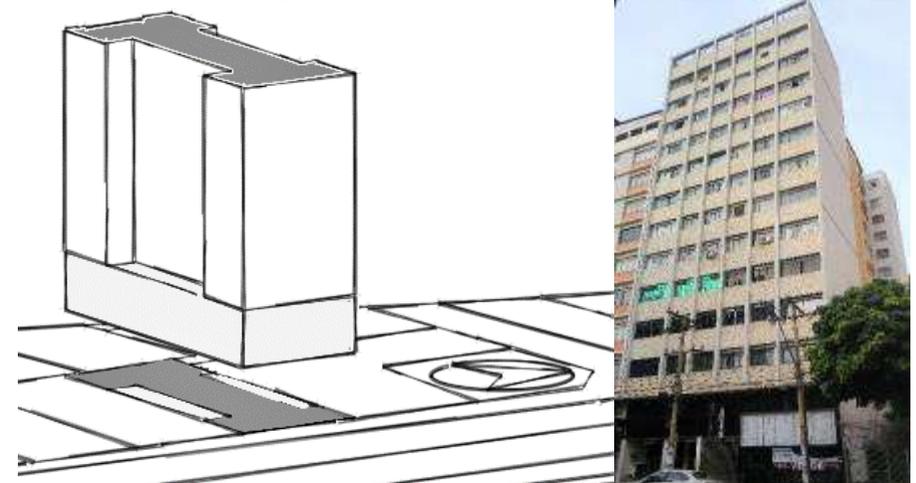
Figura 75 – Edifício Dom João VI (1966).



Endereço: Avenida Goiás, Qd.13 Lt.107. Construído pela Incorporadora Irmãos Valle.
 Gabarito: térreo e primeiro pavimento de oito pavimentos de uso habitacional.
 Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

22. Edifício Dom Pedro II: localizado no meio de uma quadra fechada, o edifício possui volumetria em ‘H’ e o pavimento térreo ocupa todo o terreno. As aberturas são segmentadas, por saliências verticais na fachada, decorrentes da estrutura. Apesar de isoladas, configuram-se como janelas em fita, pela proximidade existente entre elas (Figura 76).

Figura 76 – Edifício Dom Pedro II (1966).



Endereço: Avenida Goiás, Qd.13 Lt.109. Construído pela Incorporadora Irmãos Valle.
 Gabarito: térreo e primeiro pavimento de onze pavimentos de uso habitacional.
 Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

23. Edifício Fenelon: em um terreno de esquina situado em uma quadra com ruas internas, o edifício apresenta subsolo e pavimento térreo que ocupa todo o terreno e adaptam-se ao desenho do lote. O volume principal, no entanto, projeta-se além dos limites do terreno, no recuo da esquina, e possui formato em ‘L’. As aberturas dispostas horizontalmente, rebate os elementos verticais e horizontais que sobressai na fachada principal. Destaca-se, no conjunto das fachadas, uma linha vertical formada por aberturas em cobogós, que interrompe a horizontalidade da composição, bastante rítmica e homogênea (Figura 77).

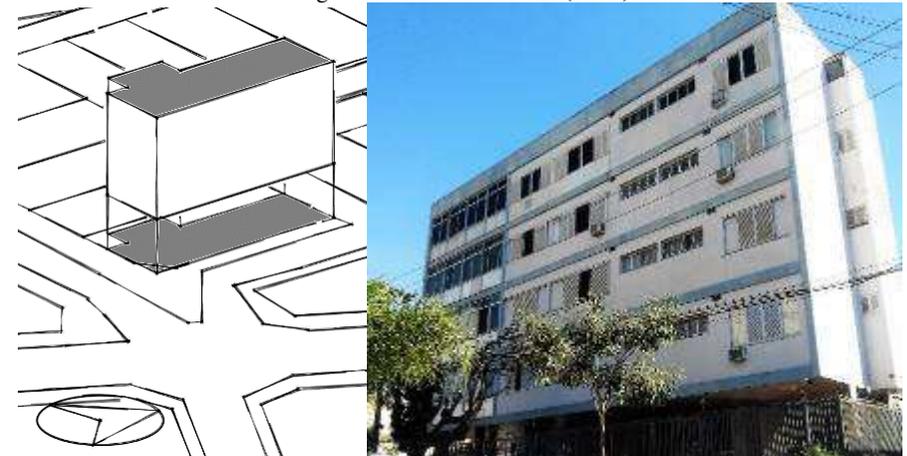
Figura 77 – Edifício Fenelon (1966).



Endereço: Avenida Goiás, Qd.04, Lt.22 e 28. Gabarito: subsolo, térreo e primeiro pavimento de uso comercial e dezesseis pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

24. Edifício Gesse: com uma volumetria única em ‘I’, com adição, sobre pilotis, o edifício está localizado em um terreno de esquina em uma quadra que possui rua interna. As janelas, em fita, com formas e dimensões variadas, destacam-se na composição heterogênea da fachada plana, não chegando a criar um ritmo acentuado, como na maioria dos demais edifícios (Figura 78).

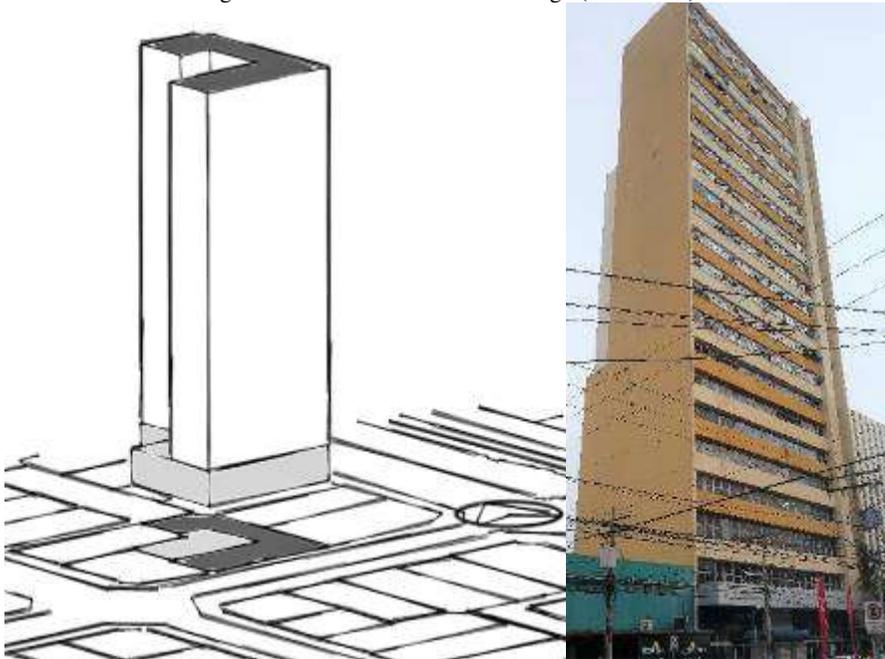
Figura 78 – Edifício Gesse (1966).



Endereço: Rua 7 esquina com a Rua 1, Qd.4, Lt.1-3 e 19. Gabarito: térreo e quatro pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

25. Alencastro Veiga: situado no meio de uma quadra com rua interna, o edifício apresenta pavimento térreo que ocupa todo terreno e volume principal, em ‘U’, possui faces paralelas aos limites laterais e frontal do lote. As janelas, em fita, dialogam com as saliências verticais e os brises, que se apresentam na lateral direita da fachada principal do edifício (Figura 79).

Figura 79 – Edifício Alencastro Veiga (C.1968-75).

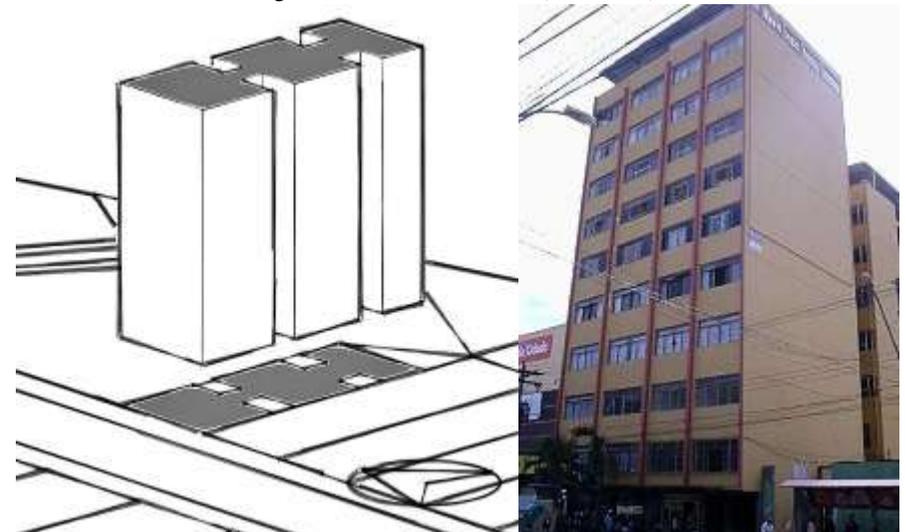


Endereço: Rua 3, nº 856. Construído pela Imobiliária e projetado por Ari Alencastro Veiga. Gabarito: térreo de uso comercial e vinte e dois pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

26. Edifício Andrelli: localizado no meio de uma quadra fechada, o pavimento térreo envolve todo o terreno e não apresenta recuos laterais e frontal. O volume principal em ‘H’, com adição e recuo posterior, é formado por três volumes interligados. As janelas são isoladas, no entanto, pela composição, caracterizam-se como janelas

em fita. Na fachada plana destacam-se saliências verticais (Figura 80).

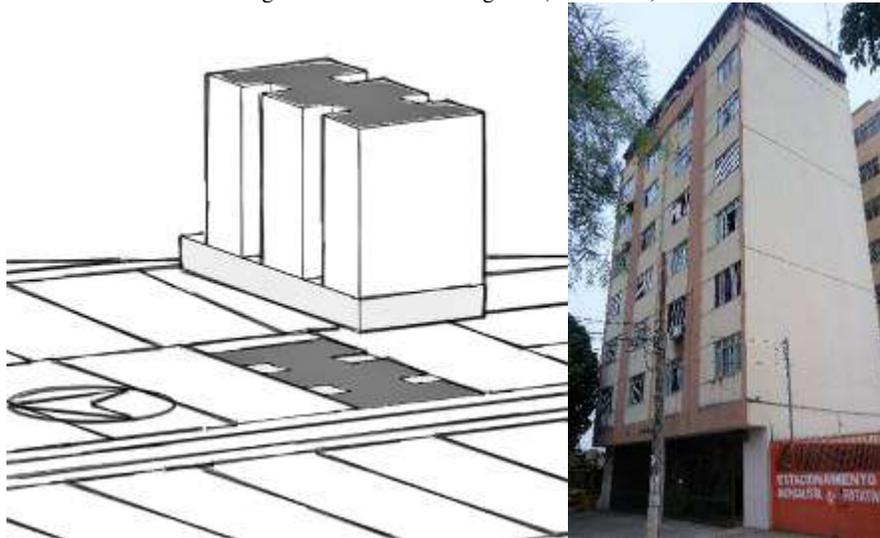
Figura 80– Edifício Andrelli (C.1968-75).



Endereço: Avenida Araguaia, Qd. 39, Lt 52. Gabarito: térreo de uso comercial e nove pavimentos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

27. Edifício Araguaia: localizado no meio da quadra fechada, sem recuos laterais e frontal, o pavimento térreo ocupa parcialmente o lote e possui recuo posterior. O edifício apresenta volume principal em ‘H’ com adição e avança sobre o passeio público. As aberturas são isoladas e a fachada principal é plana (Figura 81).

Figura 81 – Edifício Araguaia (C.1968-75).



Endereço: Rua 9, Qd.26, Lt.74. Gabarito: térreo e seis pavimentos de uso habitacional.
Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

28. Edifício Induáia: situado em um terreno de esquina, em uma quadra fechada, o edifício apresenta ocupação de todo o terreno no pavimento térreo. O volume principal em ‘L’ adapta-se ao desenho do terreno e apresenta subtrações na esquina que se adapta ao lote. A fachada plana, apresenta aberturas isoladas (Figura 82).

29. Edifício Javina: localiza-se uma quadra fechada e terreno de esquina, o edifício apresenta pavimento térreo que ocupa todo o lote. O volume principal, em ‘L’, acompanha o desenho do lote e apresenta subtrações internas que envolvem os fossos de iluminação

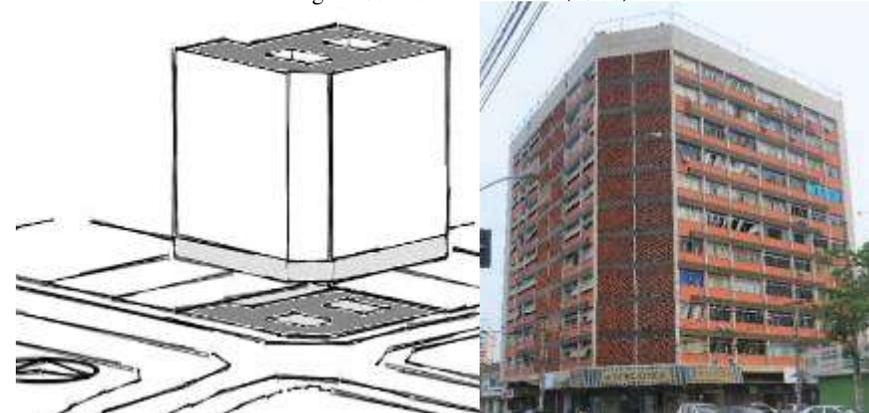
e ventilação dos apartamentos. A fachada plana apresenta janelas em fita e cobogós como elementos de fechamento (Figura 83).

Figura 82 – Edifício Induáia (C. 1968-75).



Endereço: Rua 20 esquina com a Rua 24, Qd. 77, Lt.52. Gabarito: térreo de uso comercial e oito pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

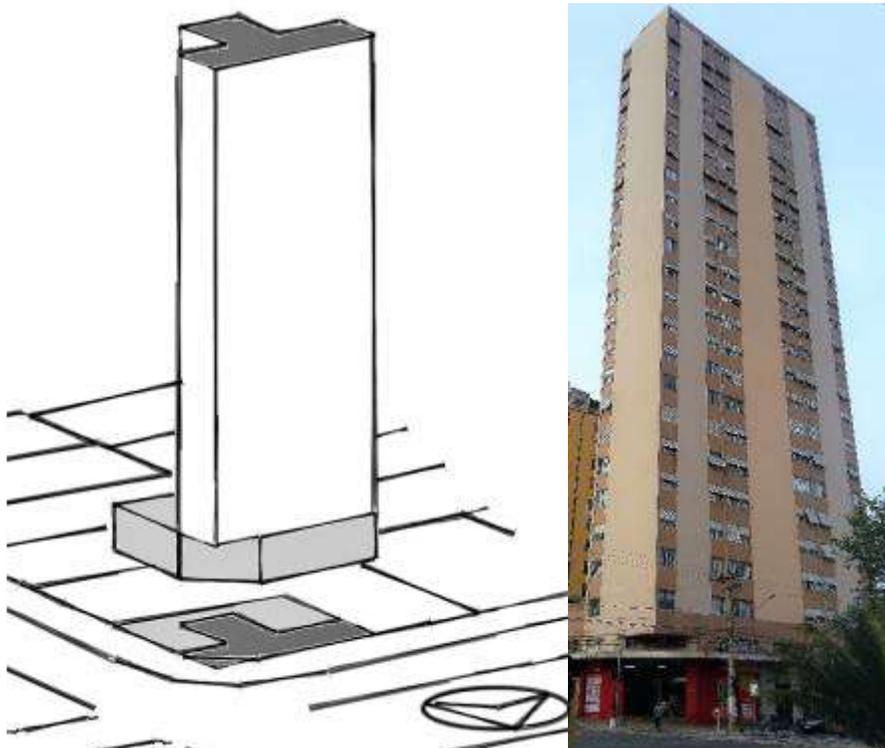
Figura 83 – Edifício Javina (1968).



Endereço: Rua 5, Qd.72, Lt.3 e 92. Gabarito: térreo de uso comercial e dez pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

30. Edifício Marquês de Olinda: situado em uma quadra fechada e um terreno de esquina, o edifício apresenta pavimento térreo que ocupa todo o terreno. O volume principal, em ‘T’, avança sobre o passeio público na esquina e está paralelo às divisas frontais e laterais do lote. A fachada plana apresenta aberturas isoladas (Figura 84).

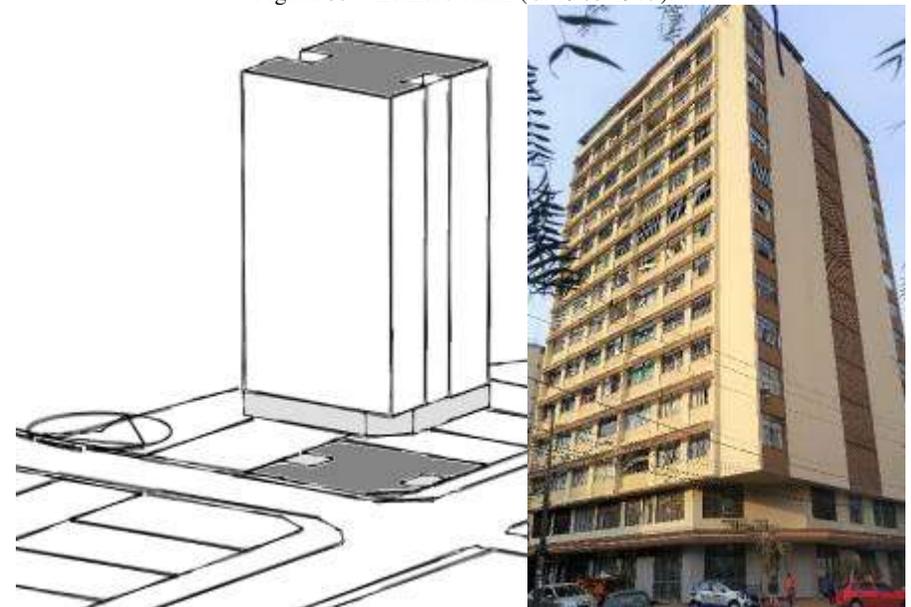
Figura 84 – Edifício Marquês de Olinda (1968-71).



Endereço: Avenida Paranaíba esquina com a Avenida Goiás, Qd.13, Lt. 60 e 113.
 Construído pela Incorporadora Irmãos Valle e projetado por Reinaldo B. Bilemijan.
 Gabarito: térreo de uso comercial e vinte e dois pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

31. Edifício Rural: localizado em um terreno de esquina, o edifício situa-se uma quadra fechada, com térreo que ocupa todo o terreno. O volume principal ultrapassa os limites do terreno, na esquina, e possui volumetria em ‘H’ com elementos de fechamento (cobogós) que impedem a visualização das subtrações do volume. As aberturas são isoladas e uma das fachadas é composta por saliências horizontais e verticais (Figura 85).

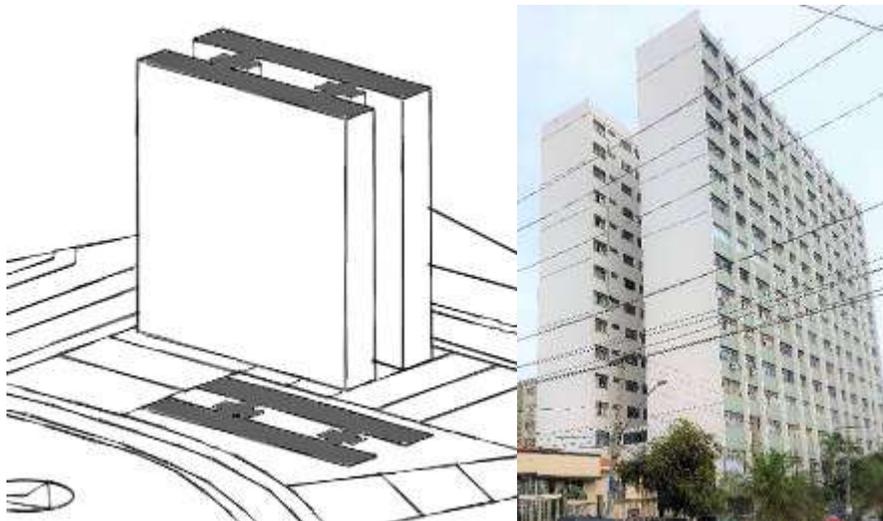
Figura 85 – Edifício Rural (C. 1968-1975).



Endereço: Rua 3 esquina com a Rua 22, Qd.40, Lt.13 e 15. Gabarito: térreo e primeiro pavimento de uso comercial e doze pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

32. Edifício Dom Abel: situado em um terreno de traçado irregular, o edifício também se destaca na volumetria. Ocupando o meio de uma quadra fechada, ele apresenta duas torres em ‘H’ que interligadas formam um volume único com recuos frontal, posterior e lateral esquerdo. As aberturas são isoladas que, em sequência, simulam a ideia de janela em fita. A estrutura do edifício prolonga-se na fachada formando saliências verticais (Figura 86).

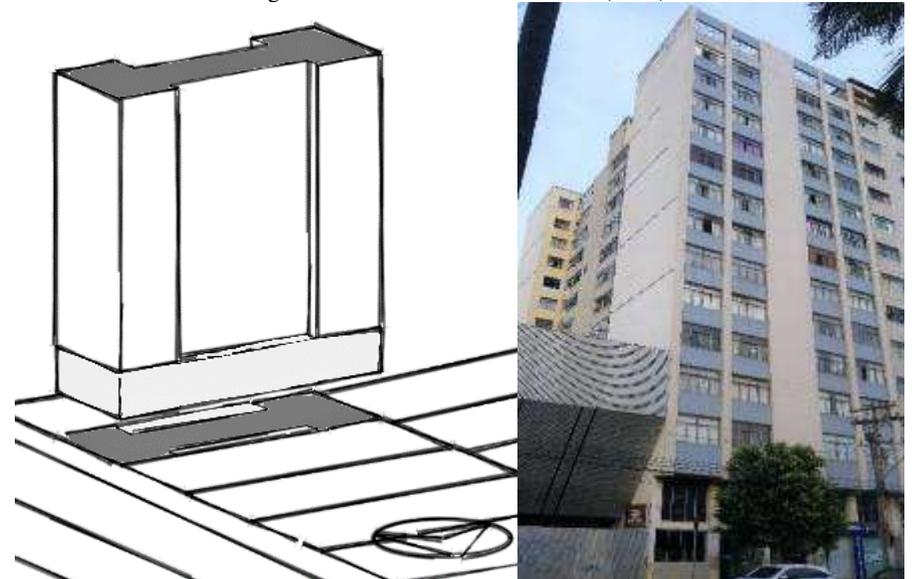
Figura 86 – Edifício Dom Abel (1969).



Endereço: Rua 19, Qd.31, Lt.9/10 e 11. Construído pela construtora Irmãos Valle. Gabarito: térreo primeiro pavimento de uso institucional e quatorze pavimentos tipos habitacionais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

33. Edifício Princesa Isabel: localizado no meio da quadra com um terreno retangular, o edifício apresenta volume térreo que ocupa todo o lote e volume principal em ‘H’ sem recuos frontal, posterior e laterais. As aberturas são isoladas em todas as fachadas. A principal apresenta saliências verticais (Figura 87).

Figura 87 – Edifício Princesa Isabel (1969).



Endereço: Avenida Goiás, Qd.13, Lt.103. Promovido pela incorporadora Irmãos Valle. Gabarito: térreo e primeiro pavimento de uso comercial e onze pavimentos de uso habitacional. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

34. Edifício Edith: situado em um terreno trapezoidal implantado no meio de uma quadra fechada, o edifício apresenta volume único, curvilíneo, com recuos frontal e posterior, acompanhando o desenho do lote. A fachada plana, apresenta aberturas lineares que se aproximam mais à ideia de janela em fita (Figura 88).

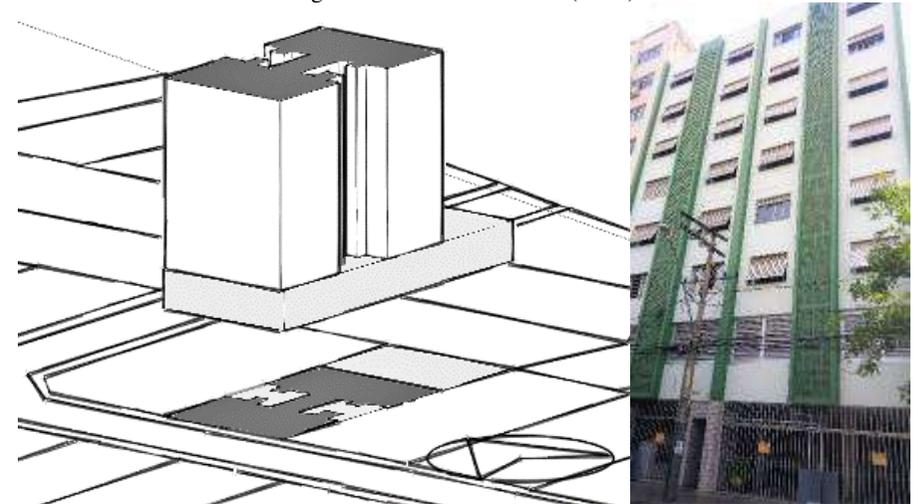
Figura 88 – Edifício Edith (1973-74).



Endereço: Rua 23, Qd.68, Lt. 23-25. Construído pela Incorporadora Encol e projetado pelos arquitetos Fernando Graça e Flávio Almada. Gabarito: subsolo e dezesseis pavimentos residenciais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

35. Edifício Liliane: situado em um terreno no meio da quadra, com térreo ocupando todo o terreno e o volume principal em ‘H’ possui recuo posterior, está localizado nos limites laterais e frontal do lote. As aberturas são isoladas e a fachada frontal plana apresenta cobogós que reforçam sua verticalidade (Figura 89).

Figura 89 – Edifício Liliane (1975).



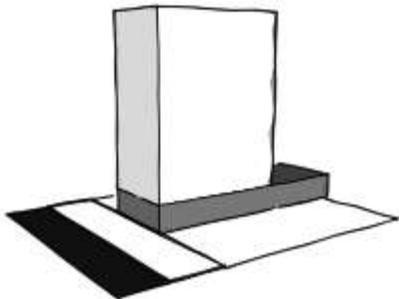
Endereço: Rua 24, Qd.77, Lt.50. Construído pela Incorporadora Irmãos Valle e projetado pelo arquiteto Antônio Lúcio F. Pinheiro. Gabarito: oito pavimentos residenciais. Fonte: acervo da pesquisa. Desenho e foto: Autora (2017).

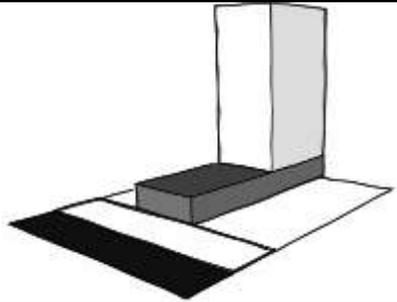
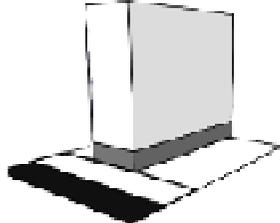
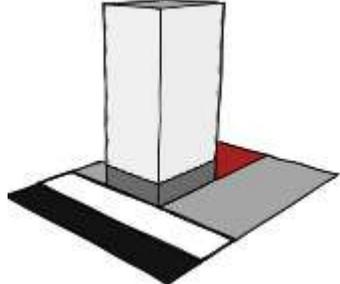
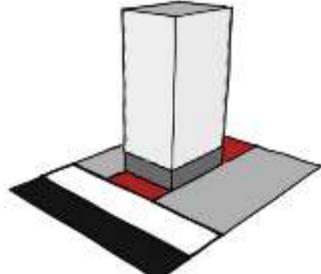
A partir das análises apresentadas foi possível identificar as soluções tipo-morfológicas do conjunto e as particularidades de cada edifício inseridos no tecido urbano. Nesse contexto, os edifícios apresentam uma estrutura perceptível e substancial em todos os exemplares: base, corpo (pavimentos tipos) e cobertura, apresentando os seguintes tipo-morfológicos:

É notável a predominância da implantação dos edifícios em quadras fechadas. No entanto, os casos em que estão situados em quadras com rua interna não apresentam acesso de pedestre ou de veículos pelas mesmas. O único caso excepcional é o Edifício Fidelis que possui fachada principal e acesso habitacional por uma dessas vias.

A quantidade de edifícios localizados no meio ou nas esquinas das quadras estão equiparadas. Em relação à implantação e uso do pavimento térreo prevalecem os que ocupam toda a superfície do lote e, em sua maioria, de uso comercial. Essas características estão em grande parte condicionados ao desenho do lote e aos recuos apresentados pela legislação. As tipologias de implantação encontradas foram:

Tabela 1 – Diagrama esquemático. Tipologias de implantação.

<p><i>Pavimento térreo que ocupa toda a superfície do lote. Volume principal paralelo a divisa frontal e laterais do terreno com recuo posterior.</i></p>	
---	---

<p><i>Pavimento térreo que ocupa toda a superfície do lote. Volume principal paralelo a divisa posterior do lote.</i></p>	
<p><i>Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites.</i></p>	
<p><i>Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais.</i></p>	
<p><i>Volume único com recuo frontal e posterior e faces paralelas aos limites laterais do lote.</i></p>	

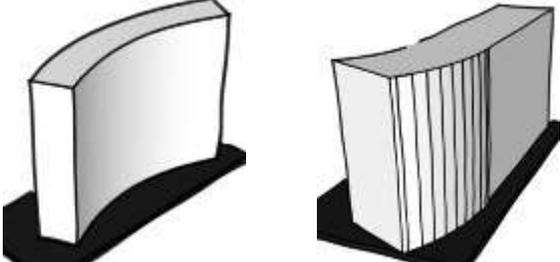
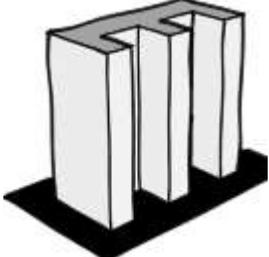
Legenda: **terreno**, pavimentos térreo/mezanino e pavimentos tipo.

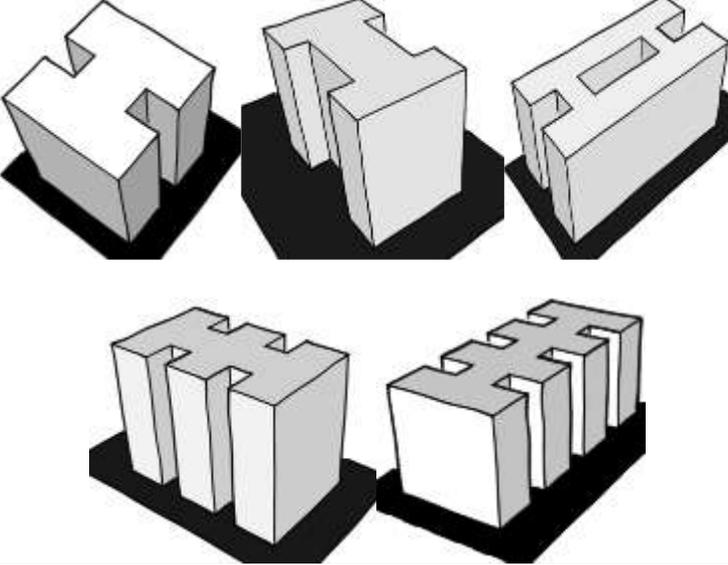
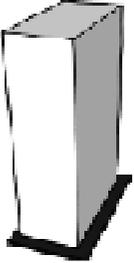
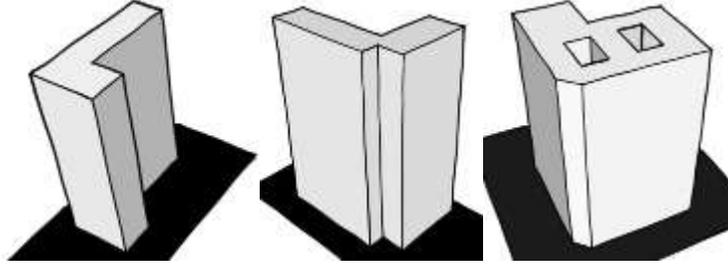
Fonte: acervo da pesquisa

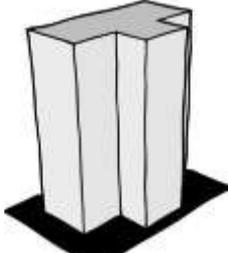
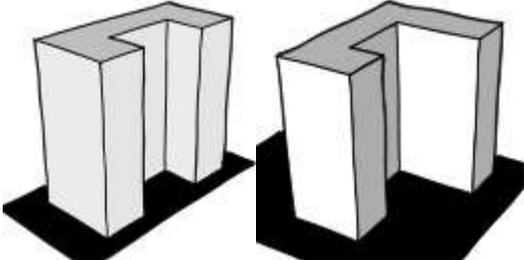
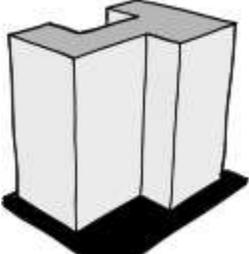
No tocante ao volume principal, as torres de apartamentos apresentam tipologias diversificadas. Predominaram edifícios em ‘H’, mas também foram projetados blocos curvilíneos, em ‘E’, em ‘I’, em ‘L’, em ‘T’, em ‘U’ e em ‘Y’ (Tabela 2).

Essa heterogeneidade tipológica destaca-se como uma das principais propriedades do conjunto, enriquecendo-o. Essas tipologias estão de certo modo, condicionadas às tipologias, formatos e tamanhos dos terrenos (Mapa 5).

Tabela 2 – Diagrama esquemático - Tipologias volumétricas dos volumes principais e suas variações.

<i>Curvilínea</i>	
<i>E</i>	

<i>H</i>	
<i>I</i>	
<i>L</i>	

<p><i>T</i></p>	
<p><i>U</i></p>	
<p><i>Y</i></p>	

Fonte: acervo da pesquisa.

O tipo em ‘H’ com suas respectivas adições, destaca-se com um total de dez exemplares. Essa tipologia ocorre quase integralmente em terrenos localizados no meio das quadras, entretanto, apenas o Edifício Rural diferencia-se por estar localizado em um terreno de esquina. Essa tipologia volumétrica, no entanto, não é percebida

externamente pelo uso de cobogós nas partes subtraídas do volume principal que configuram o “H”.

Os edifícios com tipologia em ‘L’, em segundo lugar nessa contagem com oito exemplares, estão implantados tanto em terrenos de meio de quadra, quanto nos de esquina, sendo que, os últimos possuem o volume principal sem recuo frontal e paralelo à lateral do terreno.

Os edifícios em ‘I’ (Clara de Lourdes, Kennedy, Tocantins e Gesse) e ‘T’ (Concórdia/Pioneiro, Goiandira, Acaiaca e Marquês de Olinda), estão em terceiro lugar com 4 exemplares. Implantados em terrenos de esquina, as fachadas principais estão direcionadas para ambas as vias, permitindo melhor adequação das aberturas de maior extensão que, ao mesmo tempo, abrigam ambientes privilegiados.

Os edifícios com volume principal em ‘E’ (Drogasil, Fidelis e Queen Elizabeth) e ‘U’ (Dona Chavia, Lilia e Alencastro Veiga), estão em quarto lugar e apresentam três exemplares. Os que possuem tipologias em ‘E’ estão localizados em terrenos de esquina e de meio de quadra e implantados em terrenos retangulares. Os com tipologias em ‘U’, estão situados em terrenos de meio de quadra e a fachada frontal está paralela à via.

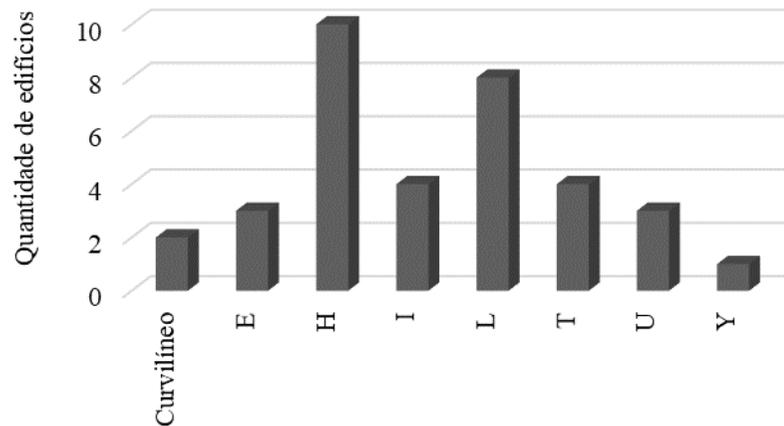
Mapa 5 – Síntese tipos de quadra/terreno e volume principal.



Fonte: Base cartográfica - SEPLAM, 2016. Edição: Autora (2017).

Os edifícios de volumetria curvilínea (28 de Agosto e Edith) foram implantados em terrenos com desenhos irregulares e, conseqüentemente, adaptam-se a eles. Por último, com apenas um exemplar, o Edifício Myrthes (tipologia em ‘Y’) também se adequa ao terreno de esquina através do deslocamento dos volumes (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Tipologias do volume principal.



Fonte: acervo da pesquisa.

Figura 90 – Jogo de volumes – Edifício Myrthes.



Fonte: acervo da pesquisa.
Foto: autora (2017).

Poucos projetos adotam o recurso do ‘jogo de volumes e planos’ típico da arquitetura moderna, a fim de gerar maior movimento ao edifício (Figura 90). Por outro lado, apresentam uma quantidade significativa de edifícios retos laminares¹⁹ (definidos nesse estudo como volume principal em ‘I’) característicos da arquitetura moderna.

A maioria usa o artifício do ‘ritmo repetitivo’ na composição das fachadas e volumes, o que de certa forma está mais associado à demanda de uma ainda incipiente industrialização da

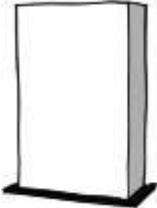
construção civil, porém já presente a partir da década de 1960, e à uma certa ‘economia de meios’ resultante da intenção de racionalização dos recursos materiais. Soma-se a isso, a qualificação da mão de obra

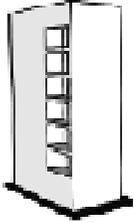
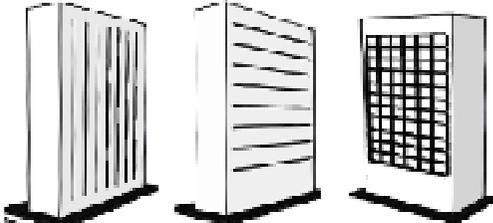
¹⁹Termo utilizado por Bonduki (2014) ao referir-se as tipologias apresentadas pelas habitações sociais coletivas modernas brasileiras, produzidas entre 1930-1964.

local que, nesse momento estava em formação para atuar com esse tipo de vocabulário e exigia um maior refinamento.

As fachadas principais apresentam soluções que podem ser tipificadas nas seguintes categorias: fachadas planas, fachadas planas aumentadas por meio de volumes que sobressaem ao volume principal, fachada plana com subtração a partir de sacadas incorporadas ao volume principal do edifício, fachadas aumentas com sacadas e as que apresentam saliências verticais, horizontais ou ambos os casos (elementos estruturais ou de fachada que estão em evidência) (Tabela 3).

Tabela 3 – Diagrama esquemático - Tipos de fachadas.

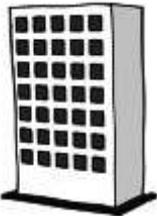
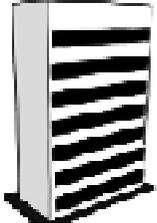
<p><i>Fachada plana</i></p>	
<p><i>Fachada aumentada</i></p>	

<p><i>Fachada plana com subtração.</i></p>	
<p><i>Fachada aumentada com sacada</i></p>	
<p><i>Saliências horizontais, verticais e horizontais/verticais</i></p>	

Fonte: acervo da pesquisa.

Os edifícios possuem diversidade nas aberturas das fachadas principais, sendo isoladas ou lineares - “em fita” - (Tabela 4), com modelos variados de esquadrias: de correr (Figura 91), basculantes e maxim-ar que, em alguns casos, estão acompanhadas de esquadrias de persianas de enrolar basculantes (Figura 92).

Tabela 4 – Diagrama esquemático - Aberturas.

<i>Aberturas isoladas</i>	
<i>Aberturas lineares</i>	

Fonte: acervo da pesquisa.

Figura 91 – Janela de correr com Veneziana com abertura total do vão - Edifício Gesse.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Figura 92 – Janela de persiana de enrolar basculante – Edifício Kennedy.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

De um modo geral, as esquadrias são fabricadas em ferro e vidro. Alguns exemplares apresentam janelas mistas que, na parte inferior as folhas são de correr e na parte superior, com folhas menores basculantes, permitem a saída de ar deixando claro a preocupação com a ventilação interna dos apartamentos.

Geralmente localizadas nas fachadas principais, as janelas em fita apresentam-se de duas maneiras: na primeira são janelas horizontais, contínuas e que envolvem toda a extensão da fachada dos edifícios (Figura 93); na segunda apresentam as mesmas características, entretanto, são intercaladas apenas pelas linhas dos pilares que geram o mesmo efeito visual em sua composição (Figura 94).

Figura 93 – Janelas em fita – Edifício Alencastro Veiga.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Figura 94 – Janelas em fita intercaladas com pilares – Edifício Acaiaca.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

A utilização de janelas em fita que demarcam as esquinas dos edifícios também é notável em alguns casos, no sentido de deixar claro a independência estrutural e a flexibilidade na definição das aberturas (Figura 95).

Figura 95 – Janelas em fita que envolvem os cantos do edifício – Edifício Tocantins.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Em sua maioria, os edifícios configuram-se por amplas aberturas e a utilização significativa de vidro e peitoris baixos, permitindo o máximo aproveitamento de iluminação e ventilação (Figura 97). É importante ressaltar que alguns edifícios não apresentam as janelas originais. Mesmo assim, não é visível a modificação das medidas dos vãos e de sua inserção no contexto da fachada.

Figura 96 – Janela com peitoril baixo – foto interna do apartamento Bemosa.

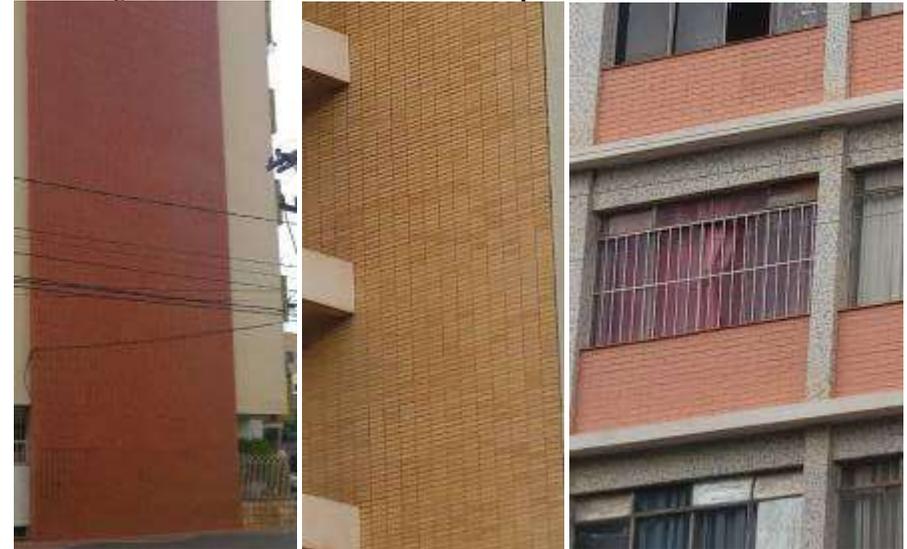


Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Os revestimentos das fachadas são aplicados na totalidade do volume, em alguns edifícios. Na maioria dos casos, eles são aplicados em faixas, destacando a verticalidade do volume. Existem também a aplicação de pintura, com variação de cor, destacando elementos ou planos (Figura 98).

Os cobogós também estão evidentes e com desenhos bastante variados. Eles são utilizados como elementos de fachada, de modo a permitir maior privacidade nos ambientes internos e, sobretudo, proporcionar a ventilação e controle da iluminação, sem vedá-los. Nos ambientes internos, eles estão nas circulações dos apartamentos, nos núcleos de circulação dos pavimentos tipo, nas áreas de serviço e banheiros, ocupando parcialmente ou por completo a vedação desses ambientes (Figura 99).

Figura 97 –Revestimentos. Edifício Kennedy, Wilson Féres e Dom João VI.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Figura 98 – Cobogós – banheiro (Edifício Fenelon) área de serviço (Edifício Bemosa).



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Nas fachadas, convertem-se em elementos de composição inseridos em planos verticais, reforçando o porte e direcionando a visão do observador, diferente do que ocorre nos edifícios residenciais do Conjunto Pedregulho, nos quais estão inseridos em planos horizontais (Figura 99).

Figura 99 – Detalhe cobogós – planos verticais nas fachadas. Edifícios Javina e Liliane.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Embora pouco frequentes, os *brises soleils* foram adotados, além de elementos de controle de iluminação, como elementos verticais e

horizontais de composição e decoração das fachadas (Figura 100). Exibem soluções simples e com pouco aprofundamento no estudo de insolação.

Figura 100 – *Brisés Soleil* edifícios Kennedy e Alencastro Veiga.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

As sacadas, muitas das vezes são utilizadas como elementos de composição de fachada e em outras estão integradas ao volume do edifício, configurando ambientes que ampliam o apartamento (Figura 101).

Figura 101 – Detalhe sacada – vista interna. Edifícios Concórdia e Pioneiro.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

A modulação estrutural manifesta-se nos aspectos visuais dos edifícios nas marcações verticais das fachadas e nos pilares. Estão presentes em uma quantidade significativa de exemplares e estampam as semelhanças dessas obras. Não existe uma maior elaboração dos pilares que compõem os pilotis dos edifícios estudados. Eles são de secção retangular e circular (Figura 102) apenas na fachada do Edifício Fenelon, pouco visíveis e valorizados (Figura 103).

A forma como são tratados esses elementos arquitetônicos, formadores de identidade no contexto da arquitetura moderna

brasileira, demonstram que a produção de edifícios habitacionais em altura em Goiânia, nesse período; buscava muito mais apropriar-se de um vocabulário formal - construtivo – utilizá-lo bem e com destreza – limitando-se às condições locais da construção civil, do que se aventurar em experimentações e inovações características da arquitetura moderna.

Figura 102 – Detalhes pilotis. Edifício Dom Abel.



Foto: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

Figura 103 - Detalhes pilares circulares. Edifício Fenelon.



Foto: acervo da pesquisa. Foto: Autora (2017).

3.2 Estudos aprofundados

Dando continuidade ao estudo tipológico realizado anteriormente, apresentaremos, a seguir, alguns exemplares que se destacaram e serão analisados minuciosamente. Buscando maior compreensão dos edifícios habitacionais em altura do Setor Central de Goiânia construídos entre 1953 a 1975.

Essa análise foi realizada com o intuito de fundamentar o argumento de que a qualidade impressa nesse conjunto deriva dos preceitos da arquitetura moderna e da relação existente entre os edifícios e o tecido urbano planejado do plano inicial da cidade. Para tal, enfoca-se os elementos arquitetônicos que complementaram o estudo tipomorfológico apresentados anteriormente, conforme os seguintes critérios:

1. Análise do Entorno: relação do edifício com o entorno imediato, como o uso, o gabarito das edificações e os equipamentos públicos da região.
2. Situação / Características Gerais: uso e ocupação do pavimento térreo identificando os acessos de pedestre e veículos, a distinção entre os setores, os usos de cada pavimento e o gabarito dos edifícios (cortes).

3. Pavimento – tipo / Apartamentos: análise espacial e funcional do pavimento tipo e dos apartamentos, assim como, das circulações horizontais e verticais de uso coletivo.
4. Volumetria: análise da composição básica da volumetria dos edifícios – a princípio dividida em base (pavimento térreo), corpo (volume principal) e coroamento (cobertura) – e da distribuição dos principais elementos de abertura.

Os edifícios foram escolhidos a partir de suas características programáticas, formais e construtivas, e as soluções arquitetônicas adotadas; tendo como fator determinante a disponibilidade de materiais. É importante ressaltar que alguns exemplares significativos e com forte expressão arquitetônica não foram analisados, como por exemplo o Edifício Tocantins, o Edifício Alencastro Veiga e o Edifício Goiandira; em função da dificuldade de acesso para a realização do levantamento *in loco* e da falta de documentação existente. Por outro lado, é necessário enfatizar que os estudos apresentados são decorrentes da pesquisa de campo e, portanto, constituem uma documentação inédita. Apenas os edifícios Concórdia e Pioneiro, 28 de Agosto e Dom Abel possuem publicações, entretanto, foram acrescentadas informações obtidas neste estudo e análises sem precedentes.

3.2.1 Edifícios Concórdia e Pioneiro (1953)

Localizados na Avenida Anhanguera e na Rua 23, respectivamente, os edifícios Concórdia e Pioneiro, estão em uma região predominantemente comercial com forte presença de edifícios institucionais como o Teatro Goiânia, a Vila Cultural Cora Coralina e o Jockey Clube de Goiás. Com o gabarito diversificado do entorno, os edifícios dialogam com a paisagem e integram-se entre si formando um conjunto expressivo e representativo da arquitetura pioneira da cidade (Figura 104).

Figura 104 – Entorno: Edifício 28 de Agosto à esquerda, Edifícios Concórdia e Pioneiro ao centro e Teatro Goiânia à direita.

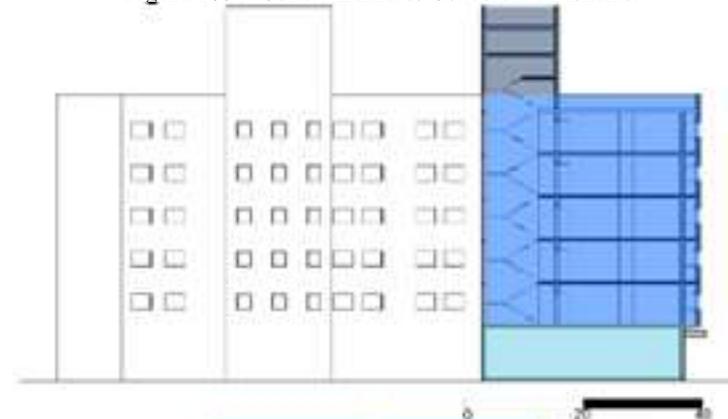


Fonte: Google Earth (2017). Edição: autora (2017).

Construídos pelo Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes, em um terreno de esquina, eles formam um volume único em “V”, composto por duas torres residenciais independentes, conectadas por um bloco central, que abriga a sede da instituição.²⁰ O conjunto de edifícios abrange os limites frontais do terreno e acompanha o seu desenho.

O gabarito de seis pavimentos, pouco expressivo, comparado aos edifícios altos do entorno - construídos posteriormente – representou, na época da construção, uma mudança drástica na paisagem em que foi inserido (Figura 105).

Figura 105 – Corte – Edifícios Concórdia e Pioneiro.



Legenda: Setor comercial, setor residencial e cobertura.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

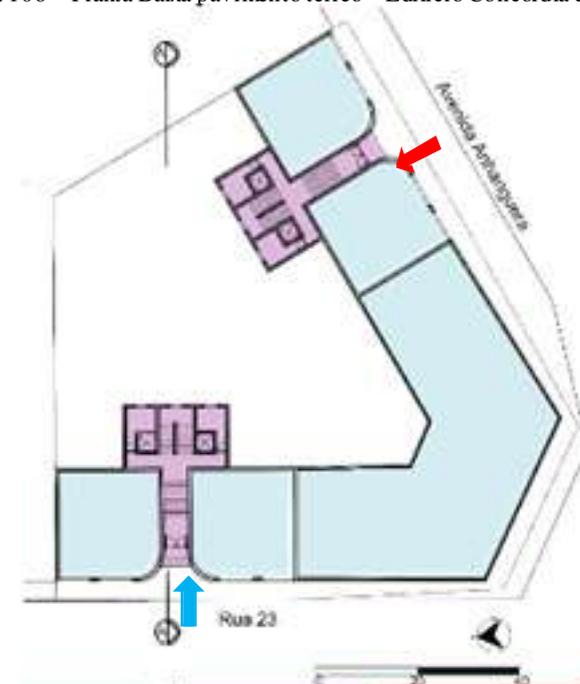
²⁰ No período de desenvolvimento deste trabalho, o bloco destinado à sede do IAPC estava fechado, dessa forma, não foi possível fazer levantamentos.

Ao uso residencial e institucional, soma-se o uso comercial, por meio de uma galeria²¹, localizada no pavimento térreo dos edifícios, com salas dispostas lado a lado e uma marquise que percorre toda sua extensão (Figura 106). O entorno imediato é valorizado através do passeio amplo e da galeria comercial, voltada para o exterior, de modo a integrar o edifício à cidade. As salas comerciais, com 70m² e pé-direito de 3,50 metros, são amplas e apresentam boa iluminação.

Os edifícios residenciais – Concórdia e Pioneiro – possuem acessos independentes pela Avenida Anhanguera e Rua 23 respectivamente. Eles são idênticos e simétricos entre si e apresentam dois apartamentos por andar e dez unidades habitacionais por torre (BONDUKI, KOURY, 2014, p.153).

No edifício Pioneiro o setor íntimo está voltado para Leste e Oeste, o setor social para Oeste e o de serviço para Leste. No Concórdia o setor íntimo para Sudeste e Noroeste, setor Social Sudoeste e de serviço para Noroeste, ou seja, a insolação é variável e as plantas não foram pensadas com essa preocupação.

Figura 106 – Planta Baixa pavimento térreo – Edifício Concórdia e Pioneiro.



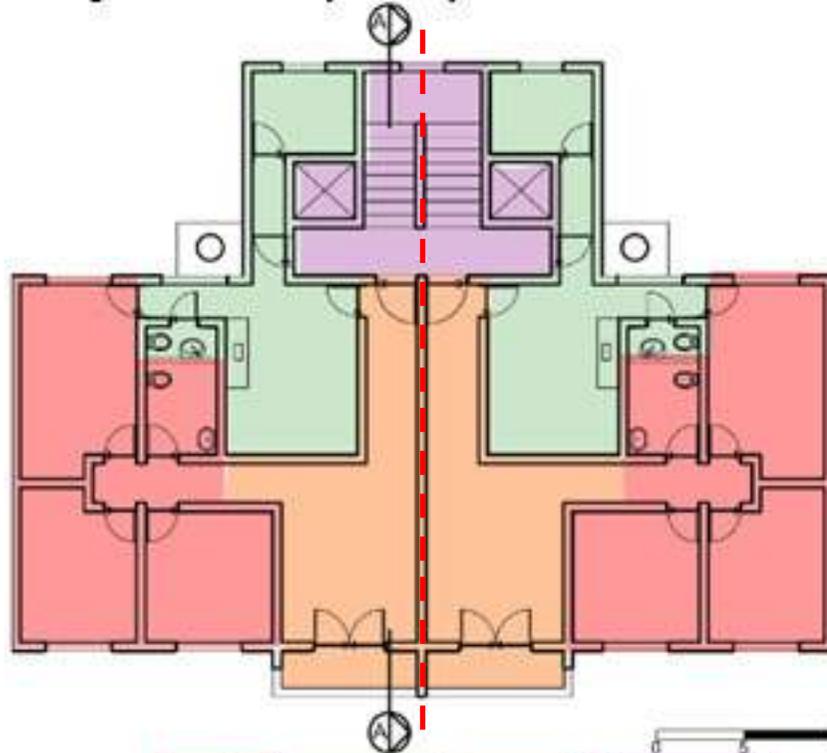
Legenda: Setor comercial e núcleo de circulação. Acesso Edifício Concórdia e Acesso Edifício Pioneiro.

Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Os pavimentos tipo apresentam dois apartamentos com a mesma tipologia (93 m²), simétricos com uma organização espacial compacta e uma setorização claramente demarcada (Figura 107). O núcleo de circulação coletivo centralizado (25m²) atende os dois apartamentos, são racionalizados e os acessos de serviço e social são independentes.

²¹ Vale ressaltar que esse modelo de uso misto (uso comercial, residencial e institucional) foi muito reproduzido pelos IAPs nos centros das cidades brasileiras.

Figura 107 – Planta baixa pavimento tipo – Edifício Concórdia/Pioneiro.



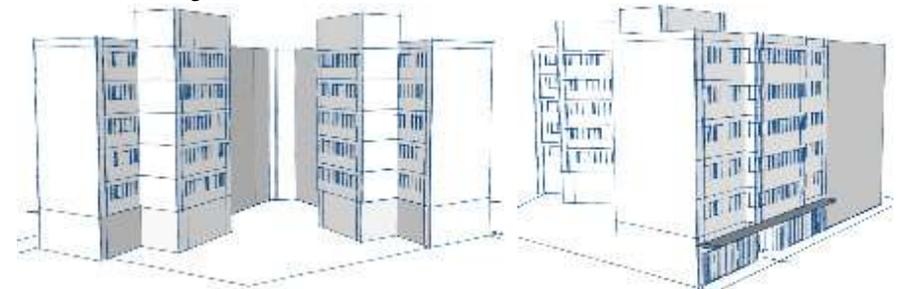
Legenda: Setor íntimo, setor de serviço, setor social e núcleo de circulação.
 Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

A distribuição dos ambientes dos apartamentos se dá de forma racionalizada, ao longo de duas circulações em “L” localizadas, uma no setor social e outra no setor de serviço. Existe uma hierarquia entre essas circulações, sendo mais estreita a localizada no setor de serviço. Os apartamentos possuem três quartos. Um deles, curiosamente, apresenta uma ligação direta com setor de serviço. O banheiro atende

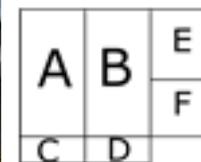
o setor social e íntimo e está dividido apenas por uma meia parede com o lavabo da área de serviço. Ou seja, ambos não possuem aberturas, a ventilação e a iluminação são feitas a partir das portas. A área de serviço ocupa uma área significativa do apartamento e a sala de jantar está integrada à cozinha.

Os blocos de habitação apresentam dois volumes: o principal, de maior dimensão e voltado para a rua, e o secundário, de menor porte e orientado aos fundos, comportando a circulação vertical entre os pavimentos e parte da área de serviço dos apartamentos. As fachadas principais desses blocos possuem um volume central, que avança sobre o passeio, marcando o acesso aos apartamentos. (Figura 108 - 109). Nelas destaca-se o ritmo das janelas quadrangulares, isoladas, que no conjunto, dialogam com o ritmo dos volumes ressaltados das varandas, hoje incorporadas ao interior dos apartamentos.

Figura 108 – Volumetria – Edifícios Concórdia e Pioneiro.



134A – Vista posterior. 134B – Vista frontal da Rua 23.
 Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- A – Fachada principal Edifício Pioneiro.
- B – Fachada principal Edifício Concórdia.
- C – Acesso principal Edifício Pioneiro.
- D – Acesso principal Edifício Concórdia.
- E – Detalhe aberturas do Edifício Pioneiro.
- F – Fachada principal do Edifício Pioneiro e a sede do órgão pela Avenida Anhanguera.

Figura 109 – Detalhes edifícios Pioneiro e Concórdia.
Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

3.2.2 Edifício 28 de Agosto (1957-58)

Implantado na esquina entre as Rua 4 e 23, o Edifício 28 de Agosto, destaca-se no entorno em função do gabarito e volumetria notória. Os edifícios do entorno, em sua maioria, de uso comercial apresentam entre dois e três pavimentos. Ele está próximo aos Edifícios Concórdia e Pioneiro, na mesma região onde se encontram o Teatro Goiânia, a Vila Cultural Cora Coralina e o Jôquei Clube de Goiás (Figura 110). O edifício foi projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes e construído pelo IAPB - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários.

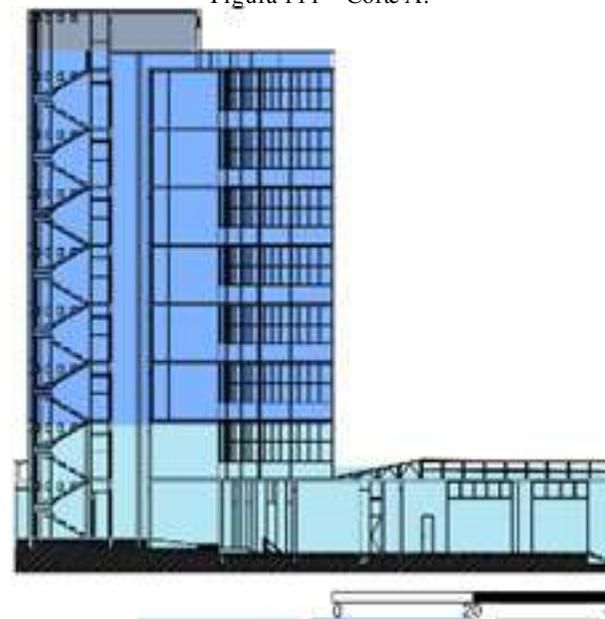
Figura 110 – Entorno: Edifícios Concórdia e Pioneiro à esquerda e Edifício 28 de Agosto ao Centro.



Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

Implantado em um terreno de esquina com 936m², o edifício compreende o pavimento térreo – que ocupa todo o terreno e acompanha o seu desenho –, mezanino, seis pavimentos-tipo e a cobertura – com volumetria única –, totalizando nove pavimentos (Figura 111).

Figura 111 – Corte A.



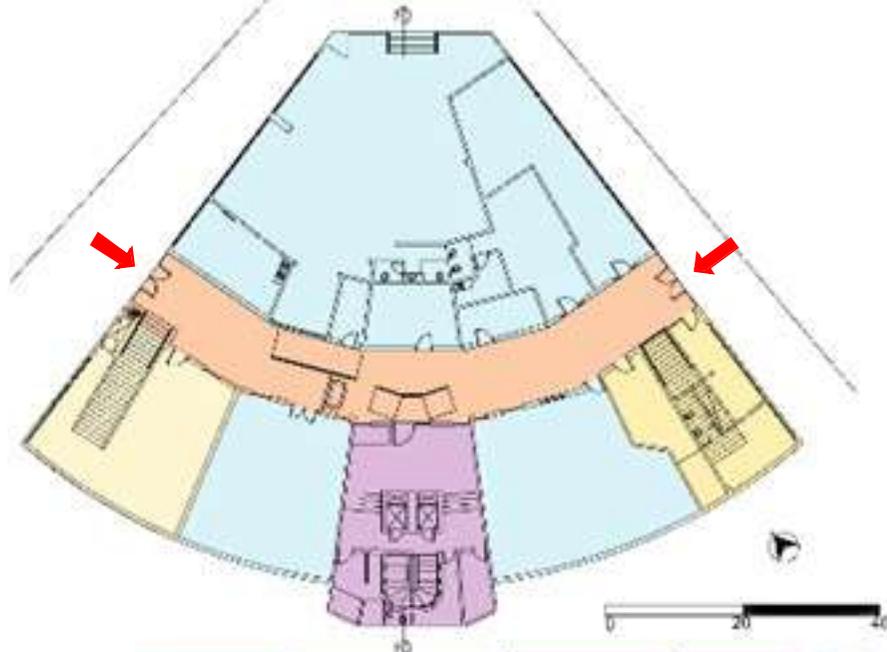
Legenda: Setor Comercial, Setor residencial e Cobertura.
Fonte: Lucas (2016). Edição: Autora (2017).

O acesso ao edifício se divide em dois, totalmente independentes, o primeiro pela Rua 4 e o segundo pela Rua 23. Esse acesso é feito por meio de uma “rua interna”, que relaciona o edifício com o entorno, e

ao mesmo tempo, configura-se como uma circulação horizontal que conecta as salas comerciais, internas, a portaria do edifício e ao núcleo de circulação vertical (Figura 112).

O térreo possui uso comercial e institucional e o mezanino uso institucional, com salas de aluguel e salas pertencentes ao Sindicato dos Bancários (Figura 113).

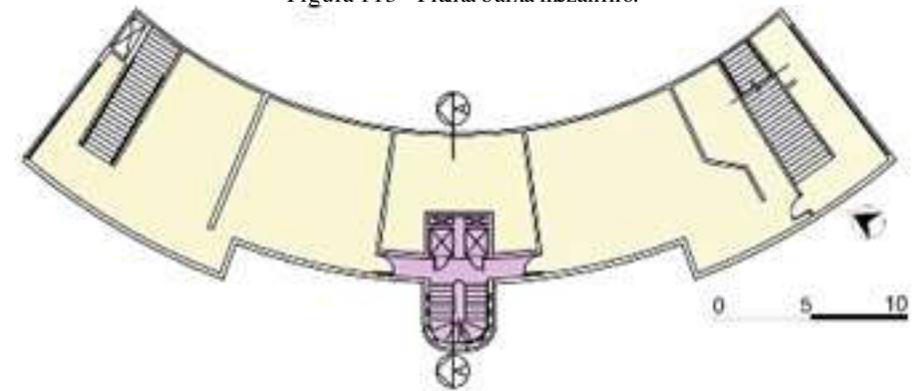
Figura 112 – Planta baixa pavimento térreo.



Legenda: Setor Comercial, Setor Institucional, núcleo de circulação residencial e Rua interna. Acesso residencial e comercial.
Fonte: Lucas (2016). Edição: Autora (2017).

Os pavimentos-tipo de uso residencial compreendem vinte e quatro apartamentos. Possuem núcleo de circulação coletivo localizado na parte posterior do edifício, com acessos de serviço e social independentes a cada apartamento.

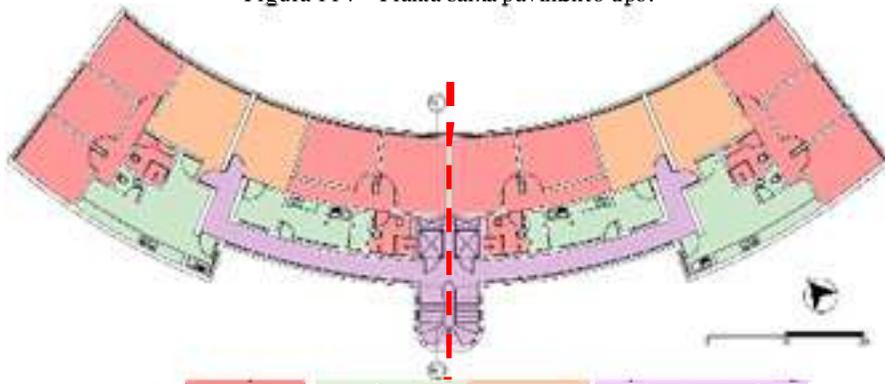
Figura 113– Planta baixa mezanino.



Legenda: Setor Institucional e núcleo de circulação.
Fonte: Lucas (2016). Edição: Autora (2017).

O pavimento tipo (Figura 114) organiza-se espacialmente através de um eixo longitudinal e outro transversal. O primeiro eixo define a disposição dos apartamentos e o segundo, a localização do bloco de circulação vertical. A distribuição dos apartamentos é feita de forma racionalizada, por meio de duas tipologias de planta, uma com dois e outra três quartos. A junção dos apartamentos de tipologias diferentes nas extremidades do pavimento, possibilitou a redução da área de circulação horizontal entre eles.

Figura 114 – Planta baixa pavimento tipo.



Legenda: **Setor íntimo**, setor de serviço, setor social e núcleo de circulação.
 Fonte: Lucas (2016). Edição: Autora (2017).

As duas tipologias de apartamento apresentam o mesmo programa de necessidades e uma setorização bem definida, no entanto, eles diferenciam-se na quantidade de quartos e banheiros. O primeiro apartamento, com 95 m², com três quartos e dois banheiros e o segundo, com 69 m², apresenta dois quartos e apenas um banheiro. Os espaços mínimos buscam a racionalização da construção e consequentemente do desenho. O apartamento desenvolve-se a partir da circulação central que integra todos os setores.

Trata-se do único exemplar analisado em que o setor de serviço possui uma maior racionalização e integração dos espaços, eliminando o quarto de empregada, nas duas tipologias de apartamento, e o banheiro de empregada, no caso do apartamento menor. Fato que demonstra um

vínculo maior com o ideário da arquitetura moderna, na medida em que a organização dos espaços exige mudanças de hábitos.

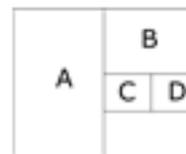
O edifício é composto por dois volumes bem definidos que se contrapõem (Figura 115): a primeira -vertical curvilínea e recuada em relação à esquina - envolve os pavimentos tipo, o mezanino e a cobertura; e a segunda - horizontal, polidétrica e todo compreende apenas o pavimento térreo. Ambas procuram responder adequadamente ao desenho do terreno e a sua localização na quadra, de modo a criar uma clara hierarquia entre os espaços que abrigam.

As janelas demarcam a horizontalidade nas fachadas frontais e posterior, e que se contrapõem à estruturas verticais dos pilares, de modo a compor um plano transparente e reticulado (Figura 116).

Figura 115 – Volumetria do edifício.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- A – Fachada Rua 23 demonstrando os detalhes construtivos e esquadrias.
- B – Fachada frontal.
- C – Acesso principal pela Rua 4.
- D – Símbolo do sindicato dos bancários na calçada externa do edifício.

Figura 116 – Edifício 28 de Agosto.
Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

3.2.3 Edifício Wilson Féres (C.1961-1968)

Situado na Avenida Goiás, o edifício Wilson Féres insere-se a paisagem verticalizada. Integra-se ao entorno devido à presença significativa de edifícios comerciais e residenciais em altura, em uma via que também se destaca pelo uso comercial diversificado, além da presença significativa de instituições. Está próximo aos edifícios Kennedy, da Família Real, Marques de Olinda e Itumbiara (Figura 117). Foi construído pela Incorporadora União Ltda.

Figura 117 – Entorno: Edifício Kennedy à esquerda, Edifício Wilson Féres ao centro e os edifícios da família real á esquerda.

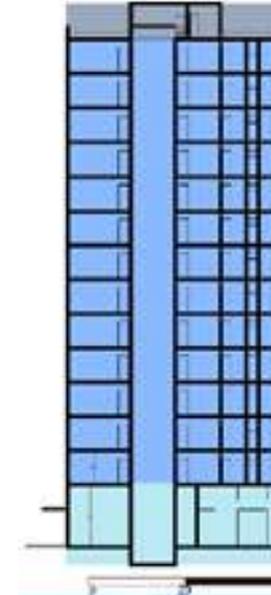


Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

O pavimento térreo possui uso comercial e envolve todo o terreno. Além do térreo, o edifício apresenta treze pavimentos tipo de uso

residencial e na cobertura o apartamento do zelador, totalizando quinze pavimentos (Figura 118).

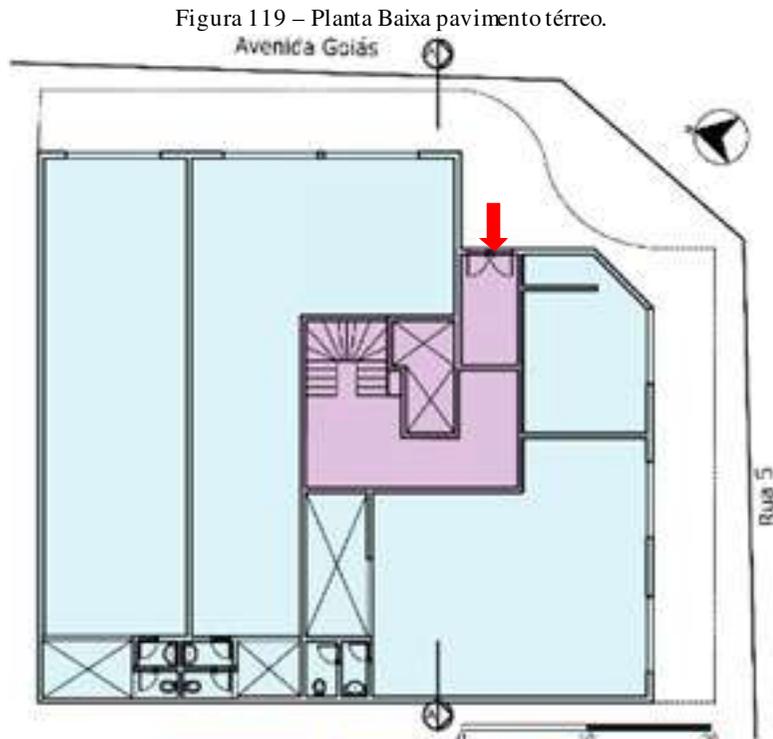
Figura 118- Corte AA.



Legenda: Setor comercial, setor residencial e cobertura.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O pavimento térreo, destinado à várias salas comerciais com banheiro, não possui recuos. A iluminação e ventilação dos ambientes internos são feitas através de fossos. As salas comerciais, amplas e com pé direito de 5,0m, estão voltadas para o passeio público, integram-se ao entorno comercial. A conexão com o espaço do passeio público é reforçada por uma marquise generosa e detentora de um desenho singular, que percorre toda a extensão da fachada.

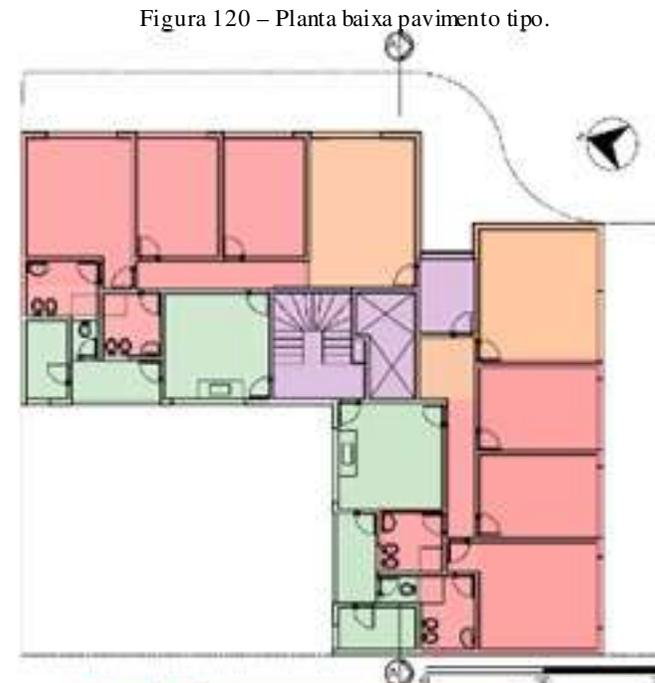
O acesso principal residencial, feito pela Avenida Goiás, está centralizado ao pavimento térreo e é enfatizado e demarcado pela localização privilegiada, pelo desenho da marquise e pela marcação vertical dos materiais na fachada principal (Figura 119).



Legenda: Setor comercial e núcleo de circulação. Acesso residencial.
 Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O pavimento tipo, em “L”, responde ao desenho do terreno de forma racional, privilegiando os setores social e íntimo que estão voltados para as vias e ao mesmo tempo direcionados para as fachadas de

menor insolação. Os apartamentos, idênticos, são articulados a partir de um núcleo de circulação coletiva, com dois elevadores e uma escada, e uma organização de espaços bastante racionalizada que enfatiza a separação dos acessos independentes, segundo a setorização dos apartamentos (Figura 120).



Legenda: Setor íntimo, setor de serviço, setor social e núcleo de circulação.
 Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O hall de entrada (com elevador social) tem vista para a Avenida Goiás e viabiliza o acesso aos dois apartamentos, caracterizando um ambiente exíguo (6,50m²), no entanto, agradável. Por outro lado, as

circulações verticais (caixa de escada e elevador) e horizontais, do setor de serviço, estão voltadas para a fachada posterior do edifício e acessam diretamente o setor de serviço (cozinhas).

Os apartamentos possuem uma organização espacial desenvolvida através de um corredor central (com 0,95m de largura) que interliga todos os setores e dá acesso a todos os ambientes. Esses últimos, são compartimentados. Não obstante, são amplos, não denotando preocupação no estudo de espaços mínimos. Os banheiros, por exemplo, possuem área útil maior que 4,0m².

O setor de serviço com maior insolação, voltado para a direção Oeste e Noroeste, apresenta grandes aberturas que auxiliam na sua iluminação e ventilação. Esses ambientes são menores e apresentam maior racionalização em relação aos demais setores, ou seja, é visível a hierarquia entre os setores íntimo e social em relação ao setor de serviço. Contudo, esse último ainda apresenta uma área total significativa em relação à área total do apartamento, por manter as dependências de empregada, quarto e banheiro.

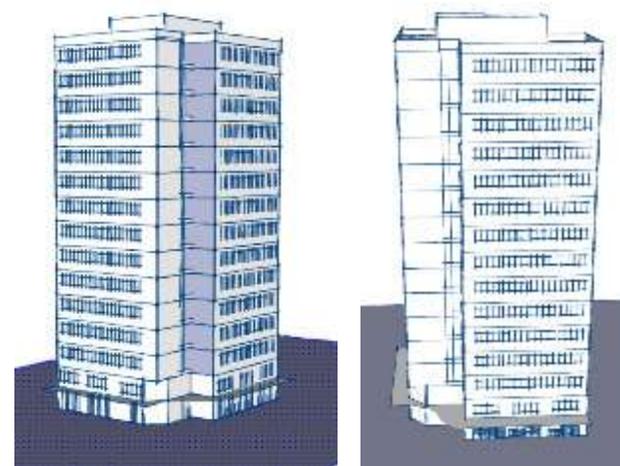
O edifício apresenta base (térreo) e volume principal (pavimentos tipo) bem demarcados. O volume principal é formado por dois prismas retangulares perpendiculares e articulados entre si com partes

sobrepostas que formam um “L”. A cobertura configura um volume menor centralizado e circundante ao núcleo de circulação.

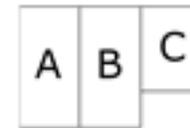
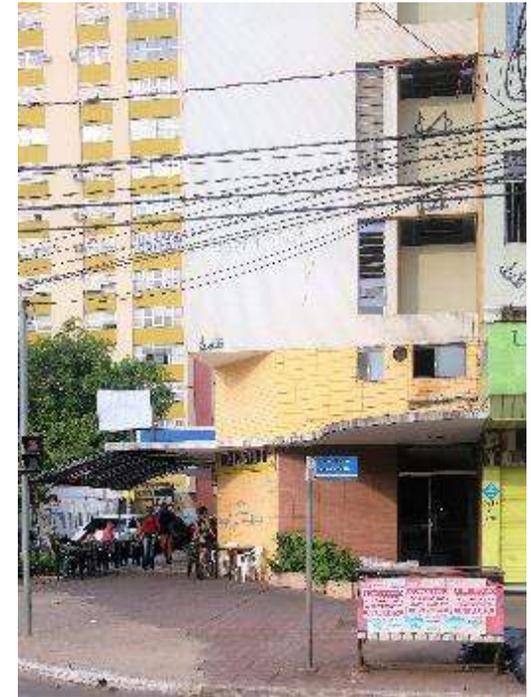
Trata-se de um exemplar que apresenta uma discreta sofisticação plástica no tratamento epidérmico das fachadas, tanto no uso da cor na separação dos planos, como no uso de saliências e reentrâncias, na articulação das aberturas e na composição dos volumes.

A repetição das janelas conjuntamente às saliências nas fachadas frontais demarca a horizontalidade e, ao mesmo tempo, a divisão dos pavimentos tipo. As vigas e pilares, aparentes, assinalam a entrada principal do edifício e o ponto de articulação entre os dois volumes que envolvem os apartamentos (Figura 121-122).

Figura 121 – Volumetria do edifício.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- A – Fachada Principal.
- B – Fachada Avenida Anhanguera.
- C – Detalhe acesso principal.

Figura 122 – Edifício Wilson Féres.
Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

3.2.4 Edifício Kennedy (1962-63)

Diferente dos edifícios apresentados anteriormente, o Edifício Kennedy, está localizado em uma via de médio porte (Rua 8, esquina com a Rua 5) e de uso diversificado, com residências e comércios de até quatro pavimentos. Ele possui apenas uso residencial, assim como, os edifícios em altura construídos posteriormente na mesma via que, em sua maioria, possuem o mesmo uso (Figura 123).

Figura 123 – Entorno: Edifício Wilson Féres à esquerda, Edifício Kennedy ao centro e Edifício Bemosa à direita.

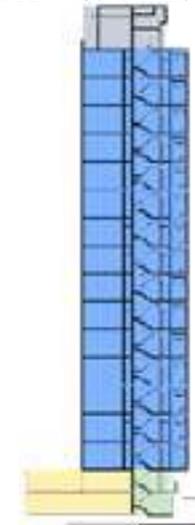


Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

Projetado pelos arquitetos Silas Varizo e Armando José Norman (1962-63), o edifício foi promovido pela iniciativa privada. Os responsáveis técnicos da construção foram os engenheiros Jaime Marcos Cohen e Irapuan Costa Junior.

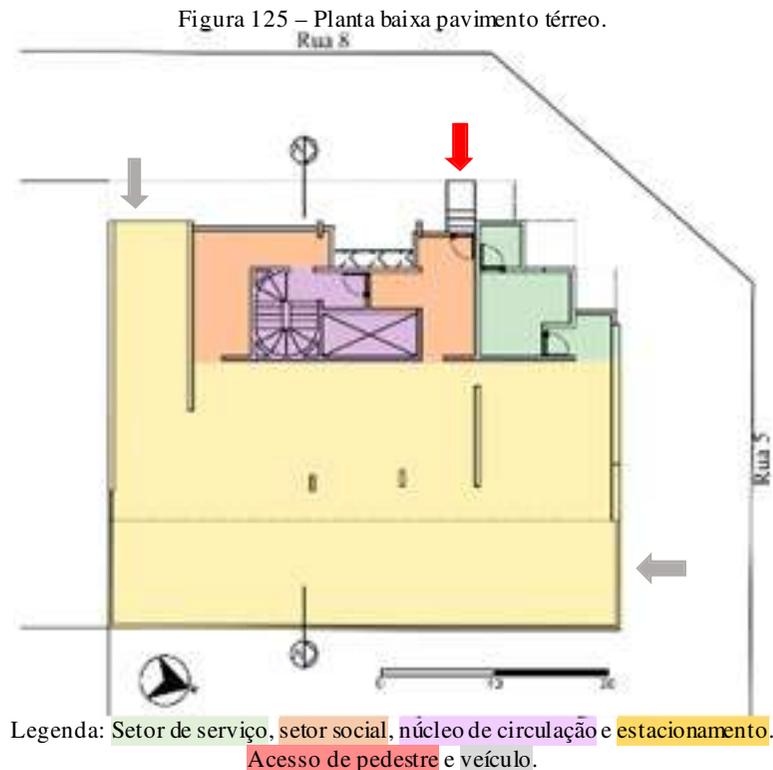
Com o estacionamento no subsolo e no pavimento térreo, o edifício diferencia-se dos exemplares apresentados até o momento, que não possuem estacionamento. Apresenta quinze pavimentos tipo com apenas um apartamento por andar e a cobertura, com salão de festas e terraço, totalizando dezesseis pavimentos e quinze unidades habitacionais (Figura 124).

Figura 124 – Corte Transversal AA.



Legenda: Estacionamento, setor de serviço, pavimentos tipo e cobertura.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Além do estacionamento no pavimento térreo, o edifício apresenta ambientes administrativos e de permanência de uso coletivo que também não foram apresentados anteriormente. O hall de entrada e sala de espera são enfatizados e estão voltados para a fachada principal do edifício. O núcleo de circulação vertical está centralizado e a setorização de serviço e social são autônomos e apresentam hierarquias muito bem definidas (Figura 125).



Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Os acessos de pedestre e veículos são independentes, sendo que, o último é feito pelas ruas 5 e 8. O acesso de pedestre é destacado a partir do desnível apresentado e dos materiais empregados na fachada.

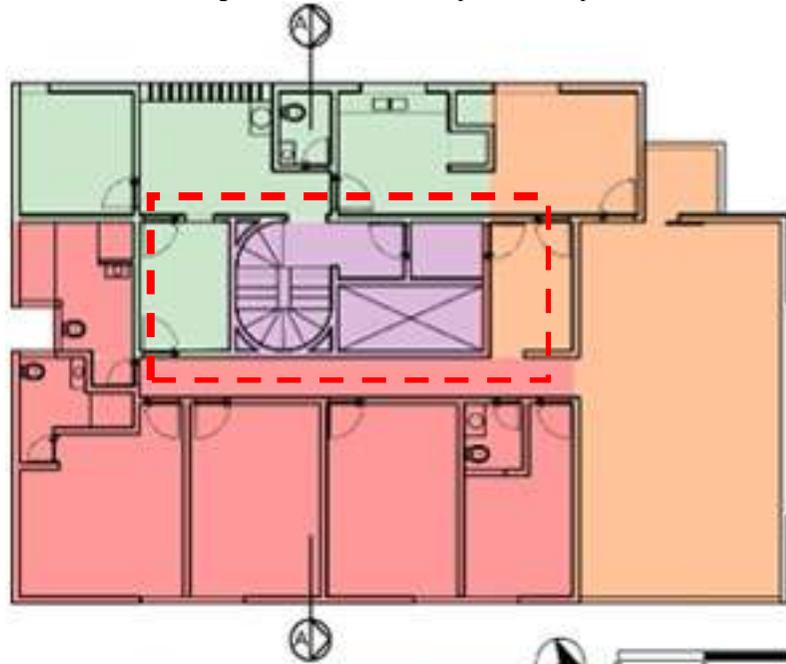
O pavimento térreo está elevado em relação ao nível da rua, estratégia de recuá-lo em relação ao pavimento tipo e elevá-lo do solo o térreo, faz com que ele fique em evidência e, ao mesmo tempo, diminui-se o desnível das rampas de acesso ao subsolo. Com pouca compartimentação e com materiais de fechamento translúcidos o térreo integra-se com o entorno.

Os pavimentos tipos apresentam um apartamento com 187m² e 204,00 m² de área construída total, ou seja, envolve o núcleo de circulação que é semelhante ao do pavimento térreo. A organização espacial do apartamento desenvolve-se entorno do núcleo de circulação vertical, que se integra às circulações horizontais e ao hall de entrada. A circulação entre os ambientes é bastante racionalizada, dando-se também a partir desse núcleo e suas adjacências, ora a partir de espaços especializados, ora a partir de alguns ambientes que integram os setores.

O setor de serviço é conectado ao setor social através sala de jantar e ao setor íntimo através da rouparia que se configura um ambiente de transição e ao mesmo tempo multifuncional. Essa disposição permite

que o apartamento apresente uma circulação rotativa e circular entre os setores (Figura 126).

Figura 126 – Planta Baixa pavimento tipo.



Legenda: Setor de serviço, Setor social, setor íntimo e núcleo de circulação.

Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Os ambientes são compartimentados e não houve preocupação em relação a racionalização de suas dimensões. No entanto, a forma como os espaços são articulados, torna o percurso dinâmico e diminui a sensação de compartimentação dos espaços. É importante ressaltar o aumento da área e a valorização do setor social e a presença do

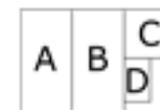
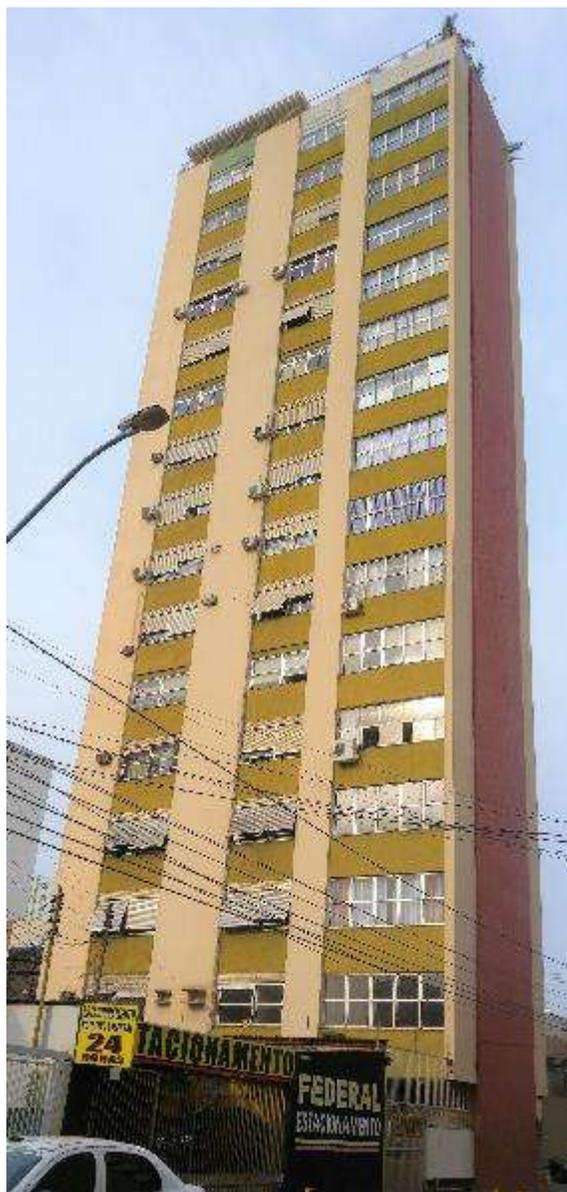
escritório que, de certa forma, representa as novas tendências sociais da vida moderna coletiva, da interação entre o trabalho e a moradia, reforçando cada vez mais, a flexibilidade e a multifuncionalidade dos ambientes.

Implantado de forma proveitosa, com uma pequena inclinação, no eixo longitudinal Norte-Sul, o edifício apresenta-se em um volume único em 'I', com uma pequena subtração na lateral esquerda que abriga as sacadas. O mesmo acontece com os brises *soleils* (área de serviço) que reforçam a verticalidade da mesma. Parte da fachada lateral esquerda é revestida com lajotas que contrastam com as cores do edifício e demarcam a verticalidade (Figura 127-28).

Figura 127 –Volumetria do edifício.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- A – Fachada posterior.
- B – Fachada frontal.
- C – Detalhe brise-soleil.
- D – Detalhe sacadas e revestimentos.

Figura 128 – Edifício Kennedy.
Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

3.2.5 Edifício Dom Pedro I (1964-66)

Localizado na Avenida Goiás próximo à Avenida Paranaíba, o Edifício Dom Pedro I, como parte da família real também está avizinado dos edifícios Wilson Féres, Kennedy, Marques de Olinda e em frente ao Edifício Itumbiara (Figura 129). Em uma avenida de uso predominante comercial, ele possui uso misto e está integrado em uma quadra significativamente verticalizada. Projetado em 1964 e inaugurado em 1966, foi idealizado por Salvador C. Moraes e promovido pela Incorporadora Irmãos Valle.

Figura 129 – Entorno: Edifício Kennedy à esquerda ao fundo, Edifício Wilson Féres à esquerda, Família real (Edifício Princesa Isabel, Dom Pedro I, Dom João VI e Dom Pedro II - esquerda para direita) e Marquês de Olinda à direita.



Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

Localizado em um terreno plano, a edificação apresenta pavimento térreo (com mezanino) de uso comercial e residencial (acesso aos apartamentos), onze pavimentos residenciais e cobertura (terraço e apartamento zelador), totalizando treze pavimentos (Figura 130).

Figura 130 – Corte transversal AA.

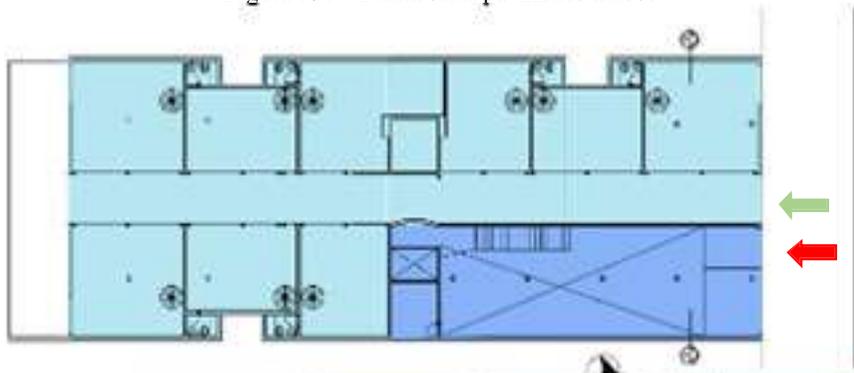


Legenda: Setor comercial, setor de residencial e cobertura.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

As salas comerciais do pavimento térreo, com área entre 30 e 60 m², possuem lavabo e mezanino (com metade da área total das salas) que unidos resultam em um pé-direito duplo, no hall de acesso aos apartamentos que, é ressaltado no projeto através das configurações físicas e do emprego de revestimentos sofisticados (mármore e madeira). As salas comerciais são dispostas linearmente através da circulação horizontal centralizada que percorre todo pavimento

(acesso principal), configurando uma galeria de salas comerciais, tipologia também presente em edifícios comerciais desse período. Os acessos aos mezaninos das salas são feitos através de escadas helicoidais (Figura 131).

Figura 131 – Planta baixa pavimento térreo.

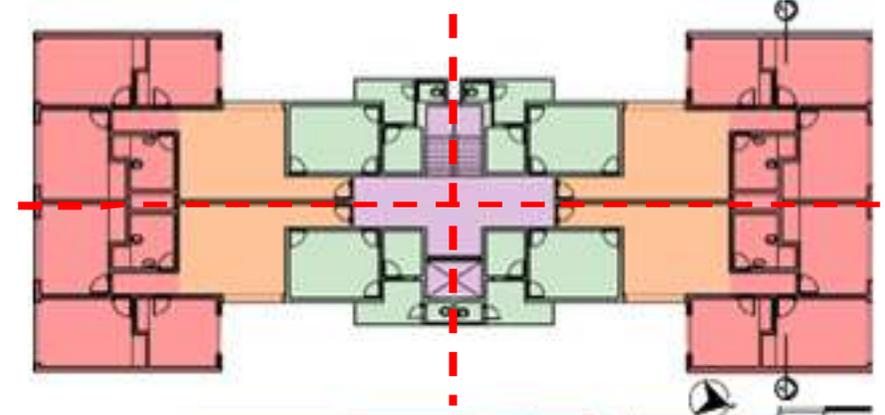


Legenda: Setor comercial e setor residencial. Acesso comercial e acesso residencial.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Os pavimentos tipo apresentam quatro apartamentos (com 100m²) e totalizam 44 unidades habitacionais. Desenvolve-se a partir do núcleo de circulação horizontal e vertical em forma de cruz, que apresenta eixo de simetria longitudinal e transversal e interliga os apartamentos. Os apartamentos, com uma setorização bem definida, são dispostos simetricamente no sentido longitudinal e transversal do edifício. Os ambientes são compartimentados. Conquanto, o apartamento

apresenta organização espacial racionalizada, com circulações mínimas e integradas aos ambientes (Figura 132).

Figura 132 – Planta baixa pavimento tipo.



Legenda: Setor de serviço, setor social, setor íntimo e núcleo de circulação.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

A volumetria principal, em “H”. permitiu a criação de áreas de ventilação nas duas laterais, contrapondo-se ao pavimento térreo e mezanino que envolve todo o terreno (Figura 133-134).

Figura 133 – Volumetria do edifício.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- A – Família real.
- B – Fachada frontal.
- C – Detalhe esquadrias e revestimento.
- D – Pavimento térreo.

Figura 134 – Edifício Dom Pedro I.
Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

3.2.6 Edifício Acaiaca (1966-71)

Situado em frente à Praça Cívica e na mesma quadra que o Edifício Dom Abel, o Edifício Acaiaca está em na esquina das ruas 10 e 84. A rua 10 é limite entre o Setor Central e o Setor Sul e a rua 84 contorna a Praça Cívica. O edifício destaca-se na paisagem em função do gabarito. No Setor Sul pelas edificações não passarem de dois pavimentos e no Setor Central pela proximidade com a Praça Cívica e seu entorno, que salvo algumas exceções, não passa desse gabarito (Figura 135).

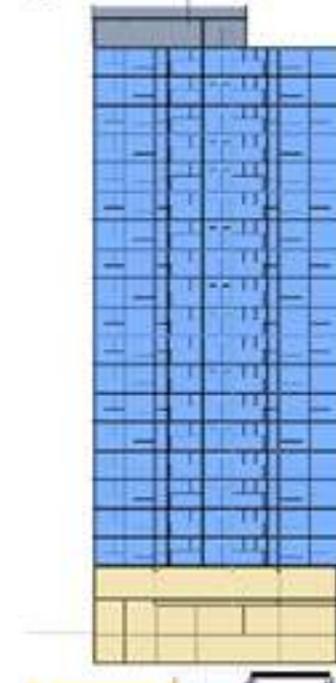
Figura 135 – Entorno: Edifício Dom Abel à esquerda e Edifício Acaiaca à direita. Praça Cívica em primeiro plano e Setor Sul à direita e ao fundo.



Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

Projetado em 1966, pelo Engenheiro Civil Newton de Castro, e inaugurado em 1971, o Edifício Arcaica foi construído pela Incorporadora Irmãos Valle. O subsolo, térreo e primeiro pavimento são ocupados pelo estacionamento e, a partir do terceiro andar, elevam-se dezoito pavimentos tipo e a cobertura, com salão de festas e o apartamento do zelador, totalizando vinte e um pavimentos (Figura 136).

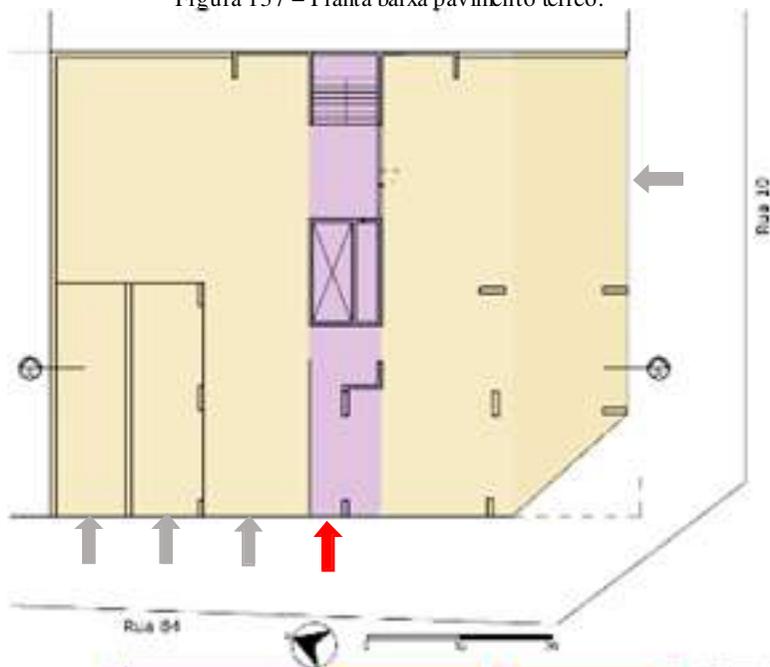
Figura 136 – Corte longitudinal AA.



Legenda: Estacionamento, pavimentos tipo e cobertura.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Os pavimentos de estacionamento ocupam todo o terreno e apresentam planta livre envolvendo também o núcleo de circulação. As rampas de acesso de veículos ao primeiro pavimento e ao subsolo estão na lateral esquerda do edifício e possuem acesso pela Rua 84. O pavimento térreo é fechado por gradil e não integra o edifício com o entorno, apenas atende a expectativa da quantidade de vagas de estacionamento. O acesso de pedestre possui ligação direta com o núcleo de circulação vertical (Figura 137).

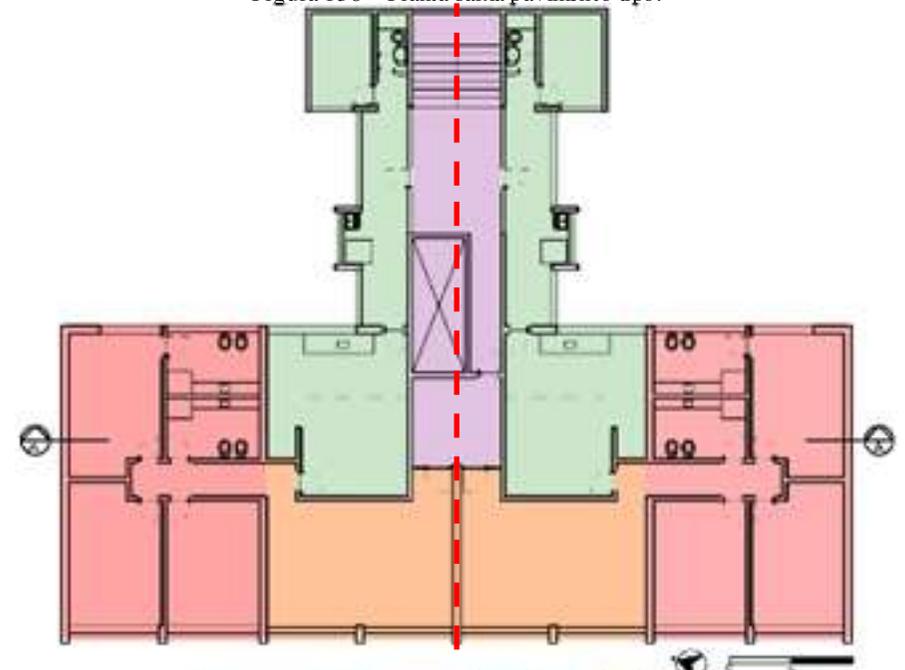
Figura 137 – Planta baixa pavimento térreo.



Legenda: Núcleo de circulação e estacionamento. Acesso de pedestre e veículo.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O pavimento tipo apresenta dois apartamentos, com 145m², idênticos e simétricos, totalizando 36 unidades habitacionais. O núcleo de circulação divide os acessos de serviço e social, sendo que, o primeiro apresenta um elevador e a caixa de escada, maior e com área ociosa resultante da disposição dos ambientes da área de serviço e de empregados, e o segundo com o elevador e hall de entrada que é compartilhado com os dois apartamentos (Figura 138).

Figura 138 – Planta baixa pavimento tipo.



Legenda: Setor de serviço, setor social, setor íntimo e núcleo de circulação.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O setor íntimo desenvolve-se a partir de um corredor central que interliga os ambientes ao restante dos setores. Os banheiros são amplos (5,7 m²), um interno e outro externo. O banheiro interno é ventilado e iluminado através do banheiro da suíte que, está voltado para fachada posterior e possui janelas. As salas de estar estão voltados para a fachada principal, são amplas (28m²) e apresentam aberturas em toda sua extensão. O setor de serviço ocupa 50m² do apartamento, sendo que a área de serviço e o quarto de empregados quase a metade dessa área, o que demonstra a ausência de racionalização da circulação nessa parte do apartamento (Figura 164). A organização e o dimensionamento dos espaços no restante do apartamento – sala, quartos, banheiros, cozinha e circulações internas – são bastante racionalizados, com espaços mínimos de circulação.

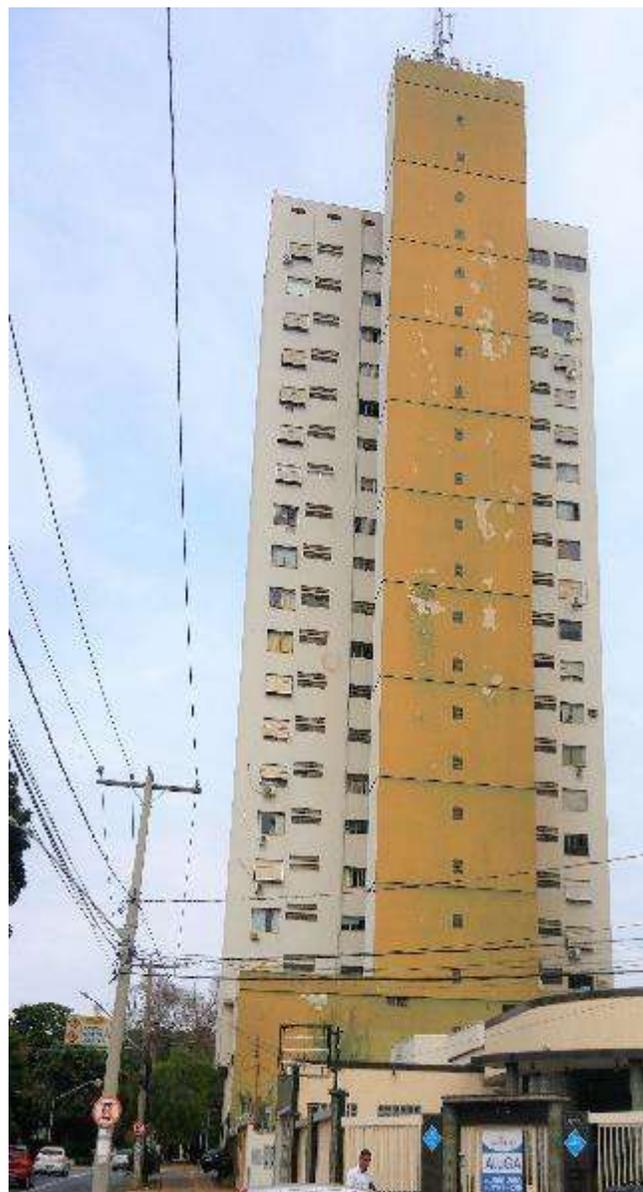
A volumetria do edifício, em “T”, é formada por dois volumes perpendiculares interligados. O primeiro, maior e mais expressivo, prolonga-se, na esquina, sobre o passeio público e apresenta-se em forma de prisma de base retangular. Ele está paralelo a Rua 84 e envolve os setores íntimos e social e parte do setor de serviço. O segundo volume, de menor porte, envolve parte do setor de serviço e o núcleo de circulação. (Figura 139).

As aberturas, lineares e contínuas, preenchem toda a fachada frontal fazendo referência às janelas em fita, pois são interrompidas apenas pela estrutura que sobressai na fachada e delinea verticalmente a mesma. As fachadas Norte e Sul do volume principal são cegas e a posterior (Leste) possui aberturas segmentadas e de menor porte (Figura 140). A maior parte das aberturas do apartamento (sala e quartos) voltam-se para Oeste, o que do ponto de vista do conforto ambiental é inadequado, na medida em que se trata da fachada com alto índice de iluminação e insolação no período da tarde. Esse fato denota que, nesse caso, privilegiou-se a vista para a Praça Cívica.

Figura 139 – Volumetria do edifício. Fachada frontal à esquerda e fachada lateral direita ao centro e fachada posterior à direita.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



A B C
A – Fachada frontal.
B – Fachada posterior.
C – Detalhe esquadrias.

Figura 140 – Edifício Acaiaca.
Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

3.2.7 Edifício Fenelon (1966)

Localizado na Avenida Goiás esquina com a Rua 2 e próximo à Praça Cívica, o Edifício Fenelon está na mesma quadra que os edifícios Cascatinha e Gesse. Em frente ao edifício sede do Banco Lar Brasileiro, entre outros, edifícios de uso institucional. O entorno, com predominância de uso comercial, apresenta uso residencial apenas em apartamentos, na maioria dos casos, os edifícios apresentam uso comercial no térreo (Figura 141).

Figura 141 – Entorno: Edifício Fenelon no primeiro plano, Edifício São Judas Tadeu (ao centro de uso comercial) e Edifício Cascatinha ao fundo.



Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

Com estacionamento no subsolo, pavimento térreo com sobreloja e primeiro pavimento de uso comercial, o Edifício Fenelon apresenta quinze pavimentos residenciais, salão de festas e apartamento do zelador na cobertura, totalizando dezoito pavimentos (Figura 142).

Figura 142 – Corte transversal.



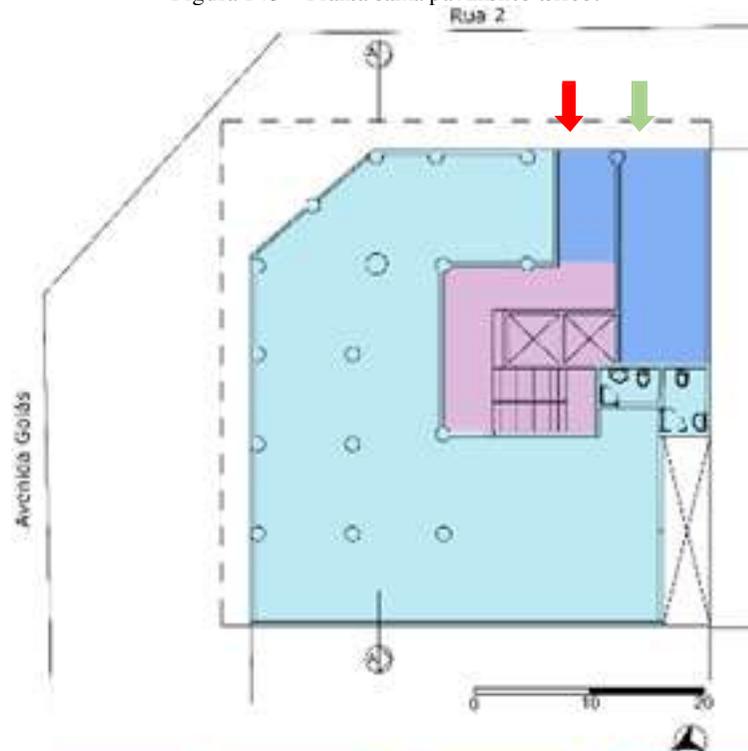
Legenda: Setor comercial, setor residencial (pavimento tipo A e pavimento tipo B) e cobertura.

Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Os acessos de veículos (rampa de acesso ao subsolo) e pedestres são feitos pela Rua 2 e o setor comercial compreende quase todo o pavimento com acesso pelas duas vias. A sala comercial possui banheiros e aberturas voltadas para a rua e para um fosso de

iluminação, com estrutura aparente com pilares de secção circular (Figura 143).

Figura 143 – Planta baixa pavimento térreo.



Legenda: Setor comercial, setor residencial e núcleo de circulação. Acesso residencial e acesso veículo.

Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O acesso aos apartamentos apresenta dois elevadores, sendo que, um deles e a caixa de escada são destinados ao setor de serviço e estão isolados ao fundo do núcleo de circulação. O outro, destinado ao

acesso social, está ligado diretamente ao acesso de pedestres. No subsolo localiza-se o estacionamento e envolve toda área do terreno.

Um ponto em que o edifício destaca-se dos demais, é a organização dos pavimentos tipo a partir de duas tipologias: o Tipo A, com um apartamento por andar, ocupando do 2º ao 10º pavimento e o Tipo B, com dois apartamentos por andar, do 11º ao 16º pavimento. Isso demonstra a racionalização na modulação da estrutura independente, que possibilitou a flexibilidade na disposição dos ambientes e, ao mesmo tempo, a adequação a vários tipos de famílias e programas de necessidades.

Na primeira tipologia (Tipo A), com 243m², o apartamento evidencia os setores social e íntimo que apresentam áreas mais expressivas, com amplos ambientes. O setor íntimo, bastante reservado, apresenta quatro quartos e dois banheiros, sendo um suíte com closet e jardim de inverno (58 m²). Nesse setor, não prevalece a racionalização dos espaços, por haver alguns espaços desconexos e ociosos. A circulação entre os ambientes, por exemplo, é bastante confusa e apresenta espaços ociosos, que poderiam ter parte de sua área utilizada nos recintos de maior permanência (Figura 144).

O setor social apresenta uma planta flexível e mais racionalizada, com sala de estar e de jantar integradas e elementos vazados para delimitar

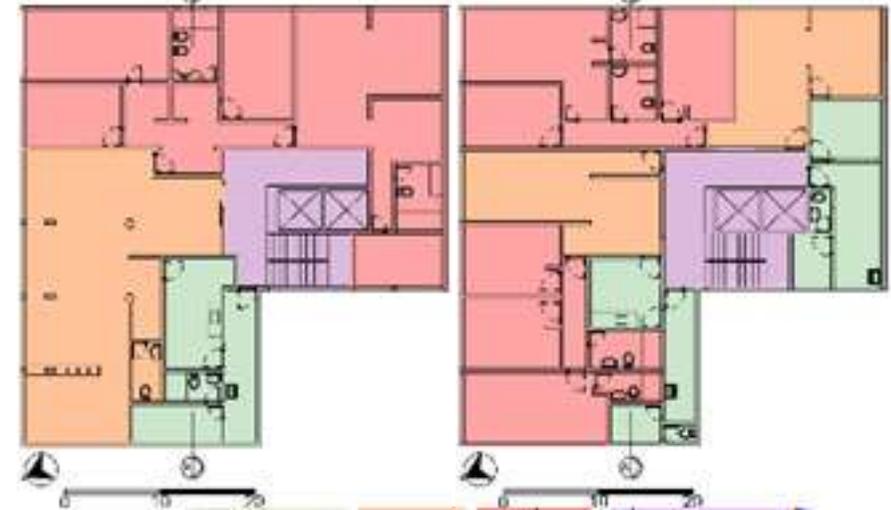
o espaço do escritório. Por outro lado, o setor de serviço possui uma organização espacial mais racional. Ele está disposto a partir da circulação lateral que está incorporada à área de serviço e permite o acesso à circulação coletiva.

Na segunda tipologia (Tipo B) os apartamentos são diferentes, apesar de possuírem o mesmo programa de necessidades, pois adaptam-se ao desenho do pavimento. O apartamento paralelo à Avenida Goiás possui 114m² de área construída, enquanto o apartamento voltado para a Rua 2 apresenta 127m². Os ambientes são distribuídos a partir de corredores laterais e centrais, conforme o caso, com acessos independentes pelo setor social e de serviço (Figura 144).

Em ambos os apartamentos, o setor íntimo é organizado a partir da circulação horizontal em 'I' que permite acessos aos três quartos (sendo um suíte) e ao banheiro. A área de serviço também é utilizada como circulação e integra os ambientes do setor.

Com um volume único em L, os pavimentos tipo formam o volume principal do edifício que avança sobre o passeio público, na esquina. Os elementos verticais prolongam-se da estrutura e os vãos são preenchidos pelas aberturas (Figura 145). Os cobogós são utilizados como fechamento dos banheiros e ocupam o lugar das aberturas (Figura 146).

Figura 144 - Planta baixa pavimentos tipo – Tipo A e Tipo B.

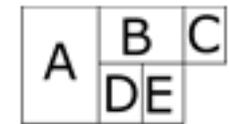


Legenda: Setor de serviço, setor social, setor íntimo e núcleo de circulação.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Figura 145 – Volumetria do edifício. Fachada esquerda à esquerda, Fachada Avenida Goiás e fachada posterior à direita.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- A – Fachada principal.
- B – Pavimento térreo.
- C – Fachada Avenida Anhanguera.
- D – Acesso principal e de veículos.
- E – Detalhe aberturas e cobogós.

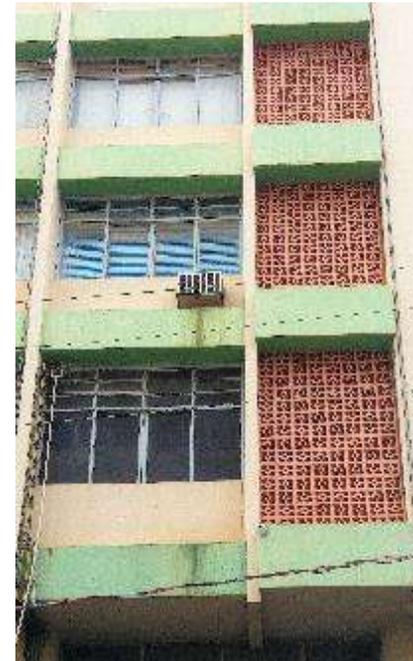


Figura 146 – Edifício Felon.
Fonte: acervo da pesquisa.
Foto: autora (2017).

3.2.8 Edifício Dom Abel (1969)

Em uma localização privilegiada, o Edifício Dom Abel, situado na Rua 19 no Setor Central de Goiânia, está próximo à Praça Cívica (centro cívico da cidade) e a Catedral Metropolitana. Na mesma quadra que o Edifício Acaiaca o entorno apresenta uso misto com uma quantidade significativa de edifícios habitacionais, residências isoladas e comércios de pequeno porte. Na maioria as construções apresentam até dois pavimentos (Figura 147). A forte presença de edifícios institucionais enriquece a região e proporciona aos moradores, maior integração com a cidade e com o entorno.

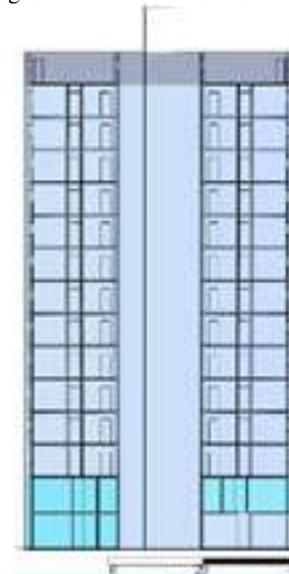
Figura 147 – Entorno: Edifício Acaiaca à esquerda e Edifício Dom Abel ao centro.



Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

Construído 1969, o edifício foi promovido pela Incorporadora Irmãos Valle Ltda. De uso misto, ele apresenta uso institucional que, ocupa parcialmente o pavimento térreo e todo o primeiro pavimento, e uso residencial no térreo e mais doze pavimentos tipo, na cobertura está o terraço, o salão de festa e o apartamento do zelador, totalizando quinze pavimentos (Figura 148).

Figura 148: Corte transversal – AA.



Legenda: Setor institucional, setor residencial e cobertura.
Fonte: Acervo da pesquisa. Redesenho e edição: Autora.

O pavimento térreo residencial é livre composto por pilotis que permitem a integração do edifício com o espaço público e internamente exerce função social e de integração entre os moradores,

além de conectar-se ao núcleo de circulação vertical. O espaço livre integra-se ao recuo frontal composto por áreas verdes, caracterizando um ambiente agradável, acolhedor e amplo. O setor institucional (Comissão Pastoral da Terra) possui acessos independentes e é composto por salas são dispostas linearmente ao longo da circulação horizontal (Figura 149).

Figura 149 – Planta baixa pavimento térreo.



Legenda: Setor institucional, setor residencial e núcleo de circulação. Acesso institucional e acesso habitacional.

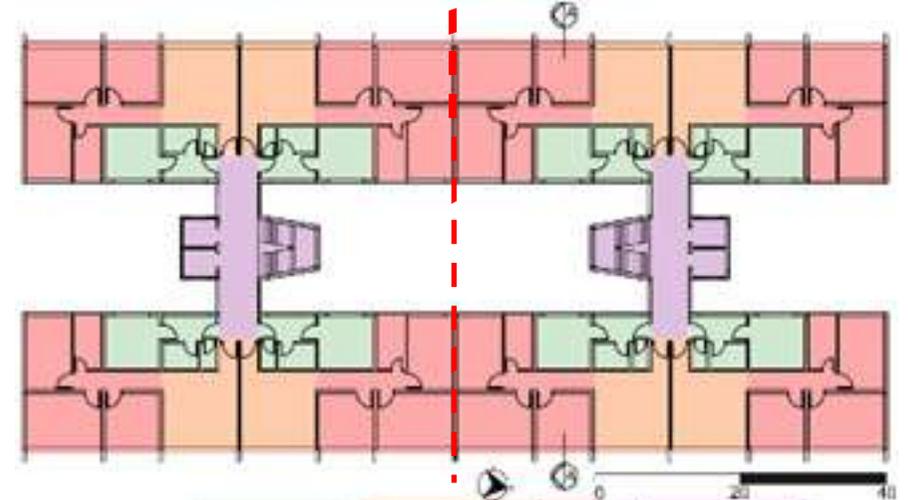
Fonte: Acervo da pesquisa. Redesenho e edição: Autora.

Os pavimentos tipo são divididos em duas torres que possuem acessos independentes através dos núcleos de circulação. Com volumetria em “H” e simétricas formam um grande bloco de volumetria única, cada

torre apresenta quatro apartamentos simétricos interligados pelo núcleo de circulação, ou seja, o pavimento tipo com as duas torres possuem 8 apartamentos totalizando 96 unidades habitacionais.

Com apenas uma tipologia, os apartamentos (90m²) apresentam áreas reduzidas, compartimentadas e consequentemente racionalizadas em sua concepção espacial. É importante ressaltar a utilização da modulação estrutural que é utilizada em todo o edifício e se adapta aos ambientes e, consequentemente, possibilita que as aberturas percorram toda a extensão dos ambientes (Figura 150).

Figura 150 – Planta baixa pavimento tipo.



Legenda: Setor de serviço, setor social, setor íntimo e núcleo de circulação.

Fonte: Acervo da pesquisa. Redesenho e edição: Autora.

O setor íntimo é organizado a partir da circulação horizontal que integra o setor ao setor social. O acesso de serviço possui ligação direta ao setor social que, por sua vez, possui organização espacial a partir da área de serviço que acessa a cozinha e as dependências de empregados.

Orientado no sentido longitudinal no eixo Norte e Sul com uma pequena inclinação, as fachadas frontal e posterior estão voltadas para o Leste e Oeste respectivamente, ou seja, a insolação é variável em cada apartamento e pode-se dizer que não foi um elemento determinante na definição da implantação do edifício.

O recuo entre os blocos permite que as fachadas internas recebam aberturas e iluminação/ventilação em alguns ambientes. O banheiro de empregada e despensa não possuem aberturas, sendo assim, são iluminados pela abertura da área de serviço, configurando assim, ambientes com baixa iluminação.

A volumetria grandiosa do edifício se destaca no entorno em relação as demais edificações, através do agrupamento das duas torres o volume se tornou mais expressivo. A volumetria total do edifício é formada por dois blocos lineares interligados através de dois volumes menores que são ocupados pelo núcleo de circulação (Figura 151).

A horizontalidade da fachada é marcada pelas aberturas que preenchem toda a fachada e são interrompidas apenas pelos elementos verticais estruturais (pilares) que a partir da modulação demonstram ritmo e continuidade (Figura 152).

Figura 177 – Volumetria do edifício. Fachada Sudeste e Nordeste abaixo.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- | | | |
|---|---|---|
| A | B | C |
| | D | |
- A – Fachada principal.
 - B – Pavimento térreo (pilotis).
 - C – Fachada lateral esquerda.
 - D – Detalhe janelas e gradil.

Figura 152 – Edifício Dom Abel.
Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

3.2.9 Edifício Edith (1973-74)

No meio da quadra com um terreno de desenho singular, o Edifício Edith possui uso exclusivamente residencial e está localizado em frente ao Teatro Goiânia, à Vila Cultural Cora Coralina e ao Jockey Clube de Goiás, na Rua 23. Os edifícios 28 de agosto, Concórdia/Pioneiro e Goiandira estão circunscritos nas quadras do entorno. Próximo à Avenida Anhanguera com forte uso comercial, o entorno possui uso misto com edificações de até dois pavimentos (Figura 153).

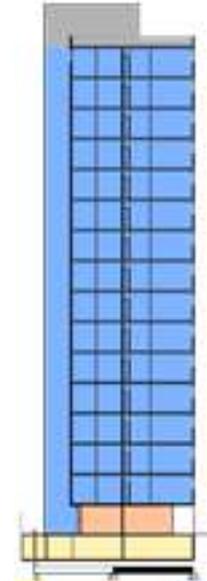
Figura 153 – Entorno: Vila Cultura Cora Coralina e Teatro Goiânia ao centro e Edifício Edith ao fundo.



Fonte: Google Earth (2017). Edição: Autora (2017).

O edifício foi projetado em 1973 e inaugurado em 1974, idealizado pelos arquitetos Fernando Graça e Flávio Almada e promovido pela Incorporadora Encol. Ele possui estacionamento no subsolo que ocupa todo o terreno, pavimento térreo de uso coletivo e quinze pavimentos tipo com quatro apartamentos, totalizando assim, 60 unidades habitacionais (Figura 154).

Figura 154 – Corte transversal AA.

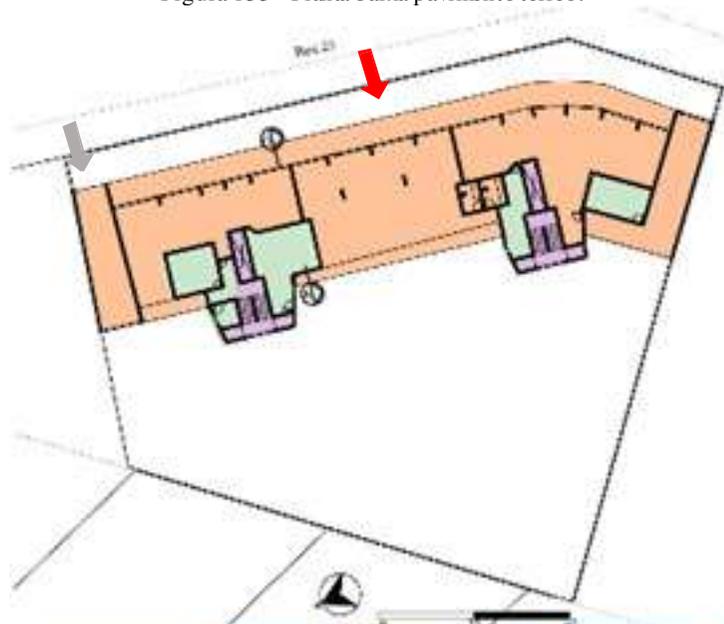


Legenda: Estacionamento, setor social, pavimentos tipo e cobertura.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O pavimento térreo, assim como, os pavimentos tipos estão voltados para a área pública, deixando em evidência a importância dos equipamentos e áreas públicas do entorno. O pavimento térreo em

abriga uma área livre de convívio em forma de *pilotis*, que se conecta com a rua. Possui ainda dois núcleos de circulação vertical com hall de entrada e o setor de serviço, composto por salas de uso da administração do condomínio, depósitos, área de serviço e cozinha, que é interligada ao salão de festa, centralizado no pavimento (Figura 155).

Figura 155– Planta baixa pavimento térreo.



Legenda: Setor de serviço, Setor social e núcleo de circulação. Acesso de pedestre e veículo.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

Os acessos de veículo estão na lateral esquerda do edifício e na lateral direita compreende o acesso direto ao salão de festa e a área social no

fundo do terreno. Esta última é composta por uma grande área de lazer com parquinho infantil e um quiosque.

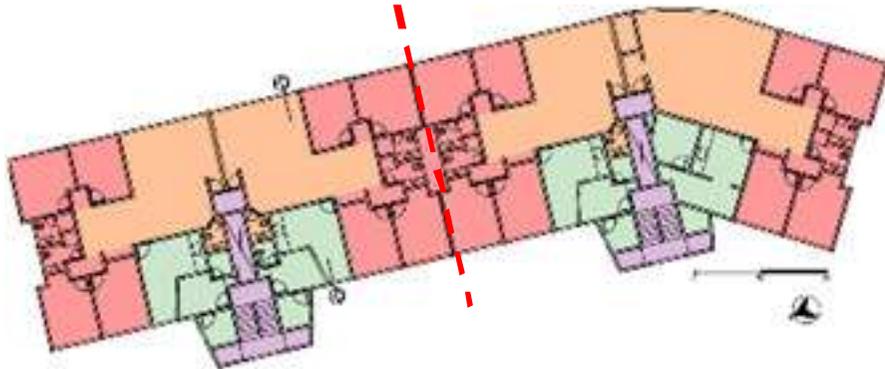
O pavimento térreo possui duas circulações sob os *pilotis* que interligam os ambientes nele localizados, uma frontal e outra posterior, e uma circulação lateral que conecta a área de convívio com a área de lazer, aos fundos. O salão de festas, conecta-se diretamente com a área de lazer.

Os *pilotis*, hoje em grande parte com fechamento de vidro, estão marcados por grandes pilares retangulares que foram aplicados em todo o pavimento permitindo a sua flexibilidade. É importante ressaltar que o projeto evidenciou o uso coletivo de forma que ele ocupa praticamente todo o pavimento térreo, integra o edifício com o entorno e deixa claro a importância uma já estabelecida mudança de hábitos no início da década de 1970.

O pavimento tipo é composto por duas torres, com acessos independentes constituído por dois apartamentos cada. O núcleo de circulação vertical é dividido em setor de serviço e social, sendo que, este último apresenta um hall de entrada exíguo que proporciona apenas o acesso direto às unidades habitacionais. Os três primeiros apartamentos possuem 148 m² e o quarto, localizado na lateral direita,

possui 167m² em função da adequação ao desenho do pavimento. No entanto, eles possuem o mesmo programa de necessidades.

Figura 156– Planta baixa edifício Edith.



Legenda: Setor de serviço, setor social, setor íntimo e núcleo de circulação.
Fonte: SEPLAM (2017). Redesenho e edição: Autora.

O setor íntimo é disposto no entorno da sala de TV, ou seja, ele está interligado ao setor social. O acesso aos quartos se dá por meio de halls de entrada, que de certa forma preservam esses ambientes, dispensado e presença dos corredores de circulação, como mostra os exemplos anteriores. Já os banheiros estão mais reservados, também ligados aos halls de entrada dos quartos. O setor social dos apartamentos integra a sala de jantar (11,76m²) e estar (20m²) e volta-se para o exterior através de grandes aberturas. O setor de serviço, compartimentado e racionalizado, utiliza a área de serviço como

ambiente de circulação e integração entre os demais ambientes do setor.

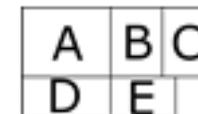
Os apartamentos, orientados no eixo Norte Sul, demonstram que implantação foi disposta de maneira que aproveita da melhor forma possível a orientação solar e de modo a proporcionar direcionamento dos ambientes sociais para o espaço público (Figura 156).

A volumetria do edifício é formada por uma extensa lâmina curvilínea, que envolve todos os pavimentos e adequa-se ao desenho do terreno. As caixas de escadas configuram-se em dois volumes independentes que se integram ao volume principal e destacam-se na fachada posterior (Figura 157). As grandes aberturas rasgam a fachada plana frontal e posterior, marcando a horizontalidade nas fachadas e contrapondo-se aos fechamentos de alvenaria (Figura 158).

Figura 157 – Volumetria do edifício. Fachada posterior à esquerda e fachada frontal a direita.



Fonte: Acervo da pesquisa. Desenho: Autora (2017).



- A – Fachada principal.
- B – Fachada lateral direita.
- C – Fachada posterior.
- D – Pátio posterior.
- E – Subsolo.

Figura 158 – Edifício Edith.
Fonte: acervo da pesquisa.
Foto: Autora (2017).

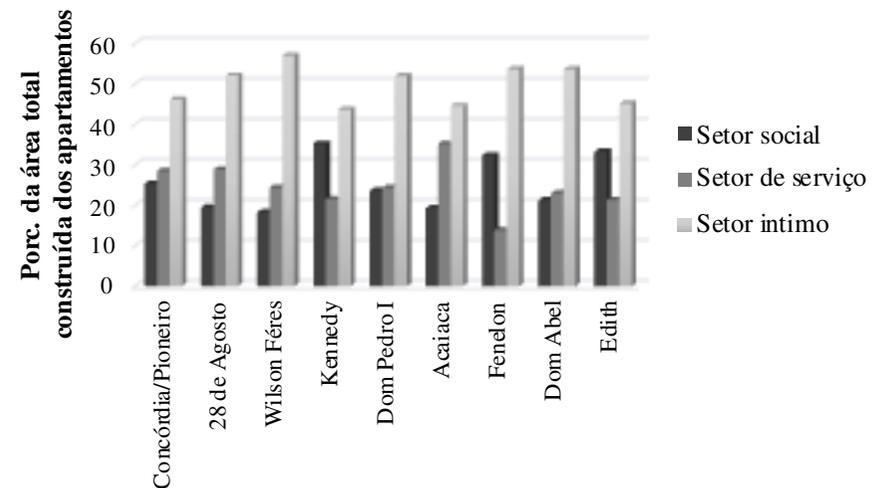
Dos estudos aprofundados apresentados, alguns pontos da arquitetura moderna coletiva devem ser assinalados, tais como: a utilização dos preceitos dos espaços mínimos, da racionalização e da integração dos ambientes, da aplicação do conceito de planta livre, da adequação do mobiliário, das novas tecnologias eletrônicas (eletrodomésticos) e da preocupação com a ventilação e iluminação adequada nos apartamentos.

Os preceitos dos espaços mínimos e da racionalização dos ambientes aplicam-se em alguns ambientes e não se instalaram como um todo nos apartamentos pois, em sua maioria, apresentam área construída maior que 90m². Esses preceitos foram aplicados especialmente na espacialização das cozinhas, quartos e banheiros, que dispõem de medidas mínimas e abrigam apenas o mobiliário indispensável. Identificou a integração entre a lavanderia e a cozinha apenas no Edifício 28 de Agosto, como nos estudos desenvolvidos por Klein e apresentados nos CIAMs, assim como, nos realizados pelos arquitetos modernos.

Somente nos edifícios 28 de Agosto, Kennedy e Edith (idealizados por arquitetos) as salas de jantar são independentes das cozinhas e apresentam ligação direta com as salas de estar, de forma que, configuram ambientes de transição entre os setores de serviço e social

e reforçam a valorização das áreas sociais, priorizadas nos projetos modernos. Por outro lado, os apartamentos apresentam setores íntimo maiores que os demais, o que deixa claro, a propensão pelo individualismo em uma sociedade que ainda se adapta ao morar coletivo moderno em que a coletividade é priorizada. Da mesma forma o setor íntimo ainda aparece grande em relação aos outros setores na maior parte dos apartamentos (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Relação entre a área construída total do apartamento e a área total dos setores.



Fonte: acervo da pesquisa.

A compartimentação dos ambientes também deve ser pontuada, pois se apresenta de forma bastante reiterada, contrapondo aos preceitos de planta livre e flexível que resultaria no melhor aproveitamento dos

espaços e, conseqüentemente, na racionalização de materiais e de área construída.

Os quartos e banheiros de empregados que, estão presentes em todos os edifícios estudados, exceto no 28 de Agosto, são justificados por serem apartamentos destinados a população de médio e alto poder aquisitivo que, possibilitaria a disponibilidade de recursos para essa mão de obra, entretanto, rebate e deixa claro que aos preceitos modernos que priorizam a utilização de equipamentos domésticos em substituição a mão de obra feminina ainda não foi inserida na sociedade.

As circulações integram-se aos ambientes e permitem maior aproveitamento das mesmas. Em contraposição, a estrutura convencional (pilares e vigas) e os fechamentos em alvenaria demonstram que não houve preocupação, por parte dos projetistas, em utilizar o mobiliário ou divisórias como elementos de fechamento o que, traria maior aproveitamento dos recursos e facilitaria adaptações futuras. A adequação e racionalização do mobiliário é visível em todos os apartamentos, os armários são embutidos e, em alguns casos, a alvenaria é adaptada para abrigá-los (Figura 159).

Figura 159 – Armários embutidos no Edifício Concórdia (à esquerda) e no Edifício Edith (à direita).



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: autora (2017).

Os apartamentos apresentam três setores bem definidos: setor social, setor de serviço e setor íntimo. Ao mesmo tempo, a padronização da planta baixa dos apartamentos é bastante visível e podem ser apresentados em um Funcionograma bastante simples (Figura 160).

Figura 160 – Funcionograma dos apartamentos – esquema geral.



Os pavimentos apresentam um, dois ou quatro apartamentos que são atendidos por um ou dois núcleos de circulação. O Edifício Dom Abel destaca-se por apresentar oito apartamentos por andar e priorizar a produção seriada através da repetição total da torre. Como resultado os dois núcleos de circulação também atendem quatro apartamentos.

Os núcleos de circulação possuem estruturas semelhantes com elevadores e circulações horizontais que resultam da divisão entre os acessos social e de serviço. Essas circulações estão integradas aos volumes dos edifícios e em poucos casos formam volumes independentes. Localizam-se na parte posterior, lateral e centralizada ao pavimento permitindo a ligação entre os apartamentos.

A simetria nos espaços de circulação, na disposição dos apartamentos, assim como nas fachadas e, na maioria dos casos, nos pavimentos tipo com mais de um apartamento, denotam uma influência, ainda marcante, da composição clássica.

A preocupação com a orientação solar apresenta-se em alguns casos, onde, os elementos que determinaram a implantação dos edifícios estão mais ligados à integração com o exterior e com as áreas públicas, ficando a insolação e a ventilação em segundo plano.

Portanto, é possível pontuar que através das análises aprofundadas presume-se que os preceitos modernos começam a ser inseridos na produção habitacional coletiva goiana de forma lenta e paulatina, entretanto significativa, visando um longo processo de adaptação ao novo modo de morar coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As habitações coletivas, como importante tipologia edificatória, conduziram no século XX um estudo complexo e em constante processo de desenvolvimento arquitetônico e urbanístico. O morar coletivo tornou-se uma nova alternativa de habitar nos grandes centros urbanos e cada vez mais a atenção imobiliária volta-se para eles e, em muitos casos, parte da produção apresenta-se de forma insignificante do ponto de vista projetual. Ao mesmo tempo, vários estudos excepcionais fundamentaram a produção dessa tipologia arquitetônica até os dias atuais.

O progresso, fruto da Revolução Industrial, como a inclusão de novos materiais na construção civil e o aperfeiçoamento de várias técnicas construtivas permitiram a verticalização das estruturas e utilização de novos materiais de fechamento e acabamento. Por outro lado, a industrialização estimulou a contraposição à ornamentação e apoiou a construção racionalista.

Nas habitações coletivas, a racionalidade está estampada, na produção seriada, na aplicação dos espaços mínimos – habitação mínima -, na produção modular e generalizada do mobiliário e dos

eletrodomésticos e na priorização das áreas coletivas compartilhadas que permitiram a diminuição das moradias.

Conseqüentemente, a verticalização dos edifícios trouxe consigo mudanças profundas na paisagem dos grandes centros urbanos em função das estaturas alcançadas e das características peculiares apresentadas em suas fachadas. Ao mesmo tempo, a construção em grande escala influenciou o traçado das cidades e suas características fundiárias.

Todas essas mudanças foram ensaiadas pelos arquitetos modernos. Integrantes indispensáveis para a construção do desenvolvimento de novas tipologias de implantação, de unidades habitacionais, volumétricas, estruturais e da manipulação de novos materiais.

Na capital goiana, ainda em processo de construção e expansão, os edifícios em altura foram implantados em uma estrutura urbana planejada, fundamentada em um contexto de progresso e desenvolvimento que se aplicou nas edificações. Eles foram construídos em dois momentos distintos: o primeiro compreendido entre 1953 e 1964 demarcado pelo início da produção local e o segundo entre 1965 e 1975 representado pela expansão mais significativa dessa tipologia arquitetônica.

A verticalização e a densidade da área central da cidade, ligada ao desenvolvimento econômico apresentou-se de forma modesta e limitada às dificuldades de obtenção de materiais, mão de obra especializada e recursos financeiros regionais. O gabarito dos edifícios habitacionais em altura, bastante expressivos para o período, apresentam-se ainda de forma bastante insignificante em relação à verticalização ocorrida no mesmo período, em outras cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro.

As tipologias identificadas foram condicionadas ao traçado urbano com terrenos, em sua maioria, retangulares e de centro de quadra. O uso misto e adução do uso comercial nos primeiros pavimentos bastante utilizada nessa produção, é uma tendência dos edifícios habitacionais desse período. Dessa forma os edifícios acabam por responder a questões como a multifuncionalidade e ao uso coletivo dos edifícios, pois passam a atender não apenas os moradores e a população do entorno.

Por outro lado, a ausência de estacionamento em alguns exemplares demonstra o conservadorismo econômico e arquitetônico em alguns casos. Entretanto, a aceitação do uso do automóvel e inclusão no programa de necessidades acontece de forma gradual durante o

período estudado e torna-se um elemento que condiciona o partido arquitetônico e conseqüentemente as volumetrias dos edifícios.

O mesmo acontece com as soluções funcionais e espaciais presentes em alguns apartamentos em que, a produção seriada, a habitação mínima e a racionalização da construção não são elementos definidores de projeto, que acaba por adequar-se ao modo de vida das famílias conservadoras.

As soluções tipo-morfológicas da volumetria principal dos edifícios (pavimentos tipo) foram bastante diversificadas – ‘H’, ‘E’, ‘T’, ‘L’, ‘T’, ‘U’ e ‘Y’ - e desenvolveram-se a partir de algumas tipologias básicas que foram sendo modificadas a partir das características de cada terreno e do programa de necessidades, demonstrando, a capacidade de adaptação e criatividade de seus idealistas.

Esses edifícios apresentam elementos importantes da arquitetura moderna como os terraços, sacadas e pilotis – como elementos de integração do edifício com o entorno –, grades aberturas – preocupação projetual com a insolação e ventilação -, utilização de novas tecnologias – como a utilização do elevador, do concreto armado e materiais como o vidro, alumínio e ferro.

A partir dos estudos de caso desenvolvidos - Edifícios Concórdia e Pioneiro (1953); Edifício 28 de Agosto (1957-8); Edifício Wilson Féres (C.1961-1968); Edifício Kennedy (1962-3); Edifício Dom Pedro I (1964-6); Edifício Acaiaca (1966-71); Edifício Fenelon (1966); Edifício Dom Abel (1969) e Edifício Edith (1973-4) - foi possível identificar particularidades e semelhança entre eles.

Entre as semelhanças podemos citar: as configurações espaciais, a relação entre os setores, a aplicação das circulações internas aos apartamentos e das externas (de uso coletivo), as características dos pavimentos térreos, entre outras. Das particularidades: o uso de pilotis, a integração entre alguns ambientes, a presença de escritórios em alguns exemplares, a ênfase das áreas de acessos coletivos e principais e a presença de áreas de uso coletivo como parque infantil, terraços e churrasqueiras.

Nesse contexto, confirma-se a hipótese de que o traçado urbano planejado condicionou os projetos e que foram desenvolvidos a partir das premissas do projeto moderno, entretanto, em alguns casos, foram condicionados às características regionais da construção civil. É importante ressaltar que alguns exemplares são excepcionais como parte da produção habitacional coletiva nacional – produção dos IAPs - e internacional – influência dos arquitetos de

vanguarda na formação dos profissionais que atuaram na cidade – que, agregam relevância à produção.

Essa argumentação também se fundamenta nas revisões bibliográficas realizadas, que identificaram a relação indissociável dos edifícios habitacionais em altura do Setor Central de Goiânia com a arquitetura moderna nacional e internacional.

Assim, o estudo apresentou-se bastante desafiador em função da lacuna bibliográfica apresentada e da falta de documentação nos arquivos locais, no entanto, a partir da pesquisa de campo verificou-se a importância do acervo arquitetônico e urbanístico para a cidade que, ainda, está em um processo de desenvolvimento e de contínua reconstrução. Ao mesmo tempo, revelou como uma incrível fonte para análises diversos outras investigações que poderão ser desenvolvidas.

Dessa maneira, o estudo desenvolvido principia e tem a pretensão de desencadear novas pesquisas sobre os edifícios habitacionais em altura de Goiânia, para entender como desenvolveu-se essa produção ao longo da existência da cidade e para que as análises arquitetônicas possam subsidiar as futuras produções habitacionais coletivas, contribuindo para os debates e possivelmente para o ensino da arquitetura.

Ao mesmo tempo, espera-se o reconhecimento dos edifícios analisados como parte importante da historiografia da cidade, uma vez que estão inseridos no contexto nacional da produção arquitetônica moderna. Ao longo do trabalho, percebemos a existência de alguns edifícios que estão abandonados e outros os quais, ainda que habitados, não têm o reconhecimento do seu valor cultural e histórico para a cidade, por parte dos próprios moradores, que os menosprezam do ponto de vista econômico e arquitetônico como exemplares representativos do período em que foram construídos.

BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ, Geraldo Teixeira. *A luta na epopeia de Goiânia: uma obra de engenharia nacional*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1942.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Sobre o conceito de tipologia arquitetônica*. (1962). In: ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- _____. *Projeto e Destino*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- ARAÚJO, Ronaldo de Sousa. *Modificações no planejamento urbanístico*. São Paulo: Nobel, 2009.
- ARÍS, Carlos Matí. *Las formas de la residencia em la ciudad moderna: vivienda y ciudad em la Europa de entreguerras*. Barcelona: Editora UPC, 2000.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. 6ª edição, São Paulo: Estação Liberdade, 2013.
- BONDUKI, Nabil. *Os pioneiros da habitação social no Brasil*. 1º ed., V. 1, São Paulo: Unesp, 2014.
- BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. *Os pioneiros da habitação social no Brasil*. V. 2 e 3, São Paulo: Unesp, 2014.
- BRASIL. IBGE. *Censo demográfico*. Goiânia, 1950.
- _____. *Censo demográfico*. Goiânia, 1960.
- _____. *Censo demográfico*. Goiânia, 1970.
- _____. *Biblioteca digital*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acessado em: 20/11/2017.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BRUNA, Paulo J. Valentino. *Os primeiros Arquitetos Modernos: Habitação Social no Brasil 1930-1950*. 1ª ed. – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira; *Afonso Eduardo Reidy* “O poeta construtor”. Doutorado na Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona – ETSAB. Barcelona. 1999.
- _____; MENDONÇA, Dafne Marques de; ALVES, Lívia M. M. Danielle Radis; MONTEIRO, Júlia

Macedo. *Goiânia, cidade nova, patrimônio recente: experiências na caracterização e valoração da arquitetura residencial enquanto elemento de construção da paisagem do núcleo pioneiro da cidade*. Congresso Ibero-americano de História Urbana. Santiago de Chile. 2016.

CAPELLO, Maria B. Capello; MARÍLIA, M. B. T. Vale; LAURENTIZ, Luiz C. de; BORDA, Luis Eduardo; RIBEIRO, Patrícia Azevedo (org.) *Documentação da arquitetura moderna no triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: Histórico e Preservação*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design – UFU, Uberlândia. 2011.

COLIN, Silvio. *Escola de Chicago*. Coisas da arquitetura. 2010. Disponível em: <https://coisasdaarquitetura.wordpress.com>. Acessado em: 16/10/2017.

CURTIS, William J. R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Tradução Alexandre Salvaterra, 3ª edição, Porto Alegre: Bookman, 2008.

DAHER, Tânia. *Goiânia – Uma Utopia Europeia no Brasil*. Goiânia: Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.

FILHO, Ary Alencastro. *Avenida Goiás – Dinâmica de Ocupação*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

FRACALOSSO, Igor. *Clássico da Arquitetura: Parque Eduardo Guinle*. 2011. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-14549/classicos-da-arquitetura-parque-eduardo-guinle-lucio-costa>. Acessado em 20/11/2017.

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRENCH, Hilary. *Conjuntos Habitacionais do século XX*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FROTA, José Artur D'Aló; CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira; BADAN, Rosane Costa; MAHLER, Ramos Christine; AMARAL, Camilo Vladimir de Lima. *Arquitetura moderna em Goiânia: desafios e limites da documentação para a preservação*. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 9., 2011. Anais. Brasília, jun. 2011. Disponível em: www.docomomo.org.br. Acesso em: 31/05/2017.

FROTA, José Artur D'Aló; CAIXETA, Eline M. M. Pereira. *Brutalismo: fronteiras Goiana*. X Seminário Docomomo Brasil – Arquitetura Moderna e Internacional. Curitiba, 2013.

GODOY, Armando Augusto de. *Relatório apresentado ao Sr. Dr. Interventor Federal, em Goiás, pelo Engenheiro Urbanista Dr. Armando de Godoi, relativo à construção da nova capital do Estado de Goiás nas proximidades da cidade de campinas*. Rio de Janeiro, 1933. In.: MONTEIRO, Ofélia S. do Nascimento. *Como Nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos tribunais, 1938.

GOI, *Goiânia art déco: acervo arquitetônico e urbanístico* – dossiê de tombamento. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010.

GOIANIA. Lei nº 196, de 23 de julho de 1937. *Portaria nº 67*. Goiânia, 1937. In. ALVAREZ, Geraldo Teixeira. *A luta na epopeia de Goiânia: uma obra de engenharia nacional*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1942.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Goiânia: Uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003.

HERNÁNDEZ, Martín. *La casa em la arquitectura moderna: repuestas a la cuestión de la vivienda*. Barcelona: Reverté, 2014.

LE CORBUSIER, *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naifa, 2004.

LEMOS, Carlos A.C. *A casa brasileira*. São Paulo, Veredas, 1989.

LEUPEN, Bernard. et al. *Project y análisis: evolución de los principios em arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

LIMA, Atílio Corrêa. *Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Dr. Pedro Ludovico Teixeira, pelo Engenheiro Corrêa Lima*. Campinas, 1935. In. MONTEIRO, Ofélia S. do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

LUCAS, Edinardo Rodrigues. *Cidades na Cidade: Habitação Social e produção do espaço Urbano em Goiânia*. Dissertação (Mestrado em arquitetura e urbanismo), Faculdade de Artes Visuais - (FAV), Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2016.

MAHLER, Christine Ramos; SILVA, Ciro Augusto de Oliveira. *Conceitos, estilo e formas arquitetônicas*. IN.: FILHO, Manuel Ferreira Lima; MACHADO, Laís Aparecida. *Formas e Tempos da cidade*. Goiânia: Editora UCG, 2007.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar*. Goiânia: Bandeirante, 2001.

MARINS, Paulo C. G. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In.:

SEVCENKO, N. (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELLO, Marcia Metran de. *Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *Goiânia cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Editora UFG, 2006.

MONTANER, Josep Maria. *A modernidade Superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2001.

_____. *La arquitectura de la vivienda colectiva*. Barcelona: Reverté, 2015.

MONTEIRO, Ofélia S. do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

MOTA, Juliana Costa. *Planos diretores de Goiânia, década de 1960: a inserção dos arquitetos Luís Saia e Jorge Wilhelm no Campo do planejamento urbano*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos. São Carlos: Universidade de São Paulo, 2004.

NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ª edição, São Paulo: Cosac Naify, 2014.

NETO, Eurípedes Afonso da Silva. *Goiânia Casa Moderna: 1950. 1960. 1970*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Adriana Mara V. de; ROMEIRO, Bráulio; AMARAL, Camilo Vladimir L.; CAIXETA, Eline M. M. Pereira; FROTA, José Artur D' Aló; BADAN, Rosane C. *Novas paisagens urbanas em Goiânia: arquitetura moderna institucional*. In.: CAIXETA, Eline M. M. Pereira; ROMEIRO, Bráulio. *Interloquções na arquitetura moderna no Brasil: o caso de Goiânia e de outras modernidades*. Goiânia: Editora UFG, 2015.

PAIXÃO, Ronaldo; CAIXETA, Eline M. M. Pereira. *Marcos na cidade: um protótipo moderno na paisagem urbana de Goiânia*. Belo Horizonte: 3º Colóquio Ibero-Americano, 2014.

PANERAI, Philippe. *Análise urbana*. Trad. Francisco Leitão. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

PDIG. *Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia*. Goiânia, Prefeitura de Goiânia, 2000.

PIRES, Jacira Rosa. *Goiânia: cidade pré-moderna do cerrado 1922-1938*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009.

RIBEIRO, Maria E. Jubé. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

RIBEIRO, Patrícia P. Azevedo; CRUZ, Denise G. R. de Oliveira. *A arquitetura moderna nas casas do arquiteto João Jorge Coury e nos edifícios residenciais da cidade de Uberlândia*. In: CAPELLO, Maria B. Capello; MARÍLIA, M. B. T. Vale; LAURENTIZ, Luiz C. de; BORDA, Luís Eduardo; RIBEIRO, Patrícia Azevedo (org.) *Documentação da arquitetura moderna no triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: Histórico e Preservação*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da Cidade*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Cidade-colagem*. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ª edição, São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 3ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SEGAWA, Hugo. *Rumo à industrialização: arquitetura da primeira metade do século XX*. In: BICCA, Briane E. P.; BICCA, P. R. S. *Arquitetura na formação do Brasil*. Brasília, UNESCO, 2008.

SOMEKH, Nádia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo 1920-1939*. São Paulo: USPP/FAPESP, 1997.

TRAMONTANO, Marcelo; VILLA, S. *Apartamento metropolitano: evolução tipológica*. In: Seminário História da Cidade e do Urbanismo, 2000. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria>>. Acessado em: 07/04/2017.

_____. *Espaços domésticos flexíveis*. 1993. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>>. Acessado em: 21/04/2017.

UNES, Wolney. *Identidade arte déco de Goiânia*. Goiânia, Editora UFG, 2001.

VAZ, Maria Diva A. Coelho. *A transformação do centro de Goiânia: renovação ou reestruturação?* Dissertação (Mestrado em Geografia). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.

VERISSIMO, F. S.; BITTAR, W. S. M. *500 anos de casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

ZAPATEL, Juan Antônio. *Visões urbanas e habitação no século XX*.

Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

Periódicos

Diário do Oeste, nº192, 26/10/1960.

Diário do Oeste, nº 261, 22/01/1961, ano II, p.1

Diário do Oeste, nº 269, 02/02/1961, ano II, p.10.

Diário do Oeste, nº 317, 04/04/1961, ano II, p.9.

Diário de Goiás, 14/07/1964.

O Popular, 10/06/1958, nº 331.

O Popular, 25/02/1962, ano XXIII, nº 4.277, p.6.

O Popular, 20/12/1962, ano XXXV, nº4.467

EDIFÍCIOS HABITACIONAIS EM ALTURA - Setor Central de Goiânia (1953-1975)
Data/autor/construtora/endereço e gabarito

Nº	Edifício	Data do projeto	Data de inauguração	Autor do projeto	Endereço	Construtora / Financiamento	Uso do pavimento térreo	Gabarito
1	Concórdia/ Pioneiro		1953	Não consta.	Av. Anhanguera, qd.23, lt.29.	IAPC	Comercial	6
2	Itumbiara		1954	Não consta.	Av. Goiás, nº 954.	Financiamento próprio	Comercial	5
3	28 de Agosto		1957-58	Sérgio Bernardes	Rua 4 esq. Rua 23, nº 421, Q.69 lt.30.	IAPB	Comercial	9
4	Drogasil		C.1957-61*	Não consta.	Av. Anhanguera esq. Rua 6. Qd. 52, Lt.34.	Não consta.	Comercial	8
5	Dona Chavia	1960	1964	Flávio de Sá Bierrenbach	Rua 3. Qd.20, lt.45, nº916.	Morse & Bierrenbach	Comercial	11
6	Fidelis		C. 1961/68*	Não consta.	Rua 3, qd.51, lt.103.	Não consta.	Comercial	18
7	Myrthes		C. 1961/68*	Não consta.	Rua 2, qd.18, Lt. 1/2.	Não consta.	Comercial	15
8	Queen Elizabeth		C. 1961/68*	Não consta.	Avenida Anhanguera, qd.62, lt.154.	Não consta.	Comercial	14
9	Wilson Féres		C. 1961/68*	Não consta.	Av. Goiás esq. Rua 5, qd.13, lt.55/97	Inc. União LTDA.	Comercial	15
10	Clara de Lourdes		1962	Não consta.	Rua 4, qd.24, Lt. 51, nº818.	Encol	Comercial	11
11	Esplanada	1962		RT. João Batista de Siqueira	Rua 3 esq. Rua 20, Qd. 61, lt.80, nº638.	Civilenge Ltda.	Comercial	9
12	Goiandira	1962		Não consta.	Rua 3, qd.21, lt.19.	Dália S.A.	Comercial	15
13	Kenedy	1962	1963	Silas Varizo / Armando José Norman	Rua 8 esq. Rua 5, qd.11, lt.52, nº680.	Irapuan S. da Costa	Residencial	16
14	Dom Pedro I	1964	1966	Salvador C. Moraes	Av. Goiás, qd.13, lt.105, nº981.	Inc. Irmãos Valle	Comercial	13
15	Uirapuru	1964		Salvador C. Moraes	Rua 2, qd.18, Lt. 07, nº320.	Inc. Irmãos Valle	Residencial	20
16	Bemosa		1965	Não consta.	Avenida Goiás, qd.10, Lt. 66/68	Não consta.	Comercial	23

17	Lilia		1965	Elias Antônio Borges Cruvinel	Av. Tocantins, nº303, Qd.65, Lt.43.	Financiamento próprio	Comercial	6
18	Tocantins		1965	Otton Nascimento	Rua 13, qd.65, lt.6/8/10.	Dália S.A.	Residencial/ pilotis	23
19	Acaiaca	1966	1971	Newton de Castro	Rua 82 esq. Rua 10, nº14, Qd.31, Lt.1/49	Inc. Irmãos Valle	Residencial	21
20	Cascatinha		1966	Não consta.	Av. Goiás, qd.4 Lt. 18.	Não consta.	Comercial	19
21	Dom João VI		1966	Não consta.	Av. Goiás, qd.13, lt.107, nº991.	Inc. Irmãos Valle	Comercial	10
22	Dom Pedro II		1966	Não consta.	Av. Goiás, qd.13, lt.109	Inc. Irmãos Valle	Comercial	13
23	Fenelon	1966		Não consta.	Av. Goiás, qd.4 Lt. 22/28	Não consta.	Comercial	18
24	Gesse		1966	Não consta.	Rua 7 esq. Rua 1, qd.4, Lt. 1/3/19, nº401.	Não consta.	Residencial	5
25	Alencastro Veiga		C.1968/75*	Ari Ribeiro Alencastro Veiga	Rua 3, nº856	Construtora Imobiliari	Comercial	23
26	Andrelli		C.1968/75*	Não consta.	Av. Araguaia, Qd. 39, lt.52, nº340.	Não consta.	Comercial	10
27	Araguaia		C.1968/75*	Não consta.	Rua 9, qd.26, Lt. 74, nº622.	Não consta.	Residencial	7
28	Induáia		C.1968/75*	Não consta.	Rua 20 esq. Rua 24, qd.77, lt.52, nº500.	Não consta.	Comercial	9
29	Javina		1968	Não consta.	Rua 5, qd.72, lt.3/92	Não consta.	Comercial	11
30	Marquês de Olinda	1968	1971	Reinaldo B. Bilemjian	Avenida Paranaíba esq. Av. Goiás. Qd.13, lt.60/113. Nº1.051.	Inc. Irmãos Valle	Comercial	23
31	Rural		C.1968/75	Não consta.	Rua3 esq. Rua 22, qd.40, Lt. 13/15, nº351.	Não consta.	Comercial	14
32	Dom Abel		1969	Não consta.	Rua 19, qd.31, Lt. 9/10/11.	Inc. Irmãos Valle	Residencial /pilotis	16
33	Princesa Isabel		1969	Não consta.	Avenida Goiás, qd.13, Lt. 103, nº971.	Inc. Irmãos Valle	Comercial	13
34	Edith	1973	1974	Fernando Graça e Flávio Almada	Rua 23, Qd. 68, lt.23/25.	Encol	Residencial	16
35	Liliane		1975	Antônio Lúcio F. Pinheiro	Rua 24, Qd. 77, lt.50.	Inc. Irmãos Valle	Residencial	8

*Data estipulada a partir das fotos aéreas.

Legenda: Edifícios construídos entre 1953 e 1964 – Edifícios construídos entre 1965 e 1975

Fonte: acervo da pesquisa.

Análise tipo-morfológica

N ^a	Edifício	Implantação				Detalhes da fachada principal	
		Tipos de quadras	Localização na quadra	Térreo e volume principal	Volume principal	Aberturas	Elementos
1	Concórdia/ Pioneiro	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo a divisa frontal e lateral do terreno com recuo posterior.	T	Isoladas	Fachada aumentada/ sacada
2	Itumbiara	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Subtrações no volume principal para iluminação e ventilação natural.	H duplicada.	Isoladas	Fachada aumentada/ sacada
3	28 de Agosto	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo a divisa posterior do terreno.	Curvilínea	Em fita	Saliências verticais e horizontais.
4	Drogasil	Quadras com ruas corredores	Esquina	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	E	Isoladas	Plana com sacadas que se encaixam no corpo do volume principal.
5	Dona Chavia	Quadra com rua interna de serviço	Meio de quadra	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais. Volume principal com subtração.	U	Em fita	Fachada aumentada com saliências verticais e horizontais.
6	Fidelis	Quadra com rua interna de serviço	Esquina	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	E	Isoladas	Fachada com saliências verticais/ horizontais e cobogós.
7	Myrthes	Quadra fechada	Esquina	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais. Volume principal com subtração.	Y	Isoladas	Saliências horizontais.
8	Queen Elizabeth	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	E	Isoladas	Saliências verticais.

9 Wilson Féres	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo as divisas frontais e laterais do terreno.	L com subtração	Isoladas	Saliências verticais.
10 Clara de Lourdes	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais. Volume principal com subtração.	I	Em fita	Saliências verticais
11 Esplanada	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo as divisas frontais e laterais do lote.	L	Isoladas	Saliências horizontais
12 Goiandira	Quadra com rua interna de serviço	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo a divisa frontal do terreno com recuo posterior.	T	Em fita	Saliências verticais
13 Kenedy	Quadra com ruas corredores	Esquina	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais.	I	Isoladas	Fachada aumentada/sacada
14 Dom Pedro I	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	H	Isoladas	Saliências verticais
15 Uirapuru	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais. Volume principal com subtração.	L com adição	Lineares	Fachada aumenta com Saliências horizontais/verticais e sacadas.
16 Bemosa	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo a divisa frontal e lateral do terreno com recuo posterior.	L com subtração	Lineares	Plana
17 Lilia	Quadra fechada	Meio de quadra	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo as divisas frontal e lateral do terreno com recuo posterior.	U com adição	Em fita	Fachada aumentada e sacadas.
18 Tocantins	Quadra fechada	Esquina	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais. Volume principal com subtração.	I	Em fita	Saliências verticais.
19 Acaiaca	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo a divisa frontal e lateral com recuo posterior.	T	Em fita	Saliências verticais.

20 Cascatinha	Quadras com ruas corredores	Meio de quadra	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo a divisa frontal do terreno e recuo posterior.	L	Simulam as janelas em fita	Saliências horizontais.
21 Dom João VI	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	H	Isoladas	Saliências verticais e horizontais.
22 Dom Pedro II	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	H	Em fita	Saliências verticais.
23 Fenelon	Quadras com ruas corredores	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo as divisas frontais e laterais do terreno.	L	Em fita	Fachada aumentada com saliências verticais/horizontais e cobogós.
24 Gesse	Quadras com ruas corredores	Esquina	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais.	I com adição	Em fita	Plana
25 Alencastro Veiga	Quadra com rua interna	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	U	Em fita	Saliências verticais.
26 Andrelli	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com recuo posterior.	H com adição	Em fita	Saliências verticais.
27 Araguaia	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único com recuo posterior, faces paralelas aos limites frontais e laterais.	H com adição	Isoladas	Plana
28 Induáia	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo as divisas frontais do lote.	L	Isoladas	Plana
29 Javina	Quadra fechada	Esquina	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	L com subtração	Em fita	Saliências verticais/horizontais com cobogós.

30	Marquês de Olinda	Quadra fechada	Esquina	O térreo ocupa toda a superfície do lote e o volume principal é paralelo a divisa frontal e lateral do terreno com recuo posterior.	T	Isoladas	Plana
31	Rural	Quadra fechada	Esquina	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	H	Isoladas	Saliências verticais e cobogós.
32	Dom Abel	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único com recuo frontal e posterior e faces paralelas aos limites laterais do lote.	H	Isoladas/em fita	Saliências verticais
33	Princesa Isabel	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	H	Isoladas	Saliências verticais.
34	Edith	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único com recuo frontal e posterior e faces paralelas aos limites laterais do lote.	Curvilínea	Em fita	Plana
35	Liliane	Quadra fechada	Meio de quadra	Volume único que ocupa toda a superfície do lote e faces paralelas aos seus limites. Volume principal com subtração.	H	Isoladas	Plana com cobogós.

Legenda: Edifícios construídos entre 1953 e 1964 – Edifícios construídos entre 1965 e 1975

Fonte: acervo da pesquisa.

Análise pavimentos tipo												
Edifícios	APARTAMENTOS						PAVIMENTO TIPO					
	Área total dos setores (m²)			Integração entre os ambientes			Observações	Área total dos apart. (m²)	Qt. Apart. por andar	Acessos serviço/social.	Área total (m²)	
	Social	Serviço	Intimo	Cozinha / sala de jantar	Cozinha/ área de serviço	Sala de Jantar/ estar					Núcleo de circ.	Pavimento tipo
Concórdia e Pioneiro	23,60	26,50	42,93	Sim	Não	Não	Sacada. Quarto de empregados	93,3	2	Sim	25,6	208,4
28 de Agosto	3Q: 18,60/ 2Q: 14,40	3Q: 27,60/ 2Q: 16,80	3Q: 49,8/ 2Q: 33,40	Não	Sim	Não		3Q: 95,80/ 2Q: 68,90	4	Sim	53,05	385,5
Wilson Féres	19,40	25,80	60,40	Sim	Não	Não	Quarto de empregados	106,18/ 109,30	2	Sim	26,3	238,6
Kennedy	65,80	40,25	81,70	Não	Não	Não	Sacada, rouparia, escritório (com lavabo).	187,22	1	Sim	16,45	203,67
Dom Pedro I	23,70	24,45	52,20	Sim	Não	Não	Quarto de empregados	100,7	4	Sim	35,4	438,8
Acaiaca	27,80	50,70	64,30	Sim	Não	Não	Quarto de empregados	144,5	2	Sim	41,7	330,7
Fenelon	Tipo A: 78,50 e Tipo B: 1) 31,70 e 2) 33,53.	Tipo A: 33,52 e Tipo B: 1) 24,26 e 2) 39,5.	Tipo A: 129,9 e Tipo B: 1) 68,10 e 2) 58,6.	Sim	Não	Sim	Tipo A: escritório.	Tipo A: 242,7 e Tipo B: 1) 114,20 e 2) 127,9.	Tipo A: 1 e Tipo B: 2	Sim	33,20	277,90
Dom Abel	19,20	20,70	48,44	Sim	Não	Não	Quarto de empregados	90,5	8	Sim	38,95	790,3
Edith	Tipo A: 49,3 e Tipo B: 68,14	31,50	66,70	Não	Não	Sim	Escritório/ quarto	Tipo A: 148,20 e Tipo B: 167,1	4	Sim	24,2	660,32

Legenda: Edifícios construídos entre 1953 e 1964 – Edifícios construídos entre 1965 e 1975. Fonte: acervo da pesquisa.